

CHUANG TZU

ENSINAMENTOS ESSENCIAIS



TRADUZIDO DO CHINÊS E ORGANIZADO POR

**SAM HAMILL
J. P. SEATON**

Cultrix

Chuang Tzu

Ensinamentos Essenciais

TRADUZIDO DO CHINÊS E ORGANIZADO POR
Sam Hamill e J. P. Seaton

Chuang Tzu

Ensinamentos Essenciais

Tradução: EDUARDO PEREIRA E FERREIRA



EDITORIA CULTRIX
São Paulo

Título do original: The Essential Chuang Tzu

Copyright © 1998 Sam Hamill e J. P. Seaton.

Publicado mediante acordo com Shambhala Publications, Inc.
P.O. Box 308, Boston, MA 02117 USA.

Todos os direitos reservados. É expressamente proibida a reprodução ou utilização de qualquer parte deste livro, por quaisquer meios, eletrônicos ou mecânicos, inclusive photocópias, gravação sonora ou qualquer tipo de sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a devida autorização.

O primeiro número à esquerda indica a edição ou reedição desta obra. A primeira dezena à direita indica o ano em que esta edição, ou reedição, foi publicada.

1-2-3-4-5-6-7-8-9

00-01-02-03-04-05

Direitos de tradução para o Brasil
adquiridos com exclusividade pela
EDITORIA CULTRIX LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 374 - 04270-000 - São Paulo, SP
Fone: 272-1399 - Fax: 2724770
E-mail: pensamento@snet.com.br
<http://www.pensamento-cultrix.com.br>
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso em nossas oficinas gráficas.

Para Burton Watson

E Para

*Christopher Yohmei Blasdel,
Jerry Douglas, Russ Barenberg
e Edgar Meyer*

Sumário

Prefácio.....	9
Introdução dos Tradutores do Chinês.....	13
Um Vagar Livre e Lasso.....	18
Sendo Todas as Coisas Iguais.....	29
Vida Que Alenta.....	39
No Mundo dos Homens.....	42
O Signo e o Selo do Poder da Virtude Sobre os Seus Dois Pés.....	53
O Grande Mestre Ancestral.....	61
Respostas para Imperadores e Reis.....	72
Pés Palmados.....	77
Os Cascos dos Cavalos.....	81
O Roubo da Bagagem.....	84
Ficar em Casa, Nada Possuir.....	89
Céu e Terra.....	98
As Enchentes de Outono.....	99
Conquiste a Alegria.....	110
Aprenda a Viver.....	116
A Árvore da Montanha.....	126
O Conhecer Subiu ao Norte.....	135
Os Reinos da Lesma.....	142
Coisas Exteriores.....	144
O Bandoleiro Chih.....	151
Falando de Espadas.....	158
O Velho Pescador.....	162
Glossário.....	169

Prefácio

Se todos os poetas, pintores e escritores chineses de todos os tempos fossem interpelados e instados a relacionar um único livro como leitura predileta, certamente a escolha recairia sobre os escritos do mestre Chuang. O livro que veio a ser conhecido como Chuang Tzu* é uma antologia do antigo pensamento taoísta. Pelo menos sete dos 33 capítulos que chegaram até nós podem ser atribuídos ao filósofo Chuang Chou (369-286 a.C.). A atração que o livro exerceu sobre os intelectuais chineses ao longo dos milênios se deve tanto ao conteúdo quanto ao estilo. A mensagem de liberdade e não-conformismo de Chuang Tzu liberta a mente chinesa e fornece um saudável antídoto contra os valores éticos e sociais adotados pelos confucionistas. O autor era um contador de histórias nato, além de sublime artífice da palavra: usava todos os recursos da língua que lhe era disponível — da anáfora ao zeugma, hipérboles e lítotes, paralelismos e antíteses, paradoxo e humor e, mais devastador que tudo, o artifício conhecido como non sequitur ("disso não se conclui que"). Chuang Tzu lançou mão de um vasto repositório de antigos mitos e lendas chinesas, da história não registrada e também de um conhecimento enciclopédico daquilo que se pode chamar de "história natural inatural" — tudo para tecer, com parábolas e debates anedóticos, a visão de um homem céptico e místico num mundo assolado por constantes e perigosas escolhas morais.

Existem hoje muitas traduções completas ou parciais para o inglês do Chuang Tzu — incluindo as do século passado, de Herbert Giles (1889) e James Legge (1891); as contribuições mais modernas e eruditas de Arthur Waley (1939) e Burton Watson (1964 e 1968); as mais poeticamente matizadas de Lin Yutang (1948) e Thomas Merton (1965); e as ainda mais recentes e eruditas de Angus C. Graham (1981) e Victor H. Mair (1994). Porém, a nova retradução de Sam Hamill e Sandy Seaton desse admiradíssimo clássico taoísta tem muitas qualidades, especialmente a ousadia da abordagem e o uso inventivo da linguagem. Permitam me detalhar.

O livro é um trabalho conjunto de dois dos mais talentosos artífices da palavra da sua geração, e tem uma linguagem vibrante e pitoresca. Mira a facilidade de leitura, a ponto mesmo de ignorar a fidelidade formal na tradução. No que diz respeito à tarefa de traduzir de uma língua a outra, supõe-se geralmente haver duas abordagens possíveis: a literal e a livre. Mas os tradutores mais experientes perceberam que há uma terceira alternativa preferível, que é temperar a fidelidade ao original com expressividade na língua-alvo para combinar objetividade e elegância; em suma, para alcançar aquilo que se consideram os três desideratos da tradução: *hsin* (fidelidade), *ta* (expressividade) e *ya* (elegância).

No caso da tradução de um texto filosófico que prima pela concisão, muitos consideram óbvio que a abordagem literal é a menos recomendável, e não deve ser usada exclusivamente. Se o tradutor não dá atenção a isso, é comum encontrar, como ocorre na tradução de Fung Yu-lan, passagens como esta: "O universo é um dedo; todas as coisas são um cavalo. O possível é possível. O impossível é impossível. O Tao faz as coisas e elas são o que são. O que são elas? São o que são. O que não são? Não são o que não são" (Chuang Tzu, 1931; reimpresso em 1989, p. 45). Mesmo na tradução mais recente e lúcida de Victor Mair (*Wandering on the Way*, 1994), encontramos este trecho: "O céu e a terra são como um dedo; as coisas incontáveis são como um cavalo. A afirmação reside no afirmar; a negação reside no negar. O caminho nasce sob os pés do caminhante; uma coisa é assim porque as pessoas a chamam assim. Por que as coisas são assim? São assim porque nós as declaramos assim. Por que as coisas não são assim? Não são assim porque declaramos que não são assim" (p. 16). Contraste os trechos acima com a ousada redução desses argumentos nas poucas

* Chuang Tzu publicado pela editora Cultrix, São Paulo, 1987.

palavras de Hamill e Seaton: "Céu-e-terra são um dedo. Todas as dez mil coisas são um cavalo. Certo? Não. Certo? Certo. Ande no Tao. Tudo realize. Diga as palavras, que assim serão. Como assim? Assim? Como não assim? Não tão assirtú" (capítulo dois). Brincadeira de mau gosto? Absolutamente justificável.

Também é preciso ter em mente que Chuang Tzu não é apenas filósofo, mas poeta. Em certa passagem, Chuang Tzu usa o substantivo primavera como verbo, artifício que tanto cativou Burton Watson que, como ele explica na sua Introdução (*The Complete Works of Chuang Tzu*, p. 19), tentou reproduzir o efeito traduzindo assim: "... jamais deixe escapar a alegria... e dela faça primavera em tudo" [itálico meu] (capítulo cinco, *Ibid.*, p. 74). Mas tão mais natural soa o mesmo trecho na tradução de Hamill e Seaton: "Não permita jamais que a alegria se perca... eternamente na primavera das coisas", embora se saiba que não é uma tradução literal.

Em toda a tradução, os dois tradutores ousam ser originais (e controversos), ocasionalmente inventando uma nova expressão idiomática, como se vê no uso onomatopáico de palavras como *uâ* ou *catapofe** — para sugerir quase deliberadamente um pouco do engenho e do capricho do texto original. Além disso, os personagens que aparecem nas histórias e anedotas do Chuang Tzu podem, em termos gerais, classificar-se em três categorias: a primeira aborda figuras históricas como Confúcio e o lógico Hui Tzu (Hui Shih, c.370-310? a.C.); a segunda trata de seres mitológicos ou lendários como Fu Hsi (o Prometeu da China) ou o Imperador Amarelo. Mas um terceiro grupo, igualmente grande, é composto por personagens ou seres criados a partir da substância infundada da visão do autor — como um Pistol ou um Caliban** —, aos quais Chuang Tzu muitas vezes dava nomes fantasiosos. Esses nomes próprios, no seu estado original transliterado, significam muito pouco para os leitores de língua inglesa. Mas se o tradutor tenta aludir às qualidades morais ou físicas dessa pessoa (ou criatura) assim descrita ou caricaturada, aí sim impõe-se um desafio da maior magnitude. Watson dá como nome de certo personagem a simples transliteração do original chinês, "Nieh Ch'ueh", mas esse mesmo personagem aparece como "Dente Separado" na tradução de A. C. Graham e como "Buraco na Mordida" na de Victor Mair. Hamill e Seaton batizam-no "sr. Dente Lascado".

Abundam aperfeiçoamentos desse tipo nos vários capítulos da nova versão. Outro exemplo se encontra no capítulo 11, onde conhecemos um personagem chamado Nuvem-geral (Yun-chiang) que vaga pelo universo em busca de uma resposta para o bom governo e acaba encontrando um ser que lhe ensina o valor da transcendência pela não-ação. Esse personagem no *Chuang Tzu* recebe o nome de Hung-meng, com o segundo ideograma, *meng*, escrito sem o radical que significa água. Hoje, sem acesso a provas textuais mais confiáveis, é impossível saber se Chuang Tzu fez ou não uma modificação deliberada. Mas a maioria dos comentadores, de Hsiang Hsiu (morto em 272) e Kuo Hsiang (morto em 312) até a nossa época, aceitou essa palavra composta ou combinação limada como cognato de *meng-hung*, com o segundo ideograma grafado com o radical que significa água. Embora a combinação *Hung-meng* ocorra somente no *Chuang Tzu*, o inverso, *meng-hung* (com o radical que significa água), ocorre três vezes no *Hua-nan Tzu* (c.140 a.C.), outro antigo clássico taoísta, e é sempre interpretado pelos primeiros comentadores como "o éter indiferenciado do universo antes da criação". Mas, quando grafado sem o radical que significa água, a palavra *meng* significa "ignorância"; o termo ocorre no *I Ching - O Livro das Mutações**** como o quarto dos 64 hexagramas, traduzido por Richard Wilhelm como "Insensatez da Juventude" — compõe-se dos trigramas *ken*, acima, que significa "conservar-se imóvel, montanha", e *k'an*, abaixo, que significa "o abissal, água" (I, 20). E, como a língua chinesa permite que uma palavra tenha muitos significados, não seria errado aceitar que a primeira delas, *hung*, signifique também "grande ganso selvagem" (e esse significado também remonta a tempos antigos, ao *Livro da Poesia*, ou *Shih-ching*).

Com todas essas alternativas, como poderia o tradutor traduzir o nome desse ser singular? E a

* *Hua* e *kerlop* no original inglês, onomatopéias chinesa e inglesa, respectivamente. (N.T.)

** Personagens shakespearianos. (N.T.)

*** Publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 1983.

forma como ele é apresentado? Eis a solução de Herbert Giles: "O Espírito das Nuvens... calhou de harmonizar-se com o Princípio Vital. Este, percutindo as costelas, saltitava" (p. 129). O "Princípio Vital" foi retratado como "Vasta Obscuridade" por Victor Mair (p. 97), onde é descrito assim: "lá estava ele divertindo-se, dando tapinhas nas coxas e saltitando como um pardal". E essa criatura que se dirigia ao Nuvem-chefe foi descrita por Watson como "Grande Ocultação, batendo nas coxas e saltitando como pardal" (p. 121). Todas essas são tentativas válidas de traduzir para o inglês de hoje esse episódio tão engraçado. Mas o primeiro prêmio, penso eu, deve ir para Hamill e Seaton, cuja versão dá: "Nuvem-geral... encontrou o Pateta Gansão. Tamborilando o barrigão, o Pateta Gansão já ia embora como pardal saltitante." O jogo de palavras, claro, traz o risco da censura do purista, especialmente quando uma tentativa de reconstrução etimológica pode revelar-se errada ou sem rumo. Mas também é preciso reconhecer um sucesso dessa natureza: no mínimo, evoca o mais glorioso e também o mais brilhante dos tipos de excessos praticados por Ezra Pound.

Assim, um admiradíssimo clássico taoísta da antiga China — que a idade não consegue depreciar e cuja infinita sabedoria, graça e sutileza tampouco podem ser debilitadas por incontáveis empréstimos e furtadelas ao longo das eras — recebe um novo sopro de vida, num inglês americano de leitura empolgante.

IRVING YUCHENG LO
Fearnrington Village
Domingo de Ramos, 1998

Introdução dos Tradutores do Chinês

Ninguém escreveu o livro clássico que leva o nome do avô do taoísmo filosófico, Chuang Tzu. Nem o mestre Chuang Chou nem os outros antigos filósofos chineses da dinastia Chou (século III a.C.) escreviam livros. Registravam poemas, canções, ensaios curtos, conversas e anedotas, anotando-as em tiras de bambu que depois eram unidas e dobradas em rolo. Cada "capítulo" do Chuang Tzu era composto de um rolo. Acredita-se geralmente que os capítulos 1 a 7, os "Capítulos Interiores", são a compilação do próprio *Chuang Tzu* ou dos seus discípulos imediatos, e que os capítulos "exteriores" e "heterogêneos" foram acrescentados, editados ou resumidos por mãos diversas. No tempo da dinastia Han (século I a.C.), a edição da Biblioteca Imperial continha 52 capítulos. A forma atual do *Chuang Tzu* "completo" em 33 capítulos foi organizada por Kuo Hsiang no século III d.C.

Chuang Tzu habita um território onde a história e o mito se fundem. Pouco se sabe sobre suas origens ou sobre sua vida. Como os mestres budistas do zen (ch'an) que, vários séculos mais tarde, muito beberam da sua técnica e dos seus ensinamentos, Chuang Tzu acreditava que cada um de nós é a fonte do próprio sofrimento e que boa parte desse sofrimento é resultado direto da nossa insistência em rotular as coisas de "boas" ou "más", recusando-nos a aceitar aquilo que simplesmente é. Ele acreditava que as pessoas desperdiçam a vida por apegarem-se a *coisas*. Seu manejo do paradoxo e de surpreendentes justaposições provavelmente inspirou o koan zen. Chuang Tzu adorava perguntas que destroem nossa ridícula insistência no comportamento "racional".

Os ensinamentos do mestre Chuang, ao lado daqueles do igualmente lendário Lao Tzu e seu *Tao Te Ching** (se é que de fato houve um Lao Tzu e se é que ele realmente escreveu o *Tao Te Ching*), compõem os princípios básicos do taoísmo filosófico. Como Chuang Tzu viveu num tempo em que as classes letradas eram versadas nos ensinamentos moralistas de Confúcio, especialmente o *Clássico da Piedade Filial* e os *Analectos*** não é de surpreender que o sábio taoísta ridicularize os pomposos e zombe das suposições convencionais sobre "justiça" e "benevolência". Ele era tão dedicado àquilo que Carl Jung, mais de dois milênios mais tarde, chamou de "auto-realização" ou "individuação" quanto o era Confúcio ao ideal da benevolência social. Nos séculos seguintes, o taoísmo funcionou como contrapeso do confucionismo, e esses dois ensinamentos se amalgamaram numa filosofia social. O budismo acabou fornecendo o terceiro dos Três Sistemas (*san chiao*) entrelaçados que dominaram o pensamento e a política social chinesa até este século.

A importância de Chuang Tzu é quase inestimável. Ele foi estudado por todos os grandes poetas e filósofos da China, do Japão, da Coréia e do Sudeste Asiático dos últimos dois mil anos. Lá Po o cita; Tu Fu nele busca consolo; Basho não saía de casa sem ele. No Ocidente, Ezra Pound, sempre confuciano, discute com ele; Gary Snyder torna-se seu companheiro. Ele é lido por prazer, para edificação pessoal, e pelo mais puro e absoluto deleite.

Diante das convicções de Chuang Tzu sobre a linguagem — especificamente, de que as palavras não têm significados absolutos, exceto aqueles que são geralmente aceitos — e diante da sua insistência na concentração e na espontaneidade como fonte da arte e da vida, o livro chamado *Chuang Tzu* deve ser abordado pelo tradutor como uma obra de arte que apresenta uma enorme gama de problemas e possibilidades. Tentamos desenvolver uma abordagem sistemática na nossa tradução, num esforço de registrar e espelhar a arte de Chuang Tzu, ao mesmo tempo nos

* Tao-Te-King, publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 1997.

** Publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 1983.

desdobrando para não nos esforçar *demais*.

Fomos o mais coerentes possível na tradução de termos que aparecem em capítulos sucessivos para reduzir a confusão, ainda que saibamos que pouco ou nada do material que vem depois dos "Capítulos Interiores" foi composto pelo próprio Chuang Tzu. Seus seguidores e companheiros o conheciam melhor do que nós hoje. Quando usam o vocabulário do mestre, é geralmente com um fim claro e conspícuo em mente. Assim estamos convencidos de que nos trechos em que o contexto do inglês exija talvez variação na tradução de um dado termo, a coerência na tradução desses termos quase sempre proporciona maior profundidade, além de textura mais ampla, possibilitando a *recrit(e)ação* da deliberada ironia.

T'ien hsia, por exemplo, significa literalmente "sob o céu" e alude ao "império", o reino legal do legítimo imperador ou "Filho do Céu". É um termo deliberadamente político. Mas para Chuang Tzu também significava "todo o mundo" ou "tudo o que existe sob o céu", ou até "a totalidade da realidade fenomênica na terra". E em alguns contextos, costumava significar simplesmente "todas as pessoas". Outros tradutores usaram *o estado*, *o mundo*, e assim por diante, dependendo do contexto. Mantivemos em todo o texto a expressão *Tudo sob o céu* por acreditar que, como no original, sua repetição nos vários contextos permite o irônico jogo com significados como "o império" e o prosaico "todas as pessoas", com o intuito de expressar ressonância, esclarecimento ou ênfase.

A tradução dos termos *t'ien*, *ti* e *jen* (céu, terra e pessoas) apresenta outro conjunto de problemas. *T'ien*, "céu", não significa, como na religião popular, um lugar com anjos, portas de pérola e um velho vovozinho de barbas brancas, e não sugere um deus como Yahweh. Nem pode ser traduzido meramente como *leis da natureza* ou *lei natural*, embora isso faça parte do seu significado. Pode significar "céu" (abóbada celeste) ou algo como "natureza" ou ainda como "deus". Decidimos traduzi-lo literalmente como *céu* para possibilitar um acréscimo de significado dependendo do contexto.

Jen, simples desenho de dois traços de uma figura humana, é o ideograma chinês para "pessoa" ou "humanidade". Só em contextos específicos significa "homem". E também usado em determinados contextos para referir-se a todas as coisas artificiais, ou seja, feitas pelas mãos humanas.

O conjunto das três palavras *t'ien*, *ti* e *jen* denotava, para Chuang Tzu, um conceito filosófico ou mesmo cosmológico. O céu é todo yang, a terra toda yin e a humanidade é composta por uma combinação equilibrada dos dois. Juntas são conhecidas como as Três Forças, que, segundo se acreditava, regiam a vida e a sociedade humanas e assim eram levadas em conta em todos os níveis na hora de tomar uma decisão.

Essa tradução lança mão de um estudo mais etimológico do que provavelmente qualquer tradução anterior. Especialmente nos períodos mais recuados, quando o vocabulário escrito era limitado e os elementos pictográficos e ideográficos ainda superavam em número os elementos parcialmente fonéticos e menos interessantes (que perfazem 80% dos caracteres modernos), é às vezes mais fácil perceber a gama de significados de um ideograma chinês pela análise dos seus elementos significativos do que pela consulta a um dicionário. Por exemplo, procure num dicionário os caracteres *hao* e *jen* (homônimo do *jen* mencionado acima) e irá encontrar "bem" como definição dos dois. *Hao* é o desenho de uma mulher com uma criança, palavra perfeitamente eloquente e terrena. *Jen*, por outro lado, é uma abreviada figura humana ao lado do número dois, uma maravilhosa *abstração* que pretende representar o modo como os seres humanos tratam ou devem tratar uns aos outros pelo fato de serem humanos — solidariedade da espécie, grande idéia promovida pela primeira vez ao grau de filosofia pelo próprio Confúcio.

O mestre Chuang, como os grandes poetas da era T'ang que estudavam sua obra, claramente fazia uso artístico dos elementos visuais dos ideogramas. Assim, precisamos prestar atenção tanto aos aspectos semiológicos quanto aos etimológicos do chinês. Um autor pode criar forte reforço visual para efeitos puramente lingüísticos escolhendo ideogramas com elementos pictóricos que se

encaixem no tema, mesmo quando os significados dos ideogramas não dependam desse elemento pictórico. Para representar "umidade fecunda", por exemplo, o autor pode escolher ideogramas — substantivos, adjetivos, verbos e até pronomes e preposições — que contenham qualquer uma das várias representações da água: o ideograma mesmo de água, reduzido no tamanho e inserido dentro, acima ou abaixo do corpo principal do "novo" ideograma; ou três pontinhos, gotinhas de água, colocados à esquerda; ou mesmo uma linha quebrada sobre outra linha inteira sobre outra linha quebrada — figura que forma um dos oito trigramas do I Ching.

O famoso poema "Noite Tranqüila" do poeta Lá Po, da era T'ang, usa somente vinte ideogramas. Mas o poeta inclui dois ideogramas para lua e quatro outras luas: duas na repetida palavra radiante, uma na preposição *perante* (ou *defronte de*) e uma oculta no verbo *fitar*. Não menos que 30% das palavras do poema contêm representações visuais da lua, objeto e imagem centrais ao tema do poema. "Noite Tranqüila" é um afamado feito de genialidade, mas a técnica não é incomum. Todo o jogo de palavras com o termo pé que ocorre no capítulo 5 do *Chuang Tzu* deriva diretamente do original, onde o elemento pé está patentemente presente numa proporção muito maior de ideogramas do que em qualquer outro capítulo. (Pés, especialmente pés amputados, são uma fonte contínua de humor admonitório e ligeiramente macabro em todo o livro.) Nos trechos em que a linguagem do mestre Chuang oferece tais recursos, nós, como tradutores, os aceitamos agradecidamente.

Emprega-se uma gama estonteante de técnicas literárias na escrita do *Chuang Tzu*, especialmente nos "Capítulos Interiores". Assim mesmo, o texto não passa de uma compilação de poemas, fábulas, colóquios e anedotas da clássica tradição oral, histórias para ouvir tanto quanto para estudar textualmente. Com isso em mente, buscamos um estilo em prosa que soe tão natural quanto uma boa conversa, sem sacrificar as qualidades elípticas ou enigmáticas do original. O mestre Chuang gostava de vagar, tanto que não via necessidade de vincular uma idéia a outra, essa história àquele poema. Elos há, e são freqüentes, mas precisam ser descobertos pelo leitor atento. O grande taoísta não amava idéias e não se apegava a elas; porém, os ritmos e os prodígios da mente pensante empenhados no processo de espontânea auto-revelação são presença quase constante no *Chuang Tzu*. O seu pensamento e a sua escrita são o pensamento e a escrita de um poeta, seja em prosa ou em verso.

Nossa tradução se baseia no texto da Concordância Harvard-Yenching. A própria concordância nos foi especialmente útil por permitir verificar a freqüência de uso de determinadas palavras e até, com um pouco de esforço, a freqüência do uso de elementos fonéticos e significantes que tivessem importância semiológica. Sem esse excelente segmento da prodigiosa Harvard-Yenching Index Series teríamos tido pouca base para sustentar nossas intuições. Também consultamos com freqüência etimologias no *Shuo-wen*, de Weiger e Karlgren, e no Erh Ya, da Harvard-Yenching; e ainda comentários chineses e japoneses, especialmente a notavelmente sucinta compilação de texto e comentários de Wang Shu-min, *Chuang Tzu ch'iao ch'uan* (Taipei, 1988).

Também recorremos, com verdadeiro prazer, às traduções inglesas i lisponíveis, incluindo as traduções parciais, poéticas e livres de Thomas Merton e Martin Buber, esta traduzida do alemão por Jonathan Herman em *I and Tao* (State University Press of New York, Albany, 1996). Qualquer tradutor desse texto antigo se apóia nos ombros, se não sempre gigantes, de uma torre pelo menos ligeiramente inclinada de predecessores que abarca tanto estudiosos do chinês quanto tradutores modernos. Alguns têm uma perna mais curta que a outra, talvez por terem perdido um dos pés (ou o apoio dos pés) pelo caminho. O texto foi surpreendentemente bem conservado, e muitas vezes brilhantemente interpretado nos comentários e traduções, o que nos ajudou em cada passo do caminho.

Chuang Tzu

Ensinamentos Essenciais

Um Vagar Livre e Lasso

[CAPÍTULO I]

Bem lá na remota Escuridão do Norte vive um peixe chamado K'un, tão grande que sua largura não tem medida. Mas de repente — uá! — transforma-se num pássaro chamado P'eng*, de costas tão compridas que não há como saber onde terminam. Só com enorme esforço pode alçar-se sobre imensas asas que cobrem o firmamento como nuvens de um lado a outro do céu. Que pássaro é esse! Quando se põe a voar, percorre toda a distância até a Escuridão do Sul, que também se chama Poço do Céu.

O venerável tomo *As Melhores Piadas de Ch'i* registra muitos prodígios, inclusive este: "Quando o P'eng decola rumo à Escuridão do Sul, as ondas do mar se abafam por uma extensão de mil milhas ou mais. Adejando as grandes asas, sobe até trinta mil milhas pelo céu, depois voa para o sul durante três meses até pousar. Tropel de cavalos selvagens? Poeira e pó se levantam. Mas toda coisa viva vira caos quando o P'eng pára para descansar."

Esse azul mais azul dos céus — será uma cor real ou só o resultado de estar ele assim tão longe? Quando o P'eng olha para baixo, tudo o que vê é o azul. Todos sabemos que água rasa não levanta nem sustenta um barco. Um pouco d'água derramada numa fenda do chão é o bastante para fazer flutuar uma semente de mostarda, mas pouse na fenda o copo do qual se verteu a água, e a água rasa o manterá no fundo. O mesmo se dá com o vento: quando não é forte, não pode ajudar a erguer asas grandes. E preciso uma ventania de noventa mil *li*** para que o P'eng flutue no vento, o céu às suas costas e nada que impeça sua jornada rumo ao sul.

A cigarra e a pombinha se riem, dizendo:

Quando queremos voar, podemos facilmente alcançar os ramos mais baixos das árvores pequenas; ou, se não conseguimos, voltamos para o chão. Por que é que alguém iria querer voar até trinta mil quilômetros de altura e rumar para o sul?

Para uma caminhada na mata perto de casa, leva-se geralmente três refeições e volta-se bem alimentado. Se se vai viajar trinta milhas, mói-se trigo na véspera da partida; quem viaja mil milhas precisa de mantimentos para três meses. Mas alguns carunchos na farinha não farão diferença.

A compreensão inferior não chega aonde chega a compreensão superior. A juventude não sabe o que ensina a idade. Como sei? O cogumelo da manhã não discerne a alvorada do crepúsculo. A cigarra do verão não conhece nem a primavera nem o outono. E assim é com a juventude.

No sul de Ch'u, existe uma árvore chamada Arvore do Espírito Sombrio. Quinhentos anos inteiros não passam de uma única primavera para essa árvore, quinhentos anos lhe são um mero outono. Em tempos realmente remotos, existia a árvore Tachun, que a cada oito mil anos contava uma primavera, outros oito mil, um único outono. E no entanto hoje só se ouve falar do mestre P'eng, que viveu meros mil e novecentos anos. Todo mundo simplesmente precisa ser como ele! Nada mais patético!

Nas Interrogações de Ch'ipor T'ang, repete-se o relato: "No norte nu e seco, existe um mar sombrio chamado Poço do Céu, onde vive um peixe chamado K'un, que tem largura de mil milhas e sabe-se lá quanto de comprimento. E um pássaro chamado P'eng, de costas altas como o monte T'ai e asas vastas como as nuvens dos céus. Levanta tufões ao subir milhares de quilômetros, cortando a

* Ver glossário.

** Medida de distância chinesa que equivale aproximadamente a meio quilômetro. (N.T.)

própria alma das nuvens, erguendo o céu azul. Arremete depois ao sul sem desicantar até chegar às profundezas do mar da Escuridão do Sul."

O pardal, que não chega a ter trinta centímetros, ri-se dizendo:

— Ah, esse tal! Que é que pensa que está fazendo? Um pulinho, uma batida de asas, e já estou no ar; poucos metros adiante já estou no chão de novo. Esvoaço entre capins e sarças. Ora, isso é que é voar para chegar aonde se quer ir! Mas e esse tal! Aonde será que pensa que vai?

Há essa distinção entre o Grande e o Pequeno!

E isso também vale para aquele que pensa que sabe desempenhar com eficiência determinada função oficial, aquele cuja conduta talvez sirva de exemplo para os vizinhos, cujas capacidades podem atender às necessidades de determinado senhor, ou mesmo de um estado. Esse homem faz uma auto-análise, como as pequenas criaturas. Mestre Sung Jung Tzu cairia na gargalhada. Ainda que todo o mundo o recompensasse ele não moveria um dedo a mais; ainda que o mundo todo o considerasse errado ele persistiria. Pois sabe o que é Interior e o que é Exterior; conhece a diferença entre a verdadeira honra e a vergonha. E simples assim. Neste mundo, poucos conseguem igualá-lo no tocante a instintivamente saber e fazer o que é certo. Mas apesar da sua proximidade da perfeição, ainda não alcançou a perfeição de uma árvore.

Lieh Tzu fazia do vento seu carro e viajava ligeiro e com considerável facilidade. Como é maravilhoso viajar quinze dias inteiros para só depois voltar! Poucos neste mundo já encontram felicidade comparável. E no entanto, apesar de conseguir fazê-lo sem caminhar, ainda assim era dependente. Tivesse montado a Retidão-do-Céu-e-da-Terra e impelido as mudanças das seis energias [*ch'i*], aí sim poderia vagar infindavelmente. De que então dependeria? Reza a tradição: "Aquele que *chegou lá* não tem ego; o líder espiritual nada faz; o verdadeiro sábio não tem nome."



Yao tentou transmitir a soberania de Tudo-sob-o-céu a Hsu Yu, dizendo:

— O sol e a lua surgiram, mas as tochas ainda ardem. Será que o excesso de luz não dificulta ainda mais as coisas? Se irrigamos durante a estação chuvosa, não agimos porventura errado? Se você aceitasse assumir o seu lugar de direito, Tudo-sob-o-céu seria bem governado. Embora eu tente me espelhar na sua conduta, nada mais posso ser que o "personificador" nos sacrifícios, cujo dever é representar os espíritos dos ancestrais falecidos. Agora vejo a confusão que fiz! Aceite por favor a soberania.

Hsu Yu respondeu:

— Você governa Tudo-sob-o-céu, e portanto ele é governado. Se eu assumisse o poder, que mais estaria assumindo senão um título? Pois não são nomes e títulos meros servos, hóspedes familiares do real? E porque iria querer tomar-me servo de mim mesmo? O pardalzinho que se aninha na mata só precisa de um único galho; a toupeira que bebe da água do rio apenas enche a barriga. Vá para casa, meu senhor, e sente-se debaixo de uma árvore frondosa. Tudo-sob-o-céu realmente nada me interessa. Quando o cozinheiro não consegue cuidar da cozinha, o sumo sacerdote e o "personificador" não saltam apressados sobre os barris de vinho para tomar o seu lugar.



Chieh Wu disse a Lien Shu:

— Fui ouvir o Louco de Ch'u, Chieh Yu. Bom papo. Mas não tinha "sustância". Falava sem parar, mas nunca dava em nada. Fiquei chocado e assustado. Falava sem parar como o Rio do Céu,

fluindo num sem-fim. Era demais para mim. E tudo sem o calor do sentimento humano.

— O que foi que ele disse? — perguntou Lien Shu.

— Disse: "Na remota montanha Ku She existe um espírito feminino com carne e ossos feito gelo e neve, delicada e doce como virgem. Não come dos Cinco Cereais, mas sorve a brisa e o orvalho. Alça-se às nuvens mais altas e dirige um carro puxado por dragões alados, vagando pelos Quatro Mares a seu bel-prazer. O seu espírito, quando concentrado, não deixa que as coisas degenerem e faz vingar a lavoura." Claro que o julguei louco, e obviamente não lhe dei crédito.

Lien Shu, pensativo, respondeu:

— E. De fato. O cego não conhece a beleza do emblema ou do artifício; o surdo não percebe o tremendo som do sino e do tambor. Mas como é possível que a surdez e a cegueira habitem somente carne e ossos? Também existe surdez e cegueira na mente racional. Assim são as palavras de Chieh Yu. Mas no entanto existe de fato esse espírito feminino, esse princípio feminino que pode transformar em Unidade as dez mil coisas. Nossa mundo, porém, persiste atado à desordem, todos dispostos a aceitar Tudo-sob-o-céu como seu dever de hoje. Mas esse espírito vive além do mal do mundo. Se as águas subissem e cobrissem o céu, ela não se afogaria; se voltasse a Grande Seca, se montanhas e encostas se derramassem com pedra e ferro derretidos, ela não se queimaria. Você pode fundir e moldar sábios imperadores como Yao e Shun das lascas e do pó que ela deixa no seu rastro. Por que iria querer se humilhar e trabalhar como criada de meras coisas?



Certo vendedor de chapéus de Sung levou uma carga de barretes cerimoniais para Yueh, sem saber que o povo de Yueh rapava e tatuava o couro cabeludo, não precisando portanto de chapéus. Yao governava com benevolência, impondo uma paz que abarcava os Quatro Mares, mas depois de se aventurar acompanhando os Quatro Sábios da montanha Ku She até a margem banhada de sol do rio Fen, tudo esqueceu sobre Tudo-sob-o-céu e quedou-se pasmado com o olhar perdido na distância.



Hui Tzu disse a Chuang Tzu:

— O rei de Wei mandou-me sementes de uma cabaça gigante. Plantei-as, e cresceram até o tamanho de cinco barris. Mas se você enche uma delas com sopa ou água, fica pesada demais para erguer; se corta para fazer uma concha, fica chata e reta demais, desajeitada para usar. Eram imensas, mas inúteis! Moí-as.

Chuang Tzu respondeu:

— O senhor é bastante desajeitado no lidar com o grande. Em Sung viviam alguns homens que descobriram uma pomada maravilhosa para rachadura nas mãos. Gerações inteiras de alvejadores de seda a usavam fielmente. Então um dia um forasteiro ouviu falar da pomada e lhes ofereceu cem moedas de ouro para que revelassem o segredo. Reunido o clã para discutir a oferta, um dos homens falou: "Vimos fazendo essa pomada há gerações e nada ganhamos com ela senão algumas moedas de ouro. Agora, numa manhã, podemos ganhar cem. Sugiro que a vendamos." O forasteiro comprou a receita secreta e saiu em busca de uma audiência com o rei de Wu. Havia disputas com Yueh — como sempre — e ele conseguiu nomear-se general. Naquele inverno, comandou uma grande batalha naval, destruindo completamente o povo de Yueh, e a pomada ajudou os marinheiros de Wu. Foi recompensado com um feudo no território de Yueh. Quanto à capacidade de tratar rachaduras nas mãos, o estranho e o clã eram iguais. O primeiro, no entanto,

acabou ganhando um feudo, enquanto os outros não conseguiam furtar-se ao alvejamento e à labuta do comércio da seda. Trata-se apenas de uma diferença de uso.

Ora, digamos que você tenha cabaças do tamanho de cinco barris — continuou Chuang Tzu. — Por que não faz com uma delas uma banheira, ou um barco para navegar em lagos e rios? O senhor reclama que são desajeitadas demais para conter qualquer coisa, quando na verdade já não continham nada. Sua cabeça ainda está enfiada na ramagem!

Fungando, respondeu Hui Tzu:

— Sei de uma árvore enorme que a gente do local chama de trea, de caule tão grosso, tão áspera e nodosa que o carpinteiro não pode cortá-la em tábuas, de ramos retorcidos demais para o compasso e o esquadro. Mesmo ao lado de uma estrada movimentada, nenhum carpinteiro se detém para examiná-la. As suas palavras são igualmente grandes, igualmente nodosas e inúteis! Assim, ninguém precisa delas!

Chuang Tzu riu-se:

— O senhor por acaso nunca viu um gato-do-mato ou uma doninha rente ao chão, aguardando sua presa antes de saltar a leste ou oeste, sem ligar para altura ou planura, só para terminar enredado na rede de algum caçador? Mas veja o iaque: grande como as nuvens do céu, grande o bastante para dizer-se enorme, mas imprestável para caçar ratos.

Ora, veja essa árvore enorme — continuou Chuang Tzu. — Você acha terrível que ninguém possa cortá-la para algum fim. Mas por que não deixá-la ser apenas uma árvore? ... na Vila do Nada, onde o ermo se espalharia em todas as direções rumo a Lugar Nenhum. Sente-se debaixo dela e domine a arte da não-ação. Debaixo dela, deixe-se levar livre e lasso pelos sonhos. Esqueça o machado... nada pode danificá-la. Nada jamais pode ser útil. E daí?

Sendo Todas as Coisas Iguais

[CAPÍTULO 2]

Sentado em meditação, Nan-kuo Tzu-ch'i recostou-se no braço da cadeira. Ergueu os olhos para o céu. A respiração lhe vinha suave, constante. Parecia perdido em si mesmo. Ao seu lado, o criado Yen-ch'eng Tzu-yu perguntou:

— Que espécie de concentração é essa? Será que você consegue mesmo transformar o seu corpo numa árvore seca? O coração em cinzas frias? O homem que aqui se reclina não é aquele que antes o fazia.

Tzu-ch'i retrucou:

— Caro Yen, é bom que você pergunte. Agora mesmo estava perdido em mim mesmo. Você o diria? Certamente já ouviu o burburinho do povo, mas jamais o burburinho da terra; quando conhecer o burburinho da terra, ainda não terá ouvido o burburinho dos céus.

— Ouso indagar esses segredos — tornou Tzu-yu.

Sorrindo, prosseguiu Tzu-ch'i:

— Bom, hum... quando o Grande Torrão arrota, uma pronta resposta pode esmagá-lo. Mas depois de começar, dez mil buracos produzem grande lamento. Será que você é o único que não ouviu o rugido? Nas matas das altas montanhas existem árvores enormes, de três metros de circunferência, repletas de cavidades, buracos como narinas, bocas, ouvidos, olhos, como taças e almofarizes. Como criancinhas, começam com sons indistinguíveis, "dá-dá" e coisas assim. Depois ouvem-se rugidos como de ressaca, sons feito ordens berradas, gritos furiosos, rezings e rosnadelas. Quando sopra uma brisa eles bradam "Ruuu", e quando a brisa passa, gritam "Iúúú". Brisinhas frias geram fracas harmonias; pés- de-vento geram fortes harmonias. E quando passam os ventos fortes, todas as cavidades e orifícios se enchem de vazio novamente. Só você não ouviu isso, não viu coisas tremulando, tiritando, que depois voltassem ao repouso?

— Então o burburinho da terra vem dos seus muitos buracos — disse Tzu-yu —, assim como as flautas e pífanos que tocamos vêm das variedades de bambu. Mas será que posso ainda ousar indagar acerca do burburinho dos céus?

— Sopra sobre as dez mil coisas — disse Tzu-ch'i —, embora não sobre igualmente sobre duas coisas diferentes. Permite que cada uma seja o que é, que cada uma decida o que será. Mas e esse alento, de quem vem?



A compreensão superior se isola e cai no ócio; a compreensão inferior fica cada vez mais preguiçosa. Palavras superiores podem arder em chamas e incitar conflagrações; palavras inferiores não passam de palavrório. As almas dos adormecidos vagam em busca de companheiros, mas quando despertos aliam-se a tudo o que é exterior, os corações envoltos pela indecisão, pelo engano e pelas seduções. Pequenos medos desassossegam o coração; grandes medos contorcem as vísceras de tanta indecisão.

Certas almas voam como setas da besta, transformando cada isso e aquilo em "certo" e

"errado". Outras se arraigam como posseiros, guardando aquilo que acham que conquistaram. Morrem como o outono quando chega o inverno, minguando como a luz do dia no final da estação. Afogam-se nas suas próprias manobras. Ninguém pode ajudá-los a erguer-se e começar de novo. Suas próprias decisões determinam a sua opressão. Envelhecem e o seu sangue se afina e a morte avulta, mas ninguém consegue olhar com profundidade suficiente dentro do coração para encontrar o yang do sol, levantando-se com ele para começar de novo.

Raiva e prazer; alegria e pesar; ansiedade e remorso; inconstância e obstinação; modéstia e teimosia; insolência e bajulação — música do vazio. Os cogumelos brotam na umidade. Dia e noite se sucedem. Quem é que sabe qual deles veio primeiro, ou quais as origens do sol e da lua?

Basta. Já não são o bastante, a alvorada e o crepúsculo? Não são nossos progenitores? Sem eles, não existe eu. Sem "eu", não existe coisa a que se apegar. Embora esse saber esteja claro para mim, não sei o que foi que o fez assim. E como se houvesse algo como um Verdadeiro Senhor, mas não encontro provas disso — posso continuar crendo, mas não consigo encontrar tal forma. Haverá fato sem forma? As cem articulações, os nove orifícios, as seis vísceras vêm do útero e eu, criança, existo. Qual dessas partes, então, devo tratar como membro da minha família? Você porventura seria porta-voz de todas elas? Você terá uma favorita. Se todas elas são os seus servos e criadas, pondere: serão servos e criadas competentes para governar como soberanos? Podem acaso revezar-se no poder? Haverá um Verdadeiro Senhor entre eles? Se eu buscasse verificar as verdades acerca disso e não o conseguisse, as verdades permaneceriam inabaláveis.

Desde o momento em que estabelecemos uma forma para nós, não podemos esquecer que meramente aguardamos a sua exaustão. Brandimos nossas espadas para rechaçar as coisas deste mundo ou as exaurimos, como elas também nos exaurem, como o cavalo que cavalga até a completa exaustão. Ninguém nos pode parar. Não é patético? Cruel? Vem o inverno, o fio da nossa vida se acaba, e nos escravizamos para alcançar um fim que jamais enxergamos, os corações exaustos em cansativas labutas, sem jamais conhecer uma casa a que possamos voltar. Não é deplorável? Você até pode dizer: "Pelo menos não estou morto" —, mas que bem há nisso? A sua forma irá mudar, e com ela seu coração. Não podemos considerar isso verdadeiramente lamentável? Mas é essa a vida humana. Pode ela acaso perder-se em meio ao capim rasteiro? Serei eu, só eu, o único perdido? Não estão os outros igualmente perdidos?

Se você segue os ditames de um coração realizado, aí encontrou um mestre. E quem é que não encontra tal mestre? Será que só aqueles que comprehendem os ciclos sucessórios escolhem o coração como mestre? Os néscios também podem fazê-lo. Mas escolher um certo ou errado sem um coração realizado é como partir agora para Yueh e lá ter chegado há muito tempo. Isso é confundir o que não existe com o que existe, tentando fazer algo do nada. Nem mesmo o grande sábio Yu conseguiria encontrar um modo de fazê-lo! Como é que só eu poderia aprender a fazer isso?

Mas as palavras, as palavras não são meros sopros do alento. As palavras falam. Mas se as definições não foram ainda acordadas, será que podem de fato dizer algo? O que diferencia as palavras dos trinados dos passarinhos, digamos? Existirá uma diferença?

Se o Tao permanecesse obscuro, como poderíamos discernir o natural do artificial? E se as palavras se tornam obscuras, onde está o "certo" ou o "errado"? O Tao! Como poderíamos perdurar sem ele? Como as palavras podem existir sendo ao mesmo tempo impossíveis? O Tao é obscurecido por pequenas "realizações", assim como as palavras são obscurecidas por floreios retóricos.

Assim chegamos aos certos e errados dos confucionistas e moístas: um toma o certo do outro como errado, e o errado como certo. Se você pretende endireitar erros e entortar acertos, nada serve como farol dessa espécie de sabedoria. Não existe coisa que não seja aquilo; não existe coisa que não seja isso. Isso não se enxerga como isso. E preciso conhecer a si mesmo antes de conhecer os outros. Assim se diz:¹¹ Aquilo nasce disso, mas isso é também causado exatamente por aquilo. Essa é a teoria de que isso e aquilo nascem juntos." E embora isso realmente seja verdadeiro, onde há nascimento, há morte; e se há morte, há nascimento. Onde existe o possível, também existe o impossível; com o impossível, o possível. Provoque o certo, e provocará o errado; provocando o

errado, provocará o certo. Certo? Assim seja.

O sábio não explica a questão, mas se revela na clara luz do dia. Sabe tudo isso: que isso é aquilo e que aquilo é isso, e sabe também que o aquilo e o isso tornam Uno o certo e o errado. Será que assim mesmo ele tem um isso e um aquilo, ou será que não tem isso nem aquilo?

Quando até Isso e Aquilo perdem todo o senso de si mesmos, nós o chamamos Pivô do Tao, e quando o pivô nasce no meio do grande círculo, funciona indefinidamente. O que é assim é assim eternamente; o que não é não é para sempre. Por isso se diz: "Não há nada como a luz da sabedoria."

Usar um dedo para provar que um dedo não é um dedo não é opção tão boa quanto usar um não-dedo para provar a mesma coisa. Usar um cavalo para provar que um cavalo não é um cavalo não é opção tão boa quanto usai* um não-cavalo para provar que um cavalo não é um cavalo. Céu-e-terra são um dedo. Todas as dez mil coisas são um cavalo. Certo? Não. Certo? Certo.

Ande no Tao. Tudo realize. Diga as palavras, que assim serão. Como assim? E assim? Como não é assim? Não tão assim). Não existe coisa que não seja aceitável. Crescem os brotos, assim como as sólidas colunas, os leprosos e as lindas mulheres, coisas estranhas e extraordinárias — no Tao eles são uma coisa só. Dividir o Uno é "realizar", e tudo o que se realiza é destruição; tudo o que não é realizado não pode ser destruído: está eternamente começando do princípio, o Uno. Só aqueles que chegaram conhecem esse vir-a-ser-novamente-Uno. Não fazem uso do seu conhecimento, mas repousam no cotidiano, e todo dia é o que usam. Quem o usa o comprehende. Quem comprehende obtém todo o necessário—e tempo — e isso é tudo. Quando a pessoa confia somente nisso sem saber que é assim, isso é o Tao.

Exaurir o espírito e a mente num esforço de transformar as coisas no Uno, sem jamais perceber que todas são iguais — a isso chamo "Três de manhã". E por que "Três de manhã"? Certo criador de macacos os alimentava com nozes. Quando disse: "Vou lhes dar três de manhã e quatro à tarde", os macacos ficaram furiosos. Então sugeriu: "Quatro de manhã e três à tarde", e os macacos deliraram. As palavras dizem a mesma coisa, porém a primeira construção gerou raiva e a outra, delírio. O criador simplesmente lançou mão desse conhecimento. O sábio coloca o que é em harmonia com o certo-e-errado, e descansa debaixo da árvore do equilíbrio da natureza. Isso se chama trilhar dois caminhos ao mesmo tempo.

O conhecimento dos antigos era completo. Até que ponto? Alguns se recusavam a reconhecer que existiam coisas. Até esse ponto. Nada se poderia acrescentar a isso. Então surgiram alguns que reconheceram a existência de coisas, mas se recusavam a fazer discriminações entre elas; depois alguns que discriminavam mas se recusavam a rotular uma de "certa", outra de "errada"; depois o certo e o errado tornaram-se questão de decisão judicial, e o Tao ficou deficiente; e porque o Tao ficou deficiente, aqueles que amavam o Tao passaram a tentar "realizar" coisas. Mas será que existem de fato coisas como "realização" ou "deficiência", ou não?

Existem. Como quando Chao Wen tocava o alaúde. E não existem. Como quando Chao Wen não tocava o alaúde. O alaúde de Chao Wen, o maestro Kuang e sua batuta, Hui Tzu recostado na árvore Wu: quanto não aprenderam esses três! Dominaram a sua arte a tal ponto que até hoje nos lembramos deles. Aquilo por que se interessavam, diferenciavam, fazendo disso um "aquilo". Aquilo por que se interessavam, queriam iluminar, mas essa não era a iluminação do esclarecimento. Assim nos vemos às voltas com os obscuros argumentos de Hui Tzu acerca da "dureza" e da "brancura", e com os discípulos de Wen que exauriram o fio da vida do mestre — e também os seus — sem nada realizar. Ou quem sabe tenham de fato realizado algo. Nesse caso, também eu o fiz. E se isso não é "realização", então nem as "coisas" nem eu jamais realizamos nada.

Por essa razão, é a luz do caos flamejante que guia o sábio. Em vez de meramente usar as coisas, o sábio repousa no ordinário. Isso pode-se chamar de iluminação.



Agora quero dizer algumas palavras. Não sei se são a espécie certa ou errada de palavras, mas são pelo menos de alguma espécie, e, não sendo diferentes das palavras dos outros, servem. Mas permitam-me dizê-las. Há um início. E há um não-ainda-início-a-vir-a-ser-início. Há um ainda-não-início-a-vir-a-ser-não-ainda-início-a-vir-a-ser-início. Há o ser. Não há início a vir-a-ser um ser. Não há ainda não início a vir-a-ser não ainda início a vir-a-ser um ser. Ah, súbito há o ser e o não ser. Acabo de dizer o que tinha a dizer. Mas não sei se esses meus dizeres disseram algo ou coisa nenhuma. Em Tudo-sob-o-céu, não existe nada maior do que a ponta de um grãozinho de pó flutuando no ar claro do outono, mas a montanha é uma coisa minúscula. Ninguém é mais velho que o natimorto, e P'eng Tzu, ao final dos seus mil e duzentos anos de vida, morreu jovem. O céu e a terra nasceram comigo. As dez mil coisas e eu somos um.

Ora, existe o Uno, e isso é tudo; assim, como é que pude dizer tudo isso? Mas se tivesse apenas dito: "Ora, existe o Uno, e isso é tudo", não estaria eu dizendo alguma coisa? O Uno e as minhas palavras são dois; dois e o Uno perfazem três. A prosseguir assim, até mesmo o mais hábil calculista jamais chegaria ao fim! Quanto menos nós. Portanto: se indo do nada ao algo chegamos ao três, quanto mais não obteremos indo do algo ao algo?

Não se meta a ir de algum lugar a algum lugar. E aqui que está!

Antes de o Tao ficar sujeito a discriminações, as palavras ainda não tinham definições precisas. Mas quando se distinguiu o "certo", definiram-se os limites. Quero dizer o seguinte sobre limites: há esquerda e direita; há classificação e avaliação; há divisão e discriminação; há competição e conflito — essas, para os filósofos, eram as Oito Virtudes! Além dos Seis Reinos, o sábio personifica a claridade inocente: ele não tenta classificar as coisas. Dentro dos Seis Reinos, ele classifica, mas não avalia. Segundo os legítimos motivos dos antigos imperadores, conforme apresentados nos Anais e nos Clássicos, ele avalia, mas não discrimina. Existem coisas que os divisores não conseguem dividir, coisas que os discriminadores não conseguem discriminar.

Que coisas?

O sábio abarca as coisas, embora multidões de homens as discriminem e façam grande alvoroço em torno dessa discriminação. Portanto, digo: "Aqueles que discriminam não podem ver."

O Grande Tao não tem título. A discriminação superior não tem palavras. A compaixão superior não é compassiva. A modéstia superior é reservada. A coragem superior não é agressiva. O Tao que brilha não é o Tao. Palavras discriminadoras jamais alcançam a sua meta. A compaixão pode ser constante e no entanto nada realizar. A pureza pode ser recebida com descrença. A coragem agressiva nada faz. Esses cinco se enquadram no círculo, mas tendem a vagar lá fora...

Portanto: aquele que sabe o bastante para parar naquilo que não sabe chegou lá. Isso é tudo. Quem sabe a explicação sem palavras e o Tao que não é Tao? Saiba isso e se torne o Armazém do Céu: onde as coisas podem ser colocadas sem jamais encher; de onde as coisas podem ser tiradas sem jamais esvaziar. E no entanto ele mesmo não sabe nem por que nem como. Será chamado a Estrela Pao-kuang, ponta da lança do Grande Carro, sempre girando devagar em torno do centro, antecipando estações vindouras.



O sr. Dente Lascado perguntou a Wang Ni:

— Você sabe o que todas as coisas consideram certo, certo?

— Como eu saberia? — respondeu Wang Ni.

— Ora, você sabe o que não sabe, né?

— Como saberia? — retrucou Wang Ni.

— Então nada sabe nada?

— Como eu saberia? Embora seja assim mesmo, vou tentar explicar. Se digo que entendo, como posso saber se não sei o que digo que entendo? Se digo que não entendo, como é que posso saber que aquilo que digo que não sei de fato sei? Veja bem: quando as pessoas dormem molhadas, pegam pneumonia e morrem. Mas será que o mesmo acontece com os peixes? Se alguém tentasse morar numa árvore, viveria constantemente temeroso, mas e o macaco? Dos três, quem sabe o lugar certo de viver? As pessoas comem a carne de animais que se alimentam de feno e cereais. O cervo come grama. As centopéias acham que a cobra tem sabor doce. Corujas e corvos comem ratos. Dos quatro, qual sabe qual é o melhor sabor? Macacos se acasalam com macacos, machos com fêmeas, peixes com peixes. Todos os homens consideraram Mao Chiang e a dama Li modelos eternos de beleza, mas quando os peixes os vêem, mais que depressa mergulham ao fundo; quando os pássaros os vêem, voam para longe; e quando os cervos os vêem, fogem às pressas. Dos quatro, quem é que conhece a verdadeira beleza debaixo do céu? Para mim, as linhas da compaixão e da retidão, as trilhas do certo e do errado, são tão torcidas e cheias de nós que simplesmente não consigo distingui-las.

O sr. Dente Lascado perguntou:

— Se você não consegue distinguir lucro de prejuízo, será que aquele que "chegou lá" consegue?

— Aquele que "chegou lá" — respondeu Wang Ni — é um ser espiritual. Se o Grande Pântano secasse e se queimasse, ele não sentiria calor; se o grande rio se congelasse, não sentiria frio; se violentas explosões rachassem as montanhas e tempestades agitassem os mares, ele nem se abalaria. E da sua natureza alçar-se às nuvens do ar e cavalgar o sol e a lua, vagar além dos limites dos quatro mares. Se nem a vida nem a morte podem modificá-lo, como é que coisas insignificantes como lucro e prejuízo poderiam afetá-lo?

Chu o Tagarela disse ao sr. Grande Arvore Wu:

— O grande mestre diz não cuidar das coisas do mundo; nem busca o lucro nem evita o prejuízo. Não vê prazer na busca. Não se casou com o Tao. Faz pronunciamentos sem falar; falando, nada diz. Vaga além da poeira e da sujeira deste mundo. O mestre Kung, o próprio Confúcio, considerava essas palavras ousadas e ultrajantes. Mas acho que é isso mesmo que acontece quando você trilha o misterioso Tao. O que você acha?

— Até o Imperador Amarelo — respondeu o sr. Grande Arvore Wu — se irritaria ouvindo essas palavras. Como poderia o mestre Kung comprehendê-las? E você! Você anda se antecipando demais a si mesmo, olhando os ovos e esperando que cantem como o galo ao amanhecer, olhando a seta na balestra e enxergando churrasco de pombo num espeto. Vou falar meio louco com você. Veja se pode ouvir também meio louco. Apoiado no sol e na lua, todo o universo do espaço e do tempo caprichosamente arrumado debaixo do braço, ele celebra seu casamento com caos remoinhoso. Honra o mais humilde dos humildes como seu igual. Enquanto as massas escravizadas labutam debaixo de tarefas terrenas, o sábio se conserva simples rústico, dez mil colheitas seu único feito. Simples, puro, ele vê as dez mil coisas ficarem simplesmente assim, formando um todo.



Como hei de saber que esta vida não é mera ilusão? Como hei de saber que desprezar a morte não é meramente ser como o jovem exilado que não consegue achar o caminho de volta para casa? A bela dama Li era filha de um reizete de Ai. Quando Chin a tomou pela primeira vez, ela ensopou de lágrimas toda a frente do seu vestido. Mas uma vez no palácio, depois de dividir o leito com o imperador e banquetear-se com os bezerros cevados, lamentou as lágrimas. Como posso saber se os mortos não lamentam apegar-se tão vergonhosamente à vida? Quem sonha beber o vinho da opulência pode despertar chorando ao nascer do sol. Quem sonha chorar pode à aurora empreender a caçada. Quando sonhavam, não sabiam que sonhavam. Ou na névoa dos sonhos, podem ter tentado encontrar um augúrio. Despertos, souberam que estiveram sonhando. Agora, talvez haja um Imenso Despertar, depois do qual saberemos que tudo isso não passou de um Imenso Sonho. Os lolos acham que estão despertos agora, tendo já descoberto por si mesmos, furtivamente, que isso é assim. Um senhor; outro pastor... Ah, como não!

Você e o seu mestre Kung, os dois sonham. E quando digo que os dois sonham, isso também é sonho. O nome de tudo isso é Lamentável Kugano. Daqui a dez mil anos você talvez encontre um grande sábio que saberá desvelar-lhe esse mistério. Ou quem sabe você o encontre agora de manhã. Ou hoje à noite.

Suponha que eu e você estejamos enredados em alguma disputa. Se você ganhar, será que isso o torna certo e eu, errado? Mas se eu vencer, será que isso me faz certo e você, errado? Será que um de nós está certo e o outro, errado? Estamos nós dois certos ou errados? Não alcançamos acordo. E ninguém sequer ouviu ainda a discussão. Quem é que pode resolver a nossa questão? Se escolhermos alguém que pensa como você, ele irá concordar com você; se escolhermos alguém que pensa como eu, irá concordar comigo. Se escolhermos alguém que discorda de nós dois, a sua solução certamente será desagradável para nós dois. Ele não pode dar solução. E alguém que concorde com nós dois também não nos será útil. Se nem você nem eu nem ninguém mais pode entrar num acordo, será que devemos aguardar ainda outra opinião?

Ou será que devemos encontrar a harmonia na origem de todas as coisas? Diz-se por aí: "E e não é; assim e assado. Se é se ajusta às coisas, e não não é, então é e não é diferem, e portanto não há disputa. Se as coisas são assim, então isso é sem dúvida diferente de assado." Os ruídos alternantes da disputa aguardam sua vez, mas você não precisa atendê-los. Harmonize-os com o princípio de todas as coisas e move-se no fluxo infinito até o fim dos seus anos. Esqueça os anos! Esqueça os juízos! Agite as suas asas e voe até o palácio sem fronteiras, e viva ali!

A penumbra perguntou à sombra:

— Um instante atrás você se movia. Agora parou. Um instante atrás estava sentada, e agora se ergue. Como é que você não tem lugar fixo, nada especial a fazer?

— Acaso devo esperar algo antes de fazer o que faço? — respondeu a sombra. — Será que aquilo que devo esperar não está também esperando algo? Aguardarei a pele da cobra, ou as asas da cigarra? E como eu saberia se é assim? Como poderia saber se não era?



Há muito tempo, Chuang Chou sonhou ser uma borboleta que esvoaçava por entre as árvores, fazendo o que queria, absolutamente inconsciente de Chuang Chou. Súbito despertar, e lá estava Chuang Chou, um tanto mal-humorado. Ora, não sei se foi Chou que sonhou ser borboleta, ou se a borboleta sonha que é Chuang Chou. Mas entre Chuang Chou e a borboleta, devemos ser capazes de encontrar alguma distinção. E isso o que se conhece como Mutação das Coisas.

Vida Que Alenta

[CAPÍTULO 31]

A vida tem um limite; o conhecimento, não. E perigoso buscar o ilimitado por meio do limitado. Ainda mais perigoso é buscar o conhecimento com pleno conhecimento desse fato. Aqueles que querem fazer o bem devem evitar a fama, assim como aqueles que fazem o mal desejam evitar o castigo. Adote como regra ficar perto das artérias principais. Agindo assim, você pode se manter são, educar uma família e viver o resto dos seus dias.

O cozinheiro Ting descarnava a carcaça de um boi para o lorde Wen-hui. As suas mãos dançavam, os seus ombros se mexiam no compasso do passo e do dobrar do joelho. Com chiado e silêncio, a lâmina cantava às suas ordens, sem jamais trocar uma nota. Ting e sua lâmina se moviam como se dançassem ao som do "Bosque das Amoreiras", ou como se regessem o "Ching-shou" com toda uma orquestra.

— Que beleza! Como é bom, não é, que um ofício tão simples possa ser tão exaltado! — exclamou Lorde Wen-hui.

Ting largou a faca:

— Só o que me importa é o Caminho. Eu o encontro no meu ofício, e só. Quando carnei um boi pela primeira vez, nada vi senão carne de boi. Demorei três anos para ver o boi inteiro. Hoje saio para encontrá-lo com todo o meu espírito, e não penso somente no que capta o olhar. Interrompem-se as sensações e o conhecimento. O espírito segue para onde quer, acompanhando os contornos naturais, revelando grandes cavidades, guiando a lâmina pelas aberturas, avançando conforme a verdadeira forma — e no entanto sem tocar as artérias centrais, nem tendões ou ligamentos, e muito menos o osso.

Um bom cozinheiro — continuou — não precisa afiar a sua lâmina mais de uma vez por ano. Corta com precisão. O cozinheiro inapto afia a sua faca todo mês. Dá talhos. Uso esta faca há dezenove anos e já descarnei milhares de bois. E a lâmina está tão afiada quanto na primeira vez em que a passei na pedra de amolar. Nas articulações existem espaços, e a lâmina não tem espessura. Penetrande sem espessura onde há espaço, a lâmina avança livremente, a seu bel-prazer; sobra espaço para se movimentar. Assim, dezenove anos depois, a minha faca continua tão afiada quanto no primeiro dia de uso.

Ainda assim, sempre existem locais difíceis, e quando enxergo problemas à frente, o meu coração presta o devido respeito, e paro para examinar com calma. Aí trabalho devagar, movendo a lâmina cada vez mais sutilmente até que — catapofe! — a carne se separa como torrão esboroante. Então ergo a faca e analiso o meu trabalho, até ficar absolutamente satisfeito. Depois limpo bem a faca e a guardo com cuidado.

— Isso é realmente bom! — disse lorde Wen-hui. — O cozinheiro Ting me mostrou como encontrar o Caminho que alenta a vida.



Quando Kung-wen Hsien viu o comandante da Direita, exclamou:

— Como é que pode! Como é que ele tem só um pé? Foi dom da natureza ou amputação, dom punitivo dos homens?

— É natural — disseram-lhe —, e não obra dos homens. Nasceu só com um pé. Foi agraciado com uma aparência de grande dignidade. E por isso que sabemos que é natural.



O faisão do brejo dá dez passos por uma migalha de comida, e cem por um único gole d'água, mas você não consegue fazê-lo comer dentro da gaiola. Embora seja talvez rei em espírito, isso de nada vale.



Quando Lao Tzu partiu, Chin Shih veio lamentar a sua morte. Deu três fortes gritos e foi embora. Disse um discípulo:

— Você não é amigo do seu mestre, é?

— Sou.

— Se é mesmo, como pode guardar assim o luto?

— E o meu modo de lamentar a morte dele — retrucou Chin Shih. — A princípio, pensei que vocês eram seguidores dele, mas agora já não sei. Quando cheguei, os velhos lamentavam-se como se os próprios filhos lhes tivessem morrido, e os jovens como se tivessem perdido as suas mães. O que foi que reuniu todo esse povo? Certamente têm palavras a dizer e lágrimas a chorar, coisas que ninguém lhes implorou. Mas isso é esconder-se da verdadeira natureza, dar as costas à realidade. Nos velhos tempos, isso se chamava "esconder-se das lições da natureza".

O mestre veio — continuou — sabendo o seu tempo. Quando o tempo se esgotou, ele partiu. Partiu com o tempo, para onde deveria ir. Ali não podem entrar alegrias nem tristezas. Nos velhos tempos, isso se chamava "cortar as cadeias do jugo".



Veja! Não há necessidade de atiçar mais o fogo. A chama continua queimando. Não tem fim.

No Mundo dos Homens

[CAPÍTULO 4]

Yen Hui foi ver Confúcio antes de se despedir.

— Vai para onde?

— Para Wei — respondeu Hui.

— E por que está indo para lá?

— Ouvi algumas coisas sobre o príncipe de Wei: alcançou a maturidade e é bem independente. Mas é irresponsável no governo, recusando-se a enxergar os próprios excessos. É particularmente irresponsável para com a gente comum, que morre aos milhares, tanto que a sua terra mais parece um brejo assolado pela seca. E não há nada que possam fazer.

Muitas vezes ouvi o senhor dizer — prosseguiu — que quando um país é bem governado, você pode deixá-lo; quando há caos, você deve buscá-lo. Ora, lá há muita gente sofredora esperando diante da porta do médico. Quero aplicar lá o que aprendi com o senhor, ajudando a curar a enfermidade dessa terra.

— Isso seria ótimo — disse Confúcio. — Mas bastante perigoso. E mais provável que acabe sofrendo uma pena de mutilação por toda a sua agitação. E provável que perca pelo menos uma orelha. O Tao não deve ser complicado. Onde grassa a complicaçāo, existe multiplicidade; onde existe multiplicidade, você já se aproxima do pesar; e quando o pesar o abate, não há mais esperança de salvá-lo. Aqueles dentre os antigos que verdadeiramente chegaram lá o fizeram aprendendo a ser senhores do filho que havia dentro deles, e só então tentavam cuidar dos filhos dos outros. Você ainda não aprendeu a cuidar de si mesmo; como espera dominar um tirano?

E acima de tudo — continuou Confúcio —, você precisa compreender que o Poder da Virtude pode estar refluindo, tomando o seu lugar o mero conhecimento. A Virtude pode refluir em busca de fama e honrarias, enquanto o conhecimento nasce do conflito. Fama e honrarias podem ser armadura, e o conhecimento, arma de guerra. Ambos são instrumentos do mal. Não são os instrumentos de que você precisa para fazer o seu trabalho.

O poder da sua virtude é forte — continuou —, assim como a sua inclinação à bondade. Mas você ainda não comprehende plenamente a verdadeira natureza da humanidade. Embora você se recuse a disputar honrarias, ainda não penetra fundo nos corações e nos pensamentos dos homens. Se você aparecer diante desse tirano aconselhando-o a empunhar o Prumo da Humanidade e da Justiça, o máximo que vai conseguir é fazer um homem mau desprezá-lo pela sua própria bondade. Ele o acusará de caluniar a sua reputação; dirá que você proclama o mal e citará: "Aquele que fala mal dos outros sofrerá ele mesmo o mal." O homem que você corajosamente vai enfrentar lhe fará mal.

Ou suponha, por outro lado, que ele fosse do tipo que vê prazer no bem e não aprova o mal — prosseguiu. — Então para que tentar mudá-lo?

Melhor é não pregar por lá — disse Confúcio. — E bem provável que um rei ou um duque queira tirar proveito dos seus conselhos para ostentar a soberania com uma ardilosa censura. Então os seus olhos arderão e você se verá pálido tentando acalmá-lo. Os seus lábios tentarão aplacá-lo, o seu rosto se irá contorcer em falsas expressões, enquanto o coração e a mente se esforçam por encontrar um modo de concordar com os argumentos da autoridade. Isso se chama combater o fogo com fogo. Ou água com mais água. A isso dou o nome de pleno benefício da multiplicidade!

E depois que você lhe der trela, a coisa não vai ter fim. Você correrá o perigo de perder a própria bondade debaixo de uma pilha de palavras sem nexo. Depois morrerá perante o tirano.

Muito tempo atrás, Chieh assassinou Kuan Lung-feng e Chou matou o príncipe Pi Kan. Kuan e o príncipe eram homens que cuidavam do bem-estar do seu povo, mas demonstravam firmeza diante do poder dos seus senhores. Porém como amavam demais a fama e as honrarias, os seus soberanos fizeram com que a sua firmeza se voltasse contra eles.

Nos tempos de antigamente — continuou Confúcio —, Yao atacou Tsung-chih e Hsu-ao, e Yu atacou Yu-hu. Essas terras ficaram devastadas, e os corpos desses senhores sofreram a pena da mutilação. Fizeram guerra incessantemente em busca de ganho material. Certamente você já ouviu falar deles, não? Nem mesmo os sábios Yao e Yu conseguiram conciliar pacificamente esses servos da fama e do lucro.

Mas seja como for, você deve ter um plano. Pode contá-lo — concluiu Confúcio.

— Não me apartarei dos meus princípios e serei altruísta e contido, com um só propósito em mente — disse Yen Hui. — Isso resolve?

Não resolve. O príncipe é muito yang e adora ostentar. Tem um fraco pelos prazeres da carne e é muito instável. A gente comum não ousa negar-lhe nada. Ele toma dos outros aquilo que eles têm de mais caro para impor-lhes a sua vontade. Você não percebe? Ele é incapaz de pôr em prática até as maneiras mais simples e comuns. Será provável que ele encontre o Poder da Verdadeira Virtude? Ele certamente vai se aferrar aos seus próprios meios, recusando-se a mudar. Pode até aceitar o seu conselho da boca para fora, mas por dentro não o fará. Como é que uma estratégia grosseira dessas poderia dar certo?

— Bom — replicou Yen Hui —, mas e se eu estiver reto por dentro mas torto por fora e tudo o que eu disser estiver apoiado na citação dos modelos dos antigos? Aquele que é reto por dentro tem a natureza como companheira. Aquele que é companheiro da natureza é Filho do Céu e sabe que ele e o imperador são igualmente Filhos do Céu. Então eu não precisaria buscar louvor para a "bondade" dos meus atos, nem temer a censura. Se eu puder agir assim, as pessoas me chamarão criança inocente. E isso o que quero dizer com companheiro da natureza.

Aqueles que são tortos por fora — prosseguiu — são os companheiros dos homens. Prostrar-se e arrastar-se, entortando o corpo, são meramente as boas maneiras dos ministros da corte. Todos os homens agem assim. Aquele que age como agem os outros evita a censura. E isso o que quero dizer com companheiros dos homens. E sustentar tudo o que digo com citações dos antigos é simplesmente ser companheiro dos antigos. Embora as minhas palavras possam instruir ou repreender, são as palavras dos antigos, não as minhas. Se conseguir conduzir as coisas assim, embora eu esteja ereto, não serei repreendido. E isso o que quero dizer com companheiro dos antigos. Se eu puder ser exatamente isso, resolverá?

— Não — tomou Confúcio. — Não vai funcionar. Você tem aí uma grande multiplicidade de métodos, nenhum dos quais realmente apropriado. Se conseguir permanecer firmemente neles, pode quem sabe escapar à mutilação, mas mesmo assim é o máximo que alcançará. Mas como transformar o tirano? Dentro do peito você ainda banca q pregador.

Não consigo ir além disso — disse Yen Hui. — Será que o senhor me diria que método iria empregar?

— Jejue — respondeu Confúcio —, que depois lhe digo. Mas conhecer o método é uma coisa, colocá-lo em prática é outra bem diferente. Será fácil? Aquele que pensa que poderá ser fácil certamente não está à altura da tarefa.

— A minha família está praticamente na penúria — disse Yen Hui. — Não provo nem vinho nem carne temperada há meses. Isso não vale como jejum?

— Isso é jejuar para um sacrifício, e não o jejum do coração e da mente.

— O senhor pode me falar sobre o jejum do coração e da mente?

— Funde o seu coração e a sua mente no Uno — tornou Confúcio. — Não ouça com o ouvido; ouça com o coração e a mente. Depois pare de ouvir com o coração e a mente e ouça com o

ch % a energia mesma do seu ser. A audição entope o ouvido. O coração e a mente se calam diante de palavras e símbolos. O ch'i é vazio. Sendo assim, é capaz de servir a todos os fenômenos. O Tao se abriga no vazio. O vazio é o jejum da mente.

Na próxima vez em que se encontraram, Yen Hui falou:

— Antes de experimentá-lo, eu ainda era Hui. Agora que o fiz, não estou bem certo se Hui sequer existiu. Será isso o vazio?

— Tudo isso — disse Confúcio, pausando. — Agora posso lhe dizer: vá até lá e faça o que quiser naquela gaiola, permanecendo inabalável diante da fama e das honrarias. Se o príncipe o convocar para uma audiência, cante como um pássaro. Se ele não o fizer, fique calado. Onde não há porta, mal nenhum pode entrar. Faça do Uno o seu lar e habite ali quando nada mais houver a fazer. Então se verá perto de realmente estar lá. E fácil não deixar rastro; difícil é caminhar sem tocar o chão. A serviço dos homens é fácil ser falso; a serviço da natureza, é difícil. Voar com asas é fato comum, mas não sem elas. Você já ouviu falar daqueles que conhecem com sapiência, mas jamais de conhecimento sem sapiência. Na câmara vazia, a luz brilha sempre. Ali, a boa sorte e as bênçãos param e ficam imóveis. E se você não pára, é o que se chama meditar montado num cavalo: o corpo permanece sentado enquanto a mente cavalga. Se você fixa os olhos e os ouvidos no que acontece dentro de si, 'Conservando lá fora o coração, a mente e o conhecimento, os próprios espíritos da terra e do ar se reunirão aos milhares para habitar em você; sendo assim, quanto mais não atrairá meros homens? Isso são as dez mil coisas, sempre mutantes. E o vínculo que une Yu e Shun, a prática de Fu Hsi e Chi Ch'u do início ao fim. Quanto mais isso não merece ser anunciado às pessoas comuns?



O duque de She, Tzu Kao, estava prestes a partir para uma missão no estado de Ch'i. Consultou Confúcio, dizendo:

— O rei me incumbiu de uma difícil responsabilidade. Ch'i provavelmente dará uma grande mostra de respeito, mas não se apressará a mover uma palha a mais. Você não consegue forçar nem um mero cidadão a fazer as coisas. Que dirá um senhor feudal! Estou com muito medo. O senhor sempre me disse que, seja a questão complicada ou simples, poucos alcançam a plena perfeição sem seguir o Tao. Se você não alcança a sua meta, vira alvo de intrigas. Se alcança, sofre as inevitáveis oscilações do equilíbrio yin-yang. A capacidade de não sofrer, independentemente de sucesso ou fracasso, isso só aquele que possui o Poder da Virtude pode alcançar. O senhor sabe que eu só como alimentos puros, por isso não preciso ter na despensa remédios que refrigeram o corpo. Ora, recebi essas ordens hoje de manhã, e agora à tarde já estou bebendo água gelada. E como se as minhas vísceras estivessem fervendo. Ainda nem sequer comecei a minha tarefa e já estou sofrendo do desequilíbrio entre o yin e o yang! Se eu fracassar, todos me condenarão. Mesmo ministro, simplesmente não tenho preparo suficiente para cumprir essa missão. O senhor teria algo a me dizer?

— Em Tudo-sob-o-céu — falou Confúcio — não existem senão dois Grandes Preceitos: um é o destino, o outro, o dever. O fato de um filho amar seus pais é destino: não há como libertar disso o coração e os pensamentos. O fato de o ministro precisar servir ao seu soberano é dever: não há lugar aonde você possa ir, refúgio nenhum neste mundo dos homens que não tenha governante. Por isso é que se chamam Grandes Preceitos.

Servir aos pais de bom grado e morar no lugar que eles escolherem é a meta última da devoção filial. No servir ao seu senhor, lealdade verdadeiramente plena é aceitar toda incumbência recebida e ir aonde quer que ele indicar. Servir ao próprio coração e à própria mente de modo que nem a tristeza nem a alegria se destaquem facilmente, conhecer aquilo que você não pode mudar e aceitá-lo como destino: isso é avançar rumo ao Poder da Virtude.

Aquele que serve a outro como um ministro de Estado — disse Confúcio — muitas vezes não alcança gratificação pessoal. Ele fará o que deve de fato ser feito, esquecendo-se de si mesmo. Que tempo terá para amar a vida ou odiar a morte? Acho que agora você está pronto para esse tipo de serviço.

Mas tenho mais uma coisa a lhe dizer. Nas relações entre aqueles que vivem próximos, sempre existirá confiança mútua com base na familiaridade física. Mas caso eles estejam separados de boa distância, a lealdade vai depender da língua, e as palavras precisam ser transmitidas por alguém. Sejam as palavras agradáveis ou irritantes aos dois lados, essa tarefa é às vezes a mais difícil do mundo. Se a mensagem agrada aos dois lados, existirá uma tendência a enfeitá-la. Se a mensagem provoca raiva, existirá uma tendência a exagerar o conflito. Aquilo que parece de algum modo exagerado é insensato e precipitado. Onde há precipitação, haverá confiança? Quando não há confiança, até o mensageiro corre perigo. E por isso que o Fa-yen diz: "Transmita apenas os fatos; não os enfeite na hora de falar." Siga esse conselho e voltará ileso.

Quando os homens se põem à prova nas proezas marciais — prosseguiu Confúcio —, as coisas sempre começam com todo o fulgor do yang, mas muitas vezes assumem depois um tom yin sombriamente escuro, e então eles sacam toda sorte de artes as mais desonestas. Assim como os homens que começam bebendo vinho segundo todos os ditames da cerimônia, também eles começam ordenadamente, mas logo se entregam à desordem. E geralmente terminam em toda espécie de indecência. Assim é também nas outras áreas. O que começa na sinceridade pode terminar em fingimento. O que começa pequeno e simples pode ficar grande e complicado antes de acabar. O porta-voz é como o homem em águas tempestuosas: o seu curso pode levar ao sucesso ou à morte. Águas tempestuosas são movediças. O sucesso e o fracasso caminham também na beira do penhasco da mudança. Assim a raiva às vezes parece surgir do nada. Talvez venham primeiro discursos inteligentes e alusões indiretas; depois, como feras selvagens guinchando, urrando de fúria, bramindo nos estertores da morte, o seu próprio ch H pode jorrar todo cru e imaturo. Quando os dois lados perdem a cabeça, as sementes da destruição estão à mão.

A resposta e a defesa virão de mentes e corações bestializados, e mesmo eles nem sequer saberão que é assim. Quando você age sem saber por que está agindo, quem é que pode dizer como as coisas vão terminar? E por isso que o Fa-yen diz: "Não se desvie das ordens. Não insista numa conclusão precipitada. Ir além desses limites é entregar-se ao excesso. Ir além da sua incumbência para firmar um acordo é algo perigoso." Um bom trabalho pode demandar tempo. Mas reparar um trabalho ruim pode demorar a eternidade. Como então não ser cuidadoso? Basta aproveitar-se das coisas como são. Deixe que o coração e a mente vagueiem livres. Aceite aquilo que puder alcançar e nessa aceitação alente o seu âmago. Ai você chega lá. E isso é tudo. Que mais se exige? Nada senão que você se disponha a agir de acordo com o seu destino, mesmo que isso signifique rumar para a morte. Essa é a única dificuldade.



Quando Yen Ho estava para tornar-se tutor do príncipe herdeiro, filho do duque Ling de Wei, foi se aconselhar com Ch'u Po-yu, dizendo:

— Temos alguém que parece um assassino nato. Se eu não conseguir colocá-lo nos eixos, temo pela sorte de todo o país; mas se tentar colocá-lo nos eixos, eu mesmo estarei caminhando na beira de um precipício. Ele sabe o bastante para identificar as falhas dos outros, mas não o bastante para reconhecer as próprias falhas. Sendo assim, que devo fazer?

— Boa pergunta — respondeu Ch'u Po-yu. — Vá bem armado de prudência. Aja como uma mulher, adapte a sua forma para que o coração e os pensamentos encontrem harmonia. E mesmo que só isso já baste, ainda existe outro perigo, como no caso de duplas lealdades. Não deixe que a sua conformidade se aprofunde exageradamente, nem deixe que a sua harmonia interior fique

visível demais, senão lhe sobrevirá a ruína: você desaba e perece. Se a sua harmonia interior se mostrar evidente demais, as pessoas passarão a falar de você, e ao lado da fama crescerá a censura, e no final você será visto como um mal. Se ele agir como criança, banque a criança com ele. Se não vir limites, também não veja limites. Se descuidadamente vagar pelas trilhas das encostas íngremes, suba com ele, conduzindo-o aonde não haja negligência.

Você sem dúvida já ouviu a história do louva-a-deus que, enfurecido, abriu os braços para parar uma carroça que se aproximava pela estrada — continuou. — Não teve a menor chance. Isso vale também para aquele que é vaidoso dos seus talentos. Vá bem armado de prudência. Exibir-se só irá ofender o príncipe, e você fará de si mesmo um louva-a-deus.

Já ouviu falar dos adestradores de tigres? Eles não se atrevem a dar aos tigres um animal vivo, para que não acabem pegando gosto pelo matar. Nem dão aos tigres animais inteiros, pois estraçalhar a carcaça enfurece as feras. Mas alimente-os bem, nas horas certas, e você conseguirá aplacar a fúria deles, fazendo-os seus escravos. Os tigres são diferentes dos homens, mas tanto uns como outros têm carinho por aqueles que os alimentam e tratam. Os tigres só matam os que se opõem a eles.

Certo homem tanto gostava de cavalos que guardava o esterco numa bela caixa e a urina num grande jarro de argila. Um dia uma mosca pousou no cavalo e ele a espantou com um tapa. Assustado, o cavalo disparou e quebrou o freio, machucando a cabeça e batendo o queixo. Apesar da intenção de demonstrar toda a afeição do mundo pelo cavalo, o homem lhe causou dano. Não devemos então ser prudentes?



Um carpinteiro chamado Pedra viajava para Ch'i. Quando chegou a Ch'u-yuan, viu uma grande castanheira que funcionava como santuário de uma vila. Grande o bastante para abrigar sob a sua sombra milhares de bois, tinha centenas de palmos de circunferência e erguia-se alta como uma montanha, com os ramos mais baixos a cerca de 25 metros do chão. Mais de uma dúzia desses ramos mais baixos eram grandes o bastante para serem escavados na forma de barcos. Viajantes curiosos se aglomeravam como no mercado. O carpinteiro Pedra só a fitou de relance e seguiu viagem sem olhar para atrás. Mas os seus aprendizes ficaram boquiabertos, precisando depois correr para alcançá-lo. Um deles disse:

— Desde que pegamos nossos machados para segui-lo, mestre, jamais tínhamos visto matéria-prima tão bonita. Mas o senhor nem olhou duas vezes! Simplesmente passou reto. Por quê?

— Basta! — berrou Pedra. — Parem de falar sobre isso. Aquela madeira lá é lixo. Se você faz um barco dela, ele afunda. Para caixão não serve, porque apodrece rápido demais. Para utensílios, é quebradiça demais. Como verte muita seiva, não serve para fazer portão nem porta. Se faz com ela uma coluna, atrai cupim. Não é madeira boa para nada. Não presta. E por isso que é tão antiga.

Quando o carpinteiro voltou para casa, a grande árvore lhe apareceu num sonho, dizendo: "Então você me compara a árvores cultivadas como o pilriteiro, a pereira e a laranjeira, com todos os arbustos e árvores que dão fruto? Quando o seu fruto está maduro, são despidas, descascadas e violentadas: os galhos grandes são quebrados, os pequenos vertem seiva das feridas. Têm uma prodigiosa capacidade de levar uma vida miserável de utilidade. Findos os seus dias e anos férteis, são derrubadas e despedaçadas por maças impiedosas. Assim acontece com todas as coisas do mundo. E por isso que me esforço por dominar as artes da inutilidade. Embora quase tenha me matado, hoje eu a domino. E realmente útil para mim. Se eu tivesse alguma utilidade, você acha que eu teria tido alguma chance de ficar tão grande? Você e eu não passamos de coisas. Por que julgar? Você é homem e nasceu para morrer, mas será que só por causa disso é um monte de lixo? Por que então me chamar de lixo?"

Quando o carpinteiro Pedra acordou, contou o sonho aos seus aprendizes.

— Se está se esforçando tanto por seu inútil, por que então se tornou um santuário? — quiseram saber.

— Isso é segredo — respondeu Pedra. — Não vão contar a ninguém. Ela só está fingindo. Dessa forma pode se proteger das pessoas que não apreciam a inutilidade. Se não representasse um santuário, podia ser derrubada e cortada em pedaços. Isso oculta a sua diferença das outras árvores. Vocês podem até respeitá-la pela nobreza das suas intenções, mas talvez isso já seja exagero.



O distrito de Chingshih do estado de Sung é perfeito para cultivar catalpas, ciprestes e amoreiras. Quando alcançam um ou dois palmos de circunferência, as pessoas cortam as árvores para fazer poleiros de macacos. Quando alcançam três ou quatro palmos, cortam-nas para fazer vigas ornamentais. Aquelas que chegam a até sete ou oito palmos são cortadas para virar tábuas laterais dos caixões dos nobres e dos muito ricos. Portanto, jamais vivem até o fim dos seus dias e anos, mas o machado lhes ceifa a vida antes do tempo. Essa é a calamidade de ter valor material.

Bois de couro branco brilhante, porcos de focinho arrebitado e homens com hemorróidas não podem ser oferecidos nos Sacrifícios do Rio. Todos os sacerdotes sabem disso e os consideram "criaturas de má sorte". O Verdadeiro Espírito, porém, os tem como "grandes sortudos"!

O homem chamado Arvore Torta tem o queixo encostado na barriga, os ombros recurvos acima da cabeça, o osso do pescoço apontado para o céu. Os seus cinco órgãos principais estão todos em cima, os dois ossos das coxas se apoiam nas costelas. Para viver ele borda e lava roupa, e, peneirando de novo o debulho, consegue quantidade suficiente de grãos para alimentar dez pessoas. Quando recrutam soldados, o seu corpo curvado vagueia à toa, e quando se forma um grupo de trabalho comunitário ele nunca se apresenta, pois é tido como gravemente doente. Quando distribuem cereais ao povo, ele fica com três medidas cheias, além de dez cargas de lenha. A sua forma sem dúvida é aleijada, mas ainda assim lhe atende as necessidades. Com certeza viverá até o fim dos seus dias. Quanto mais não viverão os de virtude aleijada?



Confúcio viajava para Ch'u. O Louco de Ch'u, Chieh Yu, correndo em ziguezague até o portão, gritou:

— Fênix! O, Fênix! Que fazer quando o poder da virtude míngua? Você não pode esperar pela próxima geração, nem pode ter de volta aqueles que se foram. Quando Tudo-sob-o-céu segue o Tao, o sábio age como sábio. Mas quando o mundo fica sem o Caminho, o sábio nele sobrevive. O método desta época é parar para não sofrer mutilação. A boa sorte é leve, mas ninguém sabe usar as suas asas. O infortúnio é pesado como a terra, e ninguém sabe como evitá-lo. Ah, pare com isso! Pare de atrair as pessoas pelo poder da sua virtude! E perigoso, muito perigoso, demarcar no pó o Caminho para fazer as pessoas correr. Falsa luz! Não há dano no meu modo de viver. As minhas trilhas são tortas, mas não me machucam os pés. A árvore da montanha despoja a si mesma, a gordura alimenta o seu próprio fogo. A caneleira é comedível, por isso a derrubam. O sumagre é cortado pelo valor da sua laca. Todos conhecem o emprego da utilidade; ninguém comprehende a utilidade do inútil.

O Signo e o Selo do Poder da Virtude Sobre os Seus Dois Pés

[CAPÍTULO 5]

No estado de Lu vivia um homem chamado Wang T'ai, que, apesar de ter perdido um dos pés numa pena de mutilação, viajava com seguidores tão numerosos quanto os do próprio Confúcio. Ch'ang Chi questionou Confúcio sobre isso:

— Wang T'ai teve um pé cortado e assim mesmo os discípulos dele rivalizavam em Lu com os seus discípulos em pé de igualdade. Quando ele se ergue, não prega, e quando se assenta, não discute. No entanto, os seus discípulos chegam vazios e vão para casa saciados. Parece que, embora incompleta a sua forma, ele dá um ensinamento sem palavras, tendo a mente e o coração completos. Que espécie de homem é esse?

— Esse senhor é um verdadeiro sábio — respondeu Confúcio. — Só não fui visitá-lo ainda porque sou um pouco moroso. Vou fazer dele o meu mestre. Quanto mais não devem se inclinar a fazê-lo aqueles que não se igualam a mim? E por que isso só valeria para o estado de Lu? Incentivarei Tudo-sob-o-céu a seguir as suas pegadas.

— Esse homem teve um pé decepado — disse Ch'ang Chi —, e assim mesmo o senhor o aceita como mestre. Certamente a prática dele vai muito além da Média. E esse método de ele usar o coração e a mente, em que aspectos é único?

— A vida e a morte são grandes questões — tornou Confúcio —, mas para ele não assinalam mudança. Se o céu e a terra fossem destruídos e ruíssem, ele não os lamentaria. Julga sem pretensão e permanece inabalável diante de meros fenômenos. Aceita a mudança preservando a fonte das origens.

— Como assim? — indagou Ch'ang Chi.

— Do ponto de vista da diferença — disse Confúcio —, o figado e a vesícula biliar estão tão distantes quanto os estados de Ch'u e Yueh. Do ponto de vista da semelhança, todas as dez mil coisas são o Uno. Esse senhor vive tão sintonizado com a essência que nem sequer sabe para que existem olhos e ouvidos. Ele vagueia solto, coração e pensamentos em harmonia com o Poder da Virtude. Vê todas as coisas como unidade, e assim jamais fixa os olhos naquilo que perdeu. Encara a perda do pé como legado da terra.

— Ele conseguiu! — admirou-se Ch'ang Chi. — Usou o conhecimento para penetrar o próprio coração e a própria mente, e o coração e a mente para penetrar o Coração e a Mente Imutáveis. Mas por que é que ele atrai tanto as coisas?

— Ninguém usa água corrente como espelho — respondeu Confúcio. — Mas nos miramos na água parada. Somente os tranqüilos podem infundir singela tranqüilidade na multidão dos impetuosos. De todos aqueles que sugam a vida da terra, só o pinheiro e o cipreste, árvores de cemitérios, alcançam tamanha tranqüilidade. Vem inverno, vem verão, e não perdem o verdor. De todos aqueles que sugam a vida do céu, só Yao e Shun conseguiram permanecer tranqüilos no Uno. Ótimo que possam fazer as suas vidas tão retas, retificando assim as vidas dos muitos!

Bebendo das forças do parto e levando-as destemidamente à maturação, um único guerreiro pode cantar de galo diante dos Nove Exércitos. Se, na fútil busca da fama e da gratificação dos próprios desejos, é possível agir assim, quanto mais não poderá fazer aquele que ordena o céu e a

terra, que abriga todas as coisas, que trata o próprio corpo apenas como morada, que comprehende que as percepções dos olhos e dos ouvidos são meras imagens, e que conhece tudo o que se dá a conhecer como o Uno? O coração e os pensamentos desse homem jamais morrerão. Ele decidirá o dia de erguer-se e partir, e o povo o seguirá. Porém, no íntimo, jamais aceitará pôr-se a serviço de meras coisas.



Shen-t'u Chia, ex-alto funcionário, perdera um pé numa pena de mutilação. Juntamente com Tzu-ch'an, que mais tarde tornou-se primeiro-ministro do estado de Cheng, estudava com o mestre Po-hun Wu-jen. Tzu-ch'an disse o seguinte a Shen-t'u:

— Se eu for primeiro, você fica. Se você for primeiro, eu fico.

No dia seguinte estavam os dois novamente meditando em cima da mesma esteira e na mesma sala, quando falou Tzu-ch'an:

— Quando eu for, você fica; quando você for, eu fico. Vou sair agora. Você fica? Ou ainda não está pronto? E claro que já viu outros primeiros-ministros antes, sem demonstrar espanto. Você se acha à altura de um primeiro-ministro?

— Será que existe mesmo essa coisa de primeiro-ministro aqui dentro dos portões do nosso mestre? — retrucou Shen-t'u. — Você adora espezinhar os outros para fazer-se primeiro-ministro. Ouvi este ditado: "Se o espelho é nítido, é porque nele não se assentou poeira. Nos pontos onde se assenta poeira, o espelho não é nítido. Se você persiste ao lado de um mestre de valor, pode aprender a viver sem erro." Ora, você considera o nosso mestre um homem de valor, mas diz essas palavras! Será que não há erro nisso?

— Ora, ora! — tornou Tzu-ch'an. — Então você ainda acha que pode competir em bondade com o sábio Yao? Pondere o poder da sua virtude! Por acaso você tem cacife para assumir tal postura?

— Muitos são os que desculparam os próprios erros e afirmam não merecer a perda — respondeu Shen-t'u. — Os que se recusam a desculpar o próprio erro ou afirmam que não merecem continuar ilesos, esses são bem poucos. Só os dotados com o poder da virtude reconhecem aquilo sobre o qual nada se pode fazer e o aceitam tranqüilamente, segundo o destino. Se você ficar perambulando na frente do alvo do grande arqueiro Yi, quando estiver bem na mosca, você será a mosca. Se não for atingido, é o destino.

Muita gente de boa posição se ri de nós pernetas. Isso me deixa doente, me enche de raiva o coração e a mente. Então venho à casa do mestre e toda a raiva se consome por si só; depois volto para casa. Não sei se o mestre me purificou; só sei que o acompanho há dezenove anos, e nesse tempo todo ele nunca demonstrou perceber em mim nenhuma deficiência física. Ora, eu e você estamos aqui para vagar por estados que existem no âmago das nossas forrias e corpos, e você vem querer me atar a meras exterioridades. Não será isso um erro?

Tzu-ch'an, dando-se conta que de era ele que não tinha perna em que se apoiar, mudou de cor e de expressão e disse:

— Basta.



Em Lu vivia um homem chamado Sem-dedos-dos-pés Shu Shan, pois sofrera amputação penal. Certo dia lá foi ele pisando pesado para uma entrevista com Confúcio.

— Você foi imprudente ao expor-se assim — comentou o sábio. — Já insultou uma vez as

autoridades e sofreu essa desgraça nos pés. O que quer agora?

Disse Sem-dedos-dos-pés:

— É que na época eu não sabia qual era o meu dever, e não ligava muito para o meu corpo. Foi sem dúvida por isso que perdi um pé. Agora vim aqui, restando ainda boa parte de mim, em busca de apoio suficiente para honrar o corpo com que nasci. Para mim, o meu dever é permanecer inteiro. Nada existe que o céu não cubra, nada que a terra não suporte. Mestre, eu o tenho como o meu céu e a minha terra. Como é que eu poderia imaginai" que o senhor me trataria assim?

— Realmente fui duro — admitiu Confúcio. — Entre que vou lhe contar o que ouvi.

Sem-dedos-dos-pés foi embora.

— Meus discípulos — falou Confúcio. — Quero que tomem esse homem por modelo. O sr. Sem-dedos-dos-pés teve os pés amputados pela justiça, mas reconhece o seu dever de estudaí" para corrigir a antiga má conduta. Quanto mais não devemos nós, que somos perfeitos e sãos, procurar fazer o mesmo?

Sem-dedos-dos-pés disse a Lao Tzu:

— Pois muito bem! Quanto a Confúcio e o seu "chegar lá", nada feito, né? Aonde ele pensa que quer chegar insinuando-se aqui para estudar o seu Caminho? Ele tenta fazer-se homem famoso e admirável, sem jamais perceber que aquele que "chegou lá" trata essas coisas como grilhões e obstáculos.

— Por que você não lhe mostrou que vida e morte são o mesmo fio, que permissão e proibição são apenas dois lados da mesma moeda, libertando-o assim das suas algemas? — retrucou Lao Tzu.

— Deveria ter feito isso.

— Se o céu o acorrentou ao castigo, como é que eu poderia libertá-lo?



O duque Ai de Lu questionou Confúcio:

— Em Wei vivia um homem tremendamente feio, chamado Cara-de-cavalo Ai. Quando os homens dele se aproximavam, não conseguiam parar de pensar nele, e não conseguiam se afastar. Quando as mulheres o viam, imploravam aos pais: "Prefiro ser concubina dele a esposa de qualquer outro homem!" Isso de fato já aconteceu pelo menos dez vezes. Mas ninguém jamais o viu tomando a iniciativa. Ele sempre imagina harmonia nas vozes dos outros. Não tinha cargo no governo que lhe desse poder de vida ou morte sobre o povo, nem armazém cheio que atraísse as pessoas pela boca. Como já disse, ele era feio a ponto de espantar Tudo-sob-o-céu. Porém sabia cantar bem. Nada sabia sobre nada, mas lá estava ele. E em torno dele homens e mulheres se aglomeravam como gansos.

Pensei comigo que ele deveria ser um homem fora do comum — continuou — e por isso mandei chamá-lo para vê-lo com os meus próprios olhos. Era assustadoramente feio! Mas consegui que ficasse comigo, e só quase um mês depois é que comecei a fazer alguma idéia do homem que era. Em menos de um ano, já conquistara a minha plena confiança. Como não tinha primeiro-ministro na época, ofereci-lhe as rédeas do estado. Antes de responder, lastimou-se como já se desculpasse pela recusa, o que me deixou envergonhado. Mas insisti e dei-lhe o governo do meu reino. Mas no mesmo instante ele simplesmente foi embora. Isso me doeu demais, como se tivesse perdido o próprio reino, como se não houvesse ninguém com quem partilhar as delícias do reino. Afinal que tipo de gente é ele?

— Certa vez — respondeu Confúcio —, quando eu estava em missão no Estado de Ch'u, vi alguns porquinhos mamando na sua mãe morta. Pouco depois correram assustados. Já não conseguiam se ver nela, nem a si nem a sua espécie. O amor pela mãe não depende da forma; depende daquilo que cria essa forma. Se um homem morre numa batalha, não vai se importai* se não for sepultado com enfeites. Se um homem não tem pé, não tem motivo para adorar sapatos. Nos

dois casos, perdeu-se a raiz do amor. E uma perda radical.

Aquelas que buscam desposar o Filho do Céu — continuou Confúcio — não aparam as unhas nem furam as orelhas. O homem que se casa tem permissão para afastar-se da corte, livre dos deveres oficiais. Se um corpo só é suficiente para elevar alguém a esse posto especial, quanto mais exaltada não será a posição daquele cujo poder da virtude está inteiramente intacto?

Ora, esse nosso Cara-de-cavalo Ai, quando dizia uma palavra, os homens confiavam nela. Sem conquistar mérito nenhum, era querido. Fazia as pessoas lhe entregar os seus estados, e o único medo dessa gente é que ele recusasse. Deve ter sido um homem de talento perfeito, e o poder da sua virtude não tinha forma.

— O que o senhor quer dizer com "talento perfeito"? — quis saber o duque Ai.

— Morte e vida — respondeu Confúcio —, conservação e extinção, exaustão e consumação, pobreza e riqueza, dignidade e indignidade, censura e louvor, fome e sede, frio e calor: a alternância dessas coisas é obra do destino. Dia e noite elas fluem, e o "conhecer" não pode sondar sequer a sua origem. Assim elas não têm fundamento suficiente para dissipar a harmonia. Não há lugar para elas no armazém do espírito. Harmonize a sua mente. Deleite-se. Compreenda. Não permita jamais que a alegria se perca, de dia ou de noite, incessante e eternamente, na primavera das coisas, sempre ligando, fazendo viver as próprias estações no seu coração e nos seus pensamentos. E isso o que quero dizer quando falo de talento perfeito.

— E o que o senhor quer dizer quando fala que o poder da sua virtude não tem forma?

— Em paz, como águas plácidas e a sua plenitude. Correr como a água é o método. Guardar o que há no íntimo, para que nada exterior possa agitá-lo facilmente. O Poder da Virtude está na realização dessa harmonia perfeita, e quando o Poder da Virtude não tem forma, nada pode separar-se dele.

Mais tarde, o duque Ai comentou a questão com Min Tzu:

— Eu costumava sentar-me de frente para o sul e assumir ares de senhor de Tudo-sob-o-céu. Controlava as rédeas do povo e me preocupava com as suas vidas. Achava que compreendia tudo. Agora que ouvi as palavras de alguém que realmente chegou lá, acho que na verdade nunca soube nada. Desprezava-me levianamente e ameaçava o estado. Eu e Confúcio não podemos nos chamar ministro e soberano; somos amigos pelo Poder da Virtude, e só.



Disse Chuang Tzu:

— Certo corcunda chamado Aleijado Sem-lábios falou ao duque Ling de Wei. O duque Ling se alegrou tanto com as palavras do homem que, quando olhava para as pessoas normais, as via de costas retas e lábios carnudos. Certo homem de pescoço inchado, da espessura de um jarro, falou ao duque Huan de Ch'i, e o duque tanto se alegrou com as suas palavras que quando olhava para as pessoas normais, tinha dó dos seus pescoços esqueléticos. Portanto, o que perdura é o Poder da Virtude; pode-se esquecer a mera forma, mas esquecer sinceramente. Assim o sábio vagueia. Conhecimento é para ele maldição. Todos os acordos, mera cola. Virtude é apego, e astúcia só serve ao comércio. Ele não maquina. Por que precisaria de conhecimento? Não desmonta as coisas; por que precisaria de cola? Não está separado de nada, então a que se apegaria? Como não tem negócios, para que astúcia? No lugar dessas quatro qualidades, ele toma o mingau do céu. E o mingau do céu é a própria provisão do céu. Se o céu o alimenta, que lhe aproveita a humanidade? Tem forma humana, mas não sente como homem. Como tem forma, acompanha o rebanho. Mas como não sente como homem, o certo e o errado não controlam o seu corpo. Fraco e pequeno, é na verdade só mais um dentre os homens. Infinito e grande, só ele é um com o céu.

— Então existem homens sem sentimentos? — perguntou Hui Tzu.

— Isso mesmo.

— Sem sentimentos! — repetiu Hui Tzu. — Como então chamá-lo homem?

— O Tao lhe dá a individualidade — disse Chuang Tzu — e o céu lhe dá a forma. Como não chamá-lo homem?

— Se o chamamos homem, como pode não ter sentimentos?

— Você não entende o que quero dizer com sentimentos — retrucou Chuang Tzu. — Quero dizer que tal homem não deixa que o bem ou o mal firam o seu corpo. Ele flui como flui a natureza, e não busca benefício da vida.

— Se não tira benefício da vida — tornou Hui Tzu —, como pode ter um corpo?

— O Tao lhe dá a personalidade, o céu, a forma. Não há bem nem mal que lira o seu corpo. E você?! Deixe de lado o seu espírito e cultive a sua essência vital:

"Recostado à árvore, resmunga;
Apoiado à mesa, cochila.
O céu lhe deu forma, não?
E você a desperdiça chilrando
Sem parar sobre o duro e o branco."

O Grande Mestre Ancestral

[CAPÍTULO 6]

Aqueles que conhecem o céu e a humanidade chegaram lá. Aqueles que conhecem o céu sabem que o céu dá a vida. Quem conhece a humanidade usa o conhecimento para nutrir o que não se pode conhecer. Percorrem o fio dos seus anos e não o encontram rompido. Esse é o conhecimento mais pleno. E no entanto, embora seja assim, persiste um problema: o conhecimento depende da certeza, mas a certeza jamais é bem certa. Como posso saber que o que chamo "céu" não é na verdade "humanidade", ou que o que chamo "humanidade" não é de fato "céu"? Só aquele que é verdadeiramente humano pode ter o Conhecimento Verdadeiro.

Mas o que é um verdadeiro ser humano? Os Verdadeiros da Antigüidade não se esquivavam da solidão, não se vangloriavam das suas realizações e não faziam planos. E só! Quando fracassavam, não se arrependiam. Vencendo, não se envaideciam. E só! Escalavam as alturas sem medo. Entravam na água sem afundar. Entravam no fogo sem sentir o calor. Isso porque o seu conhecimento andava rente ao Caminho.

Os Verdadeiros da Antigüidade dormiam sem sonhos e despertavam sem preocupação. Não precisavam adoçar o que comiam. Respiravam fundo. O Verdadeiro respira com os calcanhares; a gente comum, com a garganta.

O trapaceiro vomita as palavras. Naqueles que têm paixões arraigadas, o céu desliza raso. Os Verdadeiros da Antigüidade não sabiam como tirar alegria da vida, não sabiam o que era desprezar a morte. Avançando, não exultavam; retrocedendo, não resistiam. Súbito sumir com o vento, ou vir com o vento, isso é tudo. Sem jamais esquecer o ventre de onde saíram, enfrentavam o inverno que daria fim às suas vidas. Receber e desfrutar, esquecer e começar de novo — é isso o que se chama "não deixar que o coração e os pensamentos devorem o Caminho, não deixar a humanidade 'ajudar' o céu". É isso o que quero dizer com "Verdadeiro Ser Humano".

Porque as pessoas são assim, o coração e a mente relaxam, os seus rostos se acalmam, somem-lhes as rugas da testa. São frias como o outono, tépidas como a primavera. Conhecendo a alegria e a raiva como o ciclo das estações, as pessoas conhecem a potência de todas as coisas. Não há como conhecer os seus limites. Assim, quando o sábio de outro-ra conclamava os exércitos, podia até perder a sua terra, mas jamais os corações e as mentes do seu povo. Ungia dez mil gerações com a sua generosidade, mas não simplesmente por afeto ao povo.

Os que se deleitavam em levar as coisas ao êxito não eram sábios. Os que sentiam afeto não eram verdadeiramente benevolentes. Os que agiam nas horas devidas não eram dignos. Os que não conseguiam conciliar dano e benefício não eram soberanos. Os que perdiam os seus corpos na busca da fama não eram cavaleiros. E os que perdiam os seus corpos por causa da Verdade? Esses não serviam nem para escravos. Homens famosos como Hu Pu-hsieh, Wu Kuang, Po Yi, Shu Ch'i, Chi Tzu, Hsu Yu, Chi T'o e Shen-t'u Ti eram os escravos dos escravos. Esforçavam-se por alcançar as metas dos outros, sem jamais alcançar as suas.

O Verdadeiro da Antigüidade era um pico isolado que se destacava da cordilheira esboroante, figura solitária que não sentia a necessidade de formar um "partido". Mesmo parecendo sempre carente, o Verdadeiro nada aceitava, exibia fortaleza sem rigidez, preferia o simples ao espalhafatoso, sorria como homem feliz, mas sempre pronto a fazer o que não tinha escolha senão fazer. O que se reunia no Verdadeiro tinha sempre um brilho no olhar. O que ele dava não ia além

do poder da sua virtude. Podia ser áspero como qualquer outro do seu mundo, arrogante e incontrolável, homem de ferro, sem coração, falso de palavras. Para ele castigo era o corpo, ritual, as asas. Para ele, conhecimento era senso de oportunidade, e o Poder da Virtude, a sua única força. Sendo o castigo o corpo, era benévolos quando tinha de matar. Sendo o ritual as asas, movia-se livremente no seu mundo. Sendo o conhecimento o senso de oportunidade, percebia que em certos momentos não tinha escolha senão agir. Encarando o Poder da Virtude como o seu único poder, era aquele cujos próprios pés bastavam para alcançar o cume de qualquer monte. Porém, as pessoas insistiam em pensar que ele se esforçava muito para chegar lá.

O que ele ama é o Uno. O que ele não ama é o Uno. O que ele considera o Uno é o Uno. O que ele não considera o Uno é o Uno. O que se conforma à unidade é companheiro do céu. O que não se conforma à unidade é companheiro da humanidade. Quando nem o céu nem a humanidade representam vencedor ou vencido, temos aquilo que se chama Verdadeiro Ser Humano.

Vida e morte são destino. São constantes como a alvorada e o oca-so. Isso é o "céu". A humanidade tem aquilo que não pode ter: isso tudo está na realidade das coisas, no modo como são. Essas coisas todas têm o céu por progenitor, e todas o seguem. Quanto mais não deveriam seguir algo superior? As pessoas aceitam os seus soberanos como superiores, e por eles dão as suas vidas. Quanto mais não deveriam se dispor a morrer por aquilo que é verdadeiro?

Quando a nascente seca e os peixes se estiram no leito seco, juntos sopram umidade uns nos outros e umedecem uns aos outros com a sua saliva. Mas quanto mais não adorariam esquecer-se uns dos outros num rio ou lago? Em vez de louvar Yao como sábio, ou amaldiçoar Chieh como tirano, melhor é esquecê-los e deixar-se levar pelo fluxo do Caminho.

O Grande Torrão que, turrião, me sobrecarrega com a forma e me impõe dolorosamente a vida, me alivia com a idade e me liberta na morte. Se acho a vida boa, devo portanto achar a morte igualmente boa.

Você pode afundar o seu barco num riacho, ocultando-o tão bem quanto uma montanha pode se ocultar na névoa, e considerá-lo seguro. Mas então, à meia-noite, vem um homem forte, o põe nas costas e o leva embora. Perdidos no escuro, alguns mesmo assim não vêm que, embora você possa esconder o pequeno dentro do grande, ainda há certas coisas que se perdem. Mas se você oculta Tudo-sob-o-céu dentro de Tudo-sob-o-céu, nada há que perder. Essa é a grande verdade que surge do âmago das coisas.

No entanto, você ousa experimentar uma forma humana, em si mesma tão próxima do castigo, e ainda busca alegria ali. Mas tendo essa forma, dez mil mudanças virão e passarão antes sequer que você comece a conhecer o fim. Será que pode haver um vencedor na busca dessa alegria?

Portanto o sábio de antigamente vagava num mundo de coisas que jamais se podem perder, e ali habitava como criança. Viver bastante é um bem; morrer jovem é um bem. Sair do ventre é um bem; cortar o fio. no inverno da vida é um bem. Todas as pessoas o tomam como modelo. Quanto mais não deveriam tomar por modelo o fio que percorre as dez mil coisas, aquilo que toda e qualquer mudança aguarda? O Caminho é de fato e de fé. Porém não age. Não tem forma. Pode ser transmitido, mas não recebido. Pode ser obtido, mas não visto. E a sua própria raiz, o seu próprio ramo. Antes do céu e da terra, desde o princípio do princípio, sólido como criança, ele era. Deu espírito aos espíritos, espírito aos deuses. Está além dos Grandes Pólos Últimos, o T'ai Chi, mas não é alto. Abaixo de todas as Seis Direções, não é profundo. E mais longo que a própria Antigüidade, mas não é velho. Hsi Wei o comprehendeu, e demarcou o limite entre o céu e a terra. Fu Hsi o comprehendeu, e uniu-se à Mãe do Alento. O Grande Carro o comprehendeu e desde os tempos mais antigos é infalível. O sol e a lua o compreenderam e jamais descansaram. K'an P'i o comprehendeu e uniu-se a K'un Lun. Ping Yi o comprehendeu e explorou o Grande Rio. Chien Wu o comprehendeu e fez da Grande Montanha a sua morada. O Imperador Amarelo o comprehendeu e alçou-se aos céus nebulosos. Chuan Hsu o comprehendeu e habitou o Palácio dos Mistérios. Yu-chiang o comprehendeu e se estabeleceu no Pólo Setentrional. A Rainha-mãe do Ocidente o comprehendeu e fundou o seu trono em Shao-kuang. Não há como conhecer o princípio dela, nem o fim. Peng Tzu o comprehendeu

e viveu do tempo de Shun ao tempo dos Cinco Soberanos. Fu Yueh o comprehendeu e, depois de ser ministro do bético Ting, que conquistou para si Tudo-sob-o- céu, fez do Ponto da Ancora Oriental o seu carro, e com um pé no Cesto e outro na Cauda, assumiu o seu lugar entre as constelações.



Nan-p'o Tzu-k'uei disse à corcunda Nu Yu:

— Os seus anos já são muitos, mas a senhora tem o rosto de uma criança de peito. Como?

— Simplesmente ouvi o Caminho.

— Posso estudar o Caminho com a senhora? — perguntou Nan-p'o Tzu-k'uei.

— Ah, isso não! De jeito nenhum. Você não foi talhado para isso. Houve um homem chamado Pu-liang Yi. Ele tinha o talento de um sábio, mas não o Caminho. Eu tenho o Caminho do Sábio, mas não o talento. Quis ensiná-lo. Você talvez ache que eu poderia ter feito com que ele desse o fruto da sabedoria. Mas não foi nada disso. Lidar com os talentos do sábio por meio do Caminho do Sábio também depende de mudanças. Mas persisti, mostrando pelo não mostrar, e depois de três dias no casulo da meditação, ele conseguiu pôr para fora de si Tudo-sob-o-céu. Vendo que ele conseguia colocá-lo para fora de si, fiquei ao lado dele, e em sete dias já podia colocar coisas para fora de si. Vendo que ele conseguia colocar coisas para fora de si, fiquei ao lado dele, e em nove dias pôde colocar a vida para fora de si. Quando conseguiu colocar a vida para fora de si, foi como se surgisse a manhã, e na luz dessa manhã viu que estava só. Quando viu que estava só, conheceu o passado e o presente como nada, e conhecendo o passado e o presente como nada, pôde penetrar na não-morte/não-vida, para ver que o que mata a vida não é a morte, que o que vive a vida não é vida. Quanto às coisas, não havia coisa nenhuma que ele não despachasse, nada que não aceitasse, nada que não destrísse, nada que não levasse à consumação.

— Mas será que só a senhora ouviu isso? — perguntou Nan-p'o Tzu- k'uei.

— Ouvi isso dos discípulos de Tinta Auxiliar, que o ouviu dos netos de Tradição Oral. Os netos de Tradição Oral o ouviram de Olhos- abertos-para-a-luz-radiante, que o ouviu de Todo-ouvidos-para-os-sons, que o ouviu de Precisando-usar, que o ouviu de Uma-canção-folclórica, que o ouviu de Misteriosa-escuridão-original, que o ouviu de Vazio- silencioso, que o ouviu diretamente de Suspeitava-disso-já-no-ventre!



Tsu Ssu, Tzu Yu, Tzu Li e Tzu Lai caminhavam juntos quando disseram:

— Quem pode fazer do Nada a sua cabeça, da vida as suas costas e da morte o seu traseiro; quem reconhece como uma só coisa a morte e a vida, o existir e o partir; desse serei amigo.

Os quatro se entreolharam e riram. Sem vestígio de dúvida no peito ou no pensamento, tornaram-se grande amigos.

Depois, de repente, Tzu Yu adoeceu. Tzu Ssu foivê-lo.

— É incrível — gritou Tzu Yu. — O criador das coisas me contorcer assim: as costas que nem corcunda dobrada, as tripas no alto, o queixo escondido no umbigo, os ombros mais altos que a cabeça, os ossos do pescoço apontando para o céu! Em mim o ch'i do yin e do yang enleado como penas molhadas!

Mas com a mente e o coração alheios, arrastou-se até o poço e mirou-se:

— Ah! O criador das coisas está me torcendo todo!

— Você não acha isso horrível? — perguntou Tzu Ssu.

— Longe de mim! Como poderia? Pode muito bem transformar o meu braço esquerdo num

galo. Aí eu poderia vigiar à noite. Pode muito bem transformar o meu braço direito numa balestra; aí eu teria corujas para assar. Pode muito bem transformar as minhas nádegas em rodas; aí, com o espírito por cavalo, nunca mais precisaria de carroça.

Recebi a vida — continuou Tzu Yu — no início da estação, e a perco enquanto flui. Estou em paz com as estações, e habito no seu fluxo, onde nem pesar nem alegria podem entrar. Antigamente chamavam isso de "libertar do laço". Se você não consegue se libertar, as coisas o acabam enredando. Mas as coisas jamais venceram o céu. O que há de horrível nisso?

Depois Tzu Lai subitamente caiu de cama, doente, os pulmões chiando à beira da morte. A mulher e os filhos se reuniram em volta dele lamentando-se e chorando. Tzu Li, indo visitá-lo, berrou:

— Xô! Siam! Não interrompam a mudança que está surgindo nele.

Depois se recostou ao vão da porta e disse a Tzu Lai:

— Isso não é incrível? Criação! Mudança! O que fará a você? Aonde o levará? Fará de você fígado de rato ou cotovelo de inseto?

— Quando o pai e a mãe dizem ao filho que vá para leste ou oeste, norte ou sul, o seu desejo é ordem para ele. O yin e o yang certamente não são menos que pais para um homem. Eles me encorajam à morte. Se me recuso a ouvir, não serei meramente mais um que não consegue reconhecer a aurora? Que falta lhes poderíamos atribuir?

O Grande Torrão me sobrecarregou com esta forma — continuou — e por fardo me deu a vida. Aliviou-me com a idade e me irá libertar o coração e a mente na morte. Assim, se tomo a vida por bem, devo igualmente tomar por bem a morte.

Se um fabricante de espadas estivesse forjando, e o metal saltasse e dissesse: "Exijo que me transforme na famosa espada Mo-ye^{*}, o ferreiro o tomaria por metal de mau augúrio. Ora, uma vez que assumi forma humana, posso insistir: "Homem! Homem!" Mas tomando o céu e a terra por forja, e a criação e a mudança por Grande Ferreiro, o que aconteceria que eu não pudesse aceitar? Tendo chegado até aqui, durmo. Depois despertarei.



Tzu Sang Hu, Meng Tzu Fan e Tzu Chin Chang eram amigos. Disseram:

— Aqueles que puderem unir-se à não-unidade, cooperar com a não-cooperação, que puderem elevar-se ao céu vagando no orvalho da manhã, agitando demais as coisas, juntos esquecendo-se uns dos outros, perdidos na vida sem fio que esticar até o fim...

Os três se entreolharam e riram, todos os corações concordes. Assim eram amigos juntos.

Em silêncio veio e foi um momento vão. Depois Tzu Sang Hu morreu. Ainda não fora sepultado quando a notícia chegou a Confúcio, que despachou Tzu Kung para ajudar nas cerimônias. Tzu Kung encontrou um dos amigos tecendo armações para a muda dos casulos do bicho-da-seda, enquanto outro tocava um alaúde. Os dois, em harmonia, cantavam:

"Ah, Sang Hu veio; ah, Sang Hu veio!
Agora voltou a ser o que verdadeiramente é,
Mas nós precisamos continuar homens!"

Tzu Kung entrou como raio, indagando:

— Se me permitem, como é que vocês podem cantar na presença do cadáver?

Os dois olharam para ele.

— O que é que esse aí sabe sobre o significado do ritual?

* Mo-ye é o nome de uma espada lendária de excelente qualidade. (N.T.)

Tzu Kung voltou e contou o que viu a Confúcio.

— Que espécie de gente é essa? Não conhecem disciplina, desprezando até mesmo a essência da cerimônia. Sentados ao lado do cadáver, eles cantavam, sem expressão no rosto. Nem sei do que posso chamá-los. Que espécie de gente é essa?

Eles vagam além das fronteiras — disse Confúcio. — Eu vago cá dentro. Dentro e fora: esses dois jamais se encontrarão. O fato de eu ter enviado você para expressar os pêsames foi imaturidade. Eles são coevos do que cria e transforma, e vagam pelo singelo ch'i do céu e da terra. Para eles, a vida é um tumor, protuberância pendente que tem a morte como único método de excisão. Esquecem os próprios fígados e vesículas biliares e deixam para trás até os olhos e os ouvidos. Invertem o fim invernoso e o ventre das origens. Estão perdidos. Cegos, avançam imperiosamente além do reino poeirento, vagando rumo à causa da não-ação. Por que fariam exibição de vulgar cerimônia para os olhos e os ouvidos do populacho?

— Por que é então, mestre, que o senhor permanece dentro dessas fronteiras? — admirou-se Tzu Kung.

— O céu me condenou a viver com asas aparadas. E você também.

— Fale-me mais sobre fronteiras.

— Os peixes foram criados junto com as águas — disse Confúcio. — As pessoas foram criadas junto com o Caminho. Aquilo que é um com a água mergulha fundo num tanque e ali encontra a satisfação de todas as suas necessidades. Aquilo que é um com o Caminho, não tendo deveres, leva uma vida tranquila. Por isso se diz: "Os peixes se esquecem uns dos outros nos rios e lagos; as pessoas se esquecem umas das outras nas artes do Caminho."

— E as pessoas — quis saber Tzu Kung — que não se encaixam dentro de fronteiras?

— Desajustadas — disse Confúcio. — Desajustados são esses que não se enquadram nas fronteiras da humanidade, mas se encaixam exatamente nas fronteiras do céu. O homenzinho do céu é soberano entre os homens. Os soberanos da humanidade são homenzinhos no céu.

Yen Hui falou:

— Quando a mãe de Meng-sun Ts'ai morreu, ele guardou o luto, mas sem lágrimas. O seu coração não sentiu o aguilhão da dor, e ele conduziu o enterro sem pesar aparente. Apesar dessas três faltas, ele é considerado modelo de verdadeiro luto em todo o estado de Lu. Será que realmente pode existir alguém que, mesmo sem substância, possa granjear para si um bom nome?

— Meng-sun foi perfeito — disse Confúcio. — Superou o "conhecer". Certas coisas quis simplificar, mas não pôde, e mesmo assim muito as simplificou. Meng-sun não conhece o porquê da vida nem o porquê da morte. Não sabe o que vem antes e o que vem depois. Quase se mudou em coisa, e agora só espera que o seu não-saber se mude. E como está prestes a mudar, como podemos saber se já não mudou. Ou, se não vai mudar, como saber se já não mudou? Será que só eu e você ainda não despertamos desse sonho? Esse sim pode ter a forma espezinhada sem que o coração e a mente sofram violência. Quando a manhã vive, a morte não é real. Meng-sun despertou, e quando os homens lamentam, ele também lamenta. Conhece um ego que é seu. Será que precisa insistir em uni-lo a algum "eu"? E que "eu" deve conhecer o seu "eu"? Você pode sonhar que é um passarinho e voar pelos céus. Pode sonhar que é um peixe e nadar até o fundo da fonte. Mas como saber se quem fala é sonhador ou já despertou? Virar-se com o disponível não é tão bom quanto uma boa risada. Rir não é tão bom quanto abrir. Abra; deixe que as mudanças aconteçam. Ali encontrará asas e unidade com o céu.



Yi-erh Tzu foi visitar Hsu Yu, e esse perguntou:

— Que orientações Yao lhe deu?

— Yao me mandou praticar a benevolência e a justiça, e deixar claro nas minhas palavras o

que é certo e o que é errado.

— E assim mesmo você veio até a minha vilazinha! — bradou Hsu Yu. — Yao já o rotulou com "benevolência e justiça" e decepou-lhe o nariz com "certo e errado"! Como então você continua a vagar sem direção, tomando qualquer trilha a esmo?

— Mesmo sendo assim — disse Yi-erh Tzu —, será que não posso perambular pelas beiradas?

— Não dá certo! — declarou Hsu Yu. — Um cego não enxerga os olhos num belo rosto. Nem pode distinguir mantos amarelos dos verdes.

— Ora — respondeu Yi-erh Tzu —, Wu-chang perdeu a beleza, Chu-liang perdeu a força e pereceu a sabedoria do Imperador Amarelo:

tudo no calor da fornalha e na foija do ferreiro. Como você sabe que o criador das coisas não vai me livrar desse rótulo, pôr curativo no meu nariz e firmar-me no carro da consumação para seguir a você, meu caro?

— É uma idéia — disse Hsu Yu —, nunca se sabe. Mas imagine o seguinte: o meu mestre, ah! o meu mestre... esse retalha as dez mil coisas bem finas, mas não faz "justiça". E névoa que unge dez mil gerações, mas não pratica "benevolência". Existe desde antes da própria Antigüidade, mas não é "velho". Cobre o céu e sustenta a terra, entalha e lapida formas incontáveis, mas não tem "habilidade". Assim é ele.



Estou ficando cheio disso — disse Yen Hui.

— Como assim? — perguntou Confúcio.

— Trilhei todo o caminho do esquecimento da benevolência e da justiça.

— Muito bem. Só que ainda não chegou lá — disse Confúcio.

— Encontrando novamente Confúcio outro dia, disse Yen Hui:

— Conseguí esquecer tudo sobre rituais e música.

— Muito bem. Só que ainda não chegou lá.

— Estou ficando cheio disso — disse Yen Hu.

— Como assim?

— Sento-me para esquecer.

— Como assim, "sento-me para esquecer"? — indagou Confúcio, apoiando-se ora num pé ora noutro.

— Os meus membros e o meu tronco se esfacelam, o meu intelecto se dissipá, toda forma fica para trás, separada do "conhecimento", quando me identifico com a Grande Ligação. E o que quero dizer com "sento- me para esquecer".

— Se você se *identifica*, pode viver sem preferências, sempre mutante, além até da constância. Assim revela o fruto da sapiência. Peço que me aceite como discípulo.



Chuviscava sem parar já havia dez dias.

— Temo que Tzu Sang possa adoecer — disse Tzu Yu, amigo de Tzu Sang. E arrumou um pouco de comida para levar um prato para ele.

A porta da casa de Tzu Sang, ouviu um som de canto, ou de choro. A voz acompanhava o tanger das cordas do alaúde:

"Ó pai? Ó mãe?
Céu! O humanidade!"

Havia algo de insuportável na voz, como se apressasse por abandonar o verso. Tzu Yu entrou:
— A sua canção, por que é assim?

— Pondero o que me trouxe até esse extremo remoto, mas não consigo achar resposta. Será que o meu pai e a minha mãe me desejariam tanta penúria? O céu tudo cobre, sem parcialidade. A terra tudo sustenta. Como poderiam o céu e a terra oferecer só a mim tamanha penúria? Procurei aquele que fez isso, mas não encontrei. Mesmo assim cheguei a esse extremo longínquo. Assim é o destino.

Respostas para Imperadores e Reis

[CAPÍTULO 7]

Nieh Ch'ueh inquiriu Wang Ni. Depois de fazer quatro perguntas sem obter uma única resposta, saltou com alegria e correu lá fora para contar ao mestre Manto-impetuoso.

— Então agora você sabe? — perguntou o mestre. — Yu-yu não se comparava a T'ai. Yu-yu ainda valorizava a benevolência e tentava usá-la para aproximar os homens. Alcançou os homens, mas jamais o reino do "não-homem". T'ai dormia profundamente, e quando acordava ia tratar dos seus afazeres. Podia ser cavalo ou vaca. Conhecia o fato e a fé. O poder da sua virtude jamais foi verdadeiro. Jamais sequer entrou no reino do "não-homem".



Chien Wu foi visitar o louco Chieh Yu. Chieh Yu perguntou:

— O que foi que Começo-no-meio lhe disse aquele dia?

— Disse que o "homem nobre" deve colher os próprios parâmetros e regras dentro de si. Então nenhum dentre os homens ousaria não ouvir e não se transformar.

— Esse aí mascara a virtude! — tornou o louco Chieh Yu. — Assim reger Tudo-sob-o-céu seria atravessar o mar a pé, cavar um poço no rio ou fazer um mosquito erguer e carregar uma montanha. Será que o governo do sábio tem algo a ver com aparências? Ele pára, ereto, diante do Uno. Só então segue adiante; então pode fazer o que precisa fazer. O pássaro voa alto, além do alcance de arapucas e flechas. O rato cava sob os grandes montes ceremoniais para fugir ao alcance dos homens que perfuram buracos para enfumaçá-los. E claro que essas duas criaturinhas não têm conhecimento.



T'ien Ken vagava pela ensolarada encosta yang da montanha Yin. Quando chegou ao rio Agua-pena, encontrou um homem Sem-nome e lhe perguntou:

— Será que posso indagá-lo sobre Tudo-sob-o-céu?

O homem Sem-nome respondeu:

— Saia já daqui, ó bruta criatura! Como pode fazer pergunta tão horrível? Estou prestes a ser Homem, o criador das coisas. Quando me sinto oprimido, monto o pássaro Confusão Sutil e, voando além das Seis Direções, vagueio até o vilarejo de Qualquer-lugar, habitando os ermos dos Campos Largos e Perfeitos. Por que é que você precisa apressar na boca perguntas sobre a ordem do mundo para perturbar-me o coração e a mente?

T'ien Ken perguntou de novo, e dessa vez Sem-nome respondeu assim:

— Que o seu coração e a sua mente vaguem pelo insípido; harmonize o seu ch'i com o indiferente. Siga as coisas no fazer o que fazem, sem tirar proveito. Tudo-sob-o-céu assim será regido!



Yang Tzu Chu foi ver Lao Tan e disse:

— Aqui vive um homem rápido feito eco, forte como viga de telhado, dotado de iluminada percepção das coisas. Estuda o Tao incansavelmente. Será que se pode comparar esse homem a um rei esclarecido?

— Comparado a um sábio — respondeu Lao Tan —, esse tal é um mecânico descuidado preso à sua tarefa, lapidando a sua forma e incutindo medo no coração e na mente. Diz-se por ai que são as elegantes rajadas exteriores, a decoração, do leopardo e do tigre que atraem o caçador. A sagacidade do macaco e a destreza do terrier no apanhar ratos lhes rendem a coleira. Ainda quer comparar gente como essa a um rei esclarecido?

O rei esclarecido — continuou Lao Tan —, os seus atos abrigam Tudo-sob-o-céu, e ele no entanto parece abnegado. Deixa que a mudança supra todas as coisas, mas o povo não o adora. Apoiado no insondável, vagueia por onde nada existe.



No estado de Cheng, vivia um médium chamado Chi Hsien que podia prever se as pessoas viveriam ou morreriam, existiriam ou pereceriam, teriam desgraças ou prosperidade, vida longa ou morte prematura. Previá a data exata desses acontecimentos, dizendo o ano, o mês e o dia, como se fosse ele mesmo um espírito. Sempre que o povo de Cheng o via, largavam tudo e fugiam. Quando Lieh Tzu o viu pela primeira vez, foi como se tivesse a mente e o coração embriagados. Correu para casa para contar tudo ao mestre Jarra-de-vinho:

— Sempre acreditei que o seu Caminho fosse o Caminho até lá. Mas agora vejo que outro vai mais longe.

— Já lhe mostrei as minhas aparências exteriores — retrucou o mestre Jarra-de-vinho —, mas não ainda a minha substância. Será que realmente já dominou o meu Caminho? Se o seu galinheiro não tem galos, será que vai produzir ovos férteis? Você mostra o seu Caminho ao mundo para achar seguidores. E por isso que esse homem pode ler o seu rosto. Venha você com ele para me pôr à prova.

No próximo dia ensolarado, Lieh Tzu levou o xamã para uma entrevista com o mestre Jarra-de-vinho. Quando o xamã entrou, exclamou para Lieh Tzu:

— Caramba! O seu mestre é um homem morto! Não há vida nele. Não tem mais nem uma semana de vida. O que vejo nele é realmente esquisito. Vejo cinzas úmidas.

As mangas ensopadas de lágrimas, Lieh Tzu entrou para contar ao mestre Jarra-de-vinho.

— Acabei de mostrar a ele a minha aparência terrena, oculta e inabalável como os primeiros brotos viçosos — disse o mestre Jarra-de-vinho. — Ele provavelmente pensou que o poder da minha virtude estava se esgotando. Traga-o de novo.

Dia claro e cedo, voltaram os dois. Quando o xamã saiu da entrevista, falou:

— Que grande sorte teve o seu mestre ao me encontrar! A sua doença sumiu. Ele está cheio de vida. O que vi antes era apenas um bloqueio da sua energia.

Lieh Tzu entrou e contou ao mestre Jarra-de-vinho.

— Dessa vez — disse o mestre Jarra-de-vinho —, eu lhe mostrei o meu Campo Celeste, onde não entram nem aparência nem substância e onde os atos procedem direto dos meus calcanhares. Provavelmente ele viu o "bem" em ação. Traga-o aqui de novo.

Lieh Tzu levou o médium novamente, e este disse ao sair:

— O seu mestre é incoerente. Não consigo ler nada no rosto dele. Peça que ele se aprume, que ai posso ver alguma coisa.

Lieh Tzu foi contar ao mestre Jarra-de-vinho, que disse:

— Acabei de mostrar a ele a Grande Convergência líquida Invencível. Ele provavelmente viu as ações do meu ch'i entrando em equilíbrio. Onde a água na esteira da Grande Criatura Marinha faz um redemoinho. Basta bloquear a água para formar um redemoinho; basta deixar a água correr para formar um redemoinho. Existem nove espécies de redemoinhos. Tenho três aqui no meu Grande Centro Líquido. Traga- o novamente.

Ao amanhecer do dia seguinte, voltaram os dois. O xamã andou de um lado para o outro, depois se perdeu completamente e fugiu.

— Vá atrás dele agora, se ainda quer — sugeriu o mestre Jarra-de- vinho.

Lieh Tzu o seguiu mas não conseguiu alcançá-lo. Acabou voltando para contar ao mestre Jarra-de-vinho.

— Sumiu. Não consegui alcançá-lo e agora o perdi.

— Dessa vez — disse o mestre Jarra-de-vinho —, eu lhe mostrei o meu mestre ancestral antes do princípio do princípio. Mostrei-lhe o vazio, serpenteando feito cobra. Ele não sabia quem ou o que eu era, pois me dobrava e oscilava, ondulava e fluía. Aí ele e seus augúrios fugiram.

Lieh Tzu percebeu que ainda nem começara a aprender nada. Voltou para casa, ficou entocado durante três longos anos. Fazia todas as tarefas da mulher e alimentava os porcos como se fossem gente. Não exibia interesse pelos negócios do mundo, deixando a ostentação para o vulgo. Ficou só dentro de si como um torrão. E em meio ao palpitar da confusão e da divisão, preservou-se indiviso até esgotar o fio da vida.



Não abra a sua porta à fama. Não se torne lugar de maquinações. Não tente carregar os deveres do mundo. Não tenha mestre. Que o seu corpo seja o infinito. Siga a trilha do nada possuir. Seja tudo o que o céu lhe deu. Não busque lucro. Ser vazio, isso é tudo. Aquele que chegou lá usa o coração e a mente como espelho, e não acompanha as coisas na partida nem sai para recebê-las. E aquele que reage mas não se apega, e assim conquista as coisas conservando-se ileso.



O imperador do mar do Sul chamava-se Apresa-te. O imperador do mar do Norte chamava-se Súbito. O imperador do Espaço Intermédio era Confusão. Apresa-te e Súbito muitas vezes iam à terra de Confusão, onde ele os tratava com bondade. Querendo retribuir essa bondade, os dois imperadores tomaram uma decisão:

— Todas as pessoas têm sete orifícios, para ver, ouvir, comer e respirar, mas Confusão não tem nenhum. Vejamos se não podemos ajudá-lo a furar alguns.

Todo dia lhe abriam um orifício, e no sétimo dia, morreu.

Pés Palmados

[CAPÍTULO 8]

Pés palmados ou um dedo a mais — são coisas bem naturais, mas nada têm a ver com o Poder da Virtude. Verrugas e tumores podem pender das nossas formas, mas nada têm a ver com a nossa natureza. Muitos são os que da "benevolência" e da "justiça" fazem uma arte, e chegam até a reclamar um lugar para elas entre os cinco órgãos vitais, mas isso não é permanecer afinado com o Caminho e o seu Poder. O que urde os dedos dos pés é inútil membrana de carne. Mãos com uma saliência a mais só germinaram um dedo inútil. E aqueles que pretendem colocar pés palmados e dedos germinados entre os órgãos vitais são indecentes, pervertidos e imaturos.

Ao praticar "benevolência" e "justiça", criam uma multiplicidade de métodos engenhosos de ver e ouvir. Mas aqueles cuja visão é excessivamente nítida se confundem com as cinco cores, se pervertem diante de uma decoração elaborada e dos verdes-azuis e amarelos das cintilantes vestes de brocado. Estarei errado? Veja o caso de Lá Chu.

E aqueles de audição extremamente aguçada se confundem com as cinco notas e se pervertem com os seis tons e os sons de metal, pedra, seda e bambu nas solenes canções ceremoniais "Sino Amarelo" e "Ta Lu". Estarei errado? Pense em Shih Kuang.

Gente que tem um dedo a mais de "benevolência" persegue as suas virtudes e dedilha a sua natureza só para ouvir os sons do seu nome, fazendo Tudo-sob-o-céu marchar ao som do pífano e do tambor de um método que simplesmente não é eficaz. Estarei errado? Olhe para Tseng Tzu e Shih.

E aqueles que têm os pés palmados da retórica vivem empilhando tijolos e urdindo rabos-de-rato à guisa de argumento, tagarelando sobre o "duro" e o "branco", o "igual" e o "diferente", em busca de apenas um instante de fama. Estarei errado? É só ver o caso de Yang Chu e Mo Tzu. Todos esses partilham Caminhos que não passam de dedos extras e pés palmados. Nenhum deles chega perto de endireitar Tudo-sob- o-céu.

Quem quer endireitar as coisas não pode perder de vista os fatos da natureza e o destino. Para aquele que age assim, o que está unido não se funde em membranas, o que fica separado não é extra, o que é comprido não se excede e o que é curto não deixa de ter apoio suficiente. As pernas do pato são curtas, mas se você as estica, o aflige. As pernas do grou são compridas, mas se você as encurta, o entristece. Assim também é a natureza: o comprido nada tem que deva ser quebrado; o curto nada tem que deva ser esticado. E não há por que se lamentar.

Se "benevolência" e "justiça" não são fatos da condição humana, quanta tristeza os "homens de benevolência" não provocam? Separar os dedos de pés palmados gera pranto. Arranque o dedo a mais e ouvirá urros de dor. Talvez a membrana o deixe com muito poucos dedos nos pés, a protuberância com excesso de dedos nas mãos, mas a alteração resulta em aflição universal.

Nestes dias, as "pessoas de benevolência" quedam-se de olhos vidrados mirando a calamidade deste mundo de aflição, enquanto aqueles que não são benevolentes decepam os fatos da natureza e do destino em troca de riqueza e status. Portanto, digo que "benevolência" e "justiça" não são fatos. Porém, desde os tempos das Três Dinastias, quanto clamor, ah!, quanto clamor já causaram!

Aqueles que aguardam a curva, a linha, o compasso e a régua para endireitar as coisas acabam desbastando a sua própria natureza. Aqueles que usam cordas para atar e cola para grudar as coisas firmemente invadem o poder da sua virtude. Aqueles que se submetem e se humilham diante de

rituais e música, e matraqueiam sobre "benevolência" e "justiça" na tentativa de satisfazer os corações e as mentes de Tudo-sob-o-céu acabam perdendo a constância do modo como fluem as coisas.

Tudo-sob-o-céu tem certa constância no modo de fluir, e, segundo essa constância, o curvo não se faz com a ferramenta do artífice, o reto não depende da régua do carpinteiro; o redondo prescinde do compasso, e o quadrado, da régua. Coisas que não estão quebradas não precisam de cola. O que adere não precisa de amarra. Em Tudo-sob-o-céu, todas as coisas vêm a ser, sem que nenhuma delas saiba por que vivem e crescem. Do mesmo modo, todas as coisas fazem o que fazem, e não há como saber o modo como ou de onde o obtêm. Nisso não se distingue o passado remoto do presente. Nada se quebrou. Nada falta.

Então como é que "benevolência" e "justiça" seguem continuamente remendando e colando, vagando ativas no Caminho e seu Poder, fazendo todo coração debaixo do céu se perguntar — "Isso? Ou aquilo?" Dúvidas menores fazem mudar os métodos. Dúvidas maiores fazem mudar a natureza. Como sei? Desde que o sábio Shun se apoderou da "benevolência" e da "justiça" e passou a instruir Tudo-sob-o-céu, todos vêm correndo atrás da fama de "benevolente" e "justo". Mas isso porventura não é deixar que a "benevolência" e a "justiça" mudem a sua natureza? Explico. Desde o tempo das Três Dinastias até hoje, todos têm deixado que coisas mudem a sua natureza. Homens avaros arriscam os seus corpos em busca do lucro. Cavaleiros arriscam-se pela fama. Grandes ministros arriscam os seus corpos por causa da suas famílias, os sábios, por Tudo-sob-o-céu. Esses todos talvez difiram naquilo que fazem e na fama ou infâmia que adquirem, mas se igualam no ferir a sua natureza ao arriscar os seus corpos.

Um pastor experiente e uma menininha apascentavam ovelhas. Os dois perderam os rebanhos. O que fazia o pastor experiente? Estudava alguns textos que levara consigo. E a menininha? Brincava. Os dois faziam coisas totalmente diferentes, mas se igualaram na perda das ovelhas.

Po Yi morreu em busca de fama no sopé do monte Shou-yang. O bandoleiro Chih morreu em busca de dinheiro no cume da montanha Oriental. Os dois não morreram pela mesma coisa. Mas se igualaram no desperdício da vida e no ferir as suas naturezas. Como podemos louvar Po Yi e culpar o bandoleiro? Dentre todos os que arriscam a sua vida em Tudo-sob-o-céu, se o fazem por "benevolência" e "justiça", o vulgo os chama "cavalheiros". E se arriscam a vida por riquezas, chama-los "avarentos". Mas o que arriscam é o mesmo. Portanto, lá estão um cavalheiro e um avarento arriscando as suas vidas e ferindo a sua natureza, um bandoleiro Chih e um Po Yi. Mas como dizer qual o cavalheiro, qual o avarento?

Quem adestra a sua natureza na "benevolência" e na "justiça", embora se tome igual a Tseng Tzu e Shih, não supera o pastor experiente que mencionei acima. Se corrompe a sua natureza por causa dos cinco sabores, embora se tome igual ao Grande Mestre-cuca Yu Erh, não é o que eu chamaria de especialista. Abandona então a sua natureza às Cinco Notas? Embora se iguale a Shih Kuang, nunca alcançará o que chamo ouvir. Se se entrega às Cinco Cores, embora se iguale a Li Chu, jamais aprenderá o que chamo ver nitidamente. O que denomino especialidade não é o que pensam os seguidores da "benevolência" e da "justiça". A minha especialidade reside no Poder da Virtude. Isso é tudo. O que chamo especialista não é o que julgam benevolente e justo. E suportar os fatos da natureza e do destino.

O que chamo ouvir não é o que você faz com o ouvido encostado à porta. E ouvir a si mesmo. O que chamo ver nitidamente não implica ver o outro, mas ver-se nitidamente. Quem não consegue ver-se, mas só vê os outros, não pode conquistar-se, mas só conquista para os outros. Obtém o que os outros necessitam, alheio às próprias necessidades. Aquele que está sempre a serviço dos outros jamais é de si mesmo, mas escravo. E é nisso que Po Yi e o bandoleiro Chih se unificam e igualam: na indecência, na perversão e na imaturidade.

E eu? O meu coração vive temerosamente carente do Tao e do Poder da Virtude. Na melhor das hipóteses, não ousaria cair nas garras da "benevolência" e da "justiça", e, na pior, não ousaria ser indecente, perverso e imaturo.

Os Cascos dos Cavalos

[CAPÍTULO 9]

Os cascos dos cavalos os protegem na geada e na neve. Seu pêlo os protege dos ventos gelados. Mastigam capim e bebem água. Sobre pés alados voam pela terra seca. Essa é a verdadeira natureza do cavalo. Mesmo que os cavalos tivessem grandes torres e belos salões, não lhes seriam muito úteis.

Mas lá vem um Po Lo que diz: "Sou bom para domar cavalos." Usa ferro e fogo para adestrá-los. Ferreteia e fere, prende e peia os animais com cordas e os trancafa em baías nos estábulos. Só isso já mata dois ou três de cada dez cavalos. Depois os faz passar fome e sede. Força-os a trotar, empinar e correr alinhados. Emparelha-os lado a lado. Perturba-os com freios e arreios, açoita-os com o cabo ou o chicote. A essa altura, bem a metade do resto já morreu.

O oleiro brada: "Sou bom para moldar a argila! Sei deixá-la arredondada com o compasso, ou reta com o esquadro." O carpinteiro berra: "Sou bom para dar forma à madeira. Sei deixá-la curva com o arco ou reta com a régua." Mas por natureza, será que a argila e a madeira se importam se são modeladas segundo o compasso ou a régua, o arco ou o esquadro?

Porém, geração após geração honram Po Lo, dizendo: "Ele era bom para reger cavalos." Veneram o oleiro e o carpinteiro, dizendo: "Eles são bons para reger a argila e a madeira." E cometem o mesmo erro com respeito aos que "regem" Tudo-sob-o-céu. Eu, por mim, fico aqui e canto do fundo do coração: aqueles que são bons para moldar Tudo-sob-o-céu não são certos.

As pessoas têm uma natureza constante. Tecem para vestir-se, aram para comer. Isso se chama partilhar o Poder da Virtude, ser um sem formar classes. Isso se chamava Mandato do Céu, distribuído livremente. Assim, uma geração que chegou lá, ao Poder da Virtude, caminha acompanhando a terra e vê segundo o relevo da paisagem. Agem junto com as estações; as suas montanhas não conhecem os carreiros e as trilhas dos criminosos; os seus pantanais não conhecem barcos nem pontes. As dez mil coisas afluem e crescem, lado a lado. Aves e animais prosperam em bandos e rebanhos. Capim e árvores crescem altos. Você pode atar uma ave ou um animal e vagar por aí. Pode puxar o galho para baixo e espiar os ninhos da pega ou do corvo.

Portanto, a geração que alcançou o Poder da Virtude vive em harmonia com aves e animais e permanece lado a lado, como um só clã, com as dez mil coisas. O que saberiam de "cavalheiro" ou "plebeu"? São unos no não-conhecimento. O poder da sua virtude não é separado. São como um só, sem desejos. Isso se chama simplicidade da madeira não trabalhada. Na simplicidade da madeira não trabalhada, realiza-se a natureza das pessoas.

Depois vem um sábio coxeando, pernetá, por causa da benevolência e da justiça, e todos em Tudo-sob-o-céu passam a conhecer a dúvida. E pelos floreios da sua música, os gestos do seu ritual, Tudo-sob-o-céu começa a se dividir. Se a não trabalhada simplicidade das coisas permanecesse inteira, quem é que faria vasilhas para o sacrifício? Se o jade branco permanecesse inteiro, quem é que faria quinquilharias de jade para a cerimônia da corte? Se o Tao e seu Poder não fossem jogados fora, onde a benevolência e a justiça achariam espaço? Se a natureza e o fato não se houvessem separado, que utilidade teriam a música e o ritual? Se as Cinco Notas não fossem lançadas no caos, quem é que precisaria dos Seis Tons? O crime do artesão é destruir a simplicidade do não trabalhado meramente para fazer vasilhas. O erro do sábio é destruir o Tao e seu Poder em prol da benevolência e da justiça.

Ora, os cavalos, vivendo na terra, comem capim e bebem água. Alegres, enroscam os pescoços e se coçam. Irritados, dão as costas uns aos outros e escoiceiam. E isso o que sabem os cavalos. Mas imponha-lhes canga e uma placa em forma de lua na testa,* e os cavalos conhacerão fronteiras e limites, sabendo que estão escravizados. Então, furtivamente, olham de lado e entortam o pescoço para morder. Esperneiam tentando livrar-se do freio e das rédeas. Agora aprenderam, nos seus corações capazes, o caminho do fora-da-lei. Esse é o crime de Po Lo.

No tempo de Ho Hsu, os homens viviam sem "saber" o que faziam, e seguiam sem "saber" para onde. Com comida na boca, eram felizes, tamborilando a barriga e andando ao léu. Isso era tudo o que as pessoas eram capazes de fazer.

Mas depois veio o sábio, curvando-se e submetendo-se a ritos e músicas para "reformar" a forma de Tudo-sob-o-céu, e projetando os pendentes dedos extras da benevolência e da justiça para tentar comover os corações e as mentes de Tudo-sob-o-céu. Foi só então que as pessoas passaram a emprovar-se nas pontas dos pés, viciadas no "saber" e esforçando-se por ir para casa e deitar-se com o lucro. Não houve como pará-las. Isso também é crime do sábio.

* Ornamento dos arreios do cavalo. (N.T.)

O Roubo da Bagagem

[CAPÍTULO 10]

Se você quer se prevenir de ladrões que pilham a bagagem, cortam sacolas e arrombam cofres, certamente terá de usar uma boa corda e nós firmes, cadeados e ferrolhos sólidos. Assim é esta geração no seu hábito de classificar o "conhecimento". Mas mesmo com tudo isso, quando chega um ladrão grande e forte, ele alça os cofres aos ombros, ergue as sacolas, carrega às costas a bagagem e foge. A única preocupação dele é que você talvez não tenha trancado os cadeados e ferrolhos, ou feito nós bem apertados. E. Aquele que ganhou fama por "conhecer" só o que fez foi guardar bens para o Grande Ladrão.

Explico. O que o mundo chama de conchedor é meramente alguém que acumula bens para o Grande Ladrão, certo? E o que o mundo chama de sábio é justo a escolta do Grande Ladrão. Como sei disso? Pense nos antigos estados de Ch'i. As cidades vizinhas estavam à vista umas das outras, tão próximas que de uma se ouviam o canto do galo e o ladear dos cães da outra. Eram campos de caça para a rede e o laço, e terras para a enxada e o arado, numa área de mais de dois mil li quadrados dentro das quatro fronteiras. O modo como foram fundados os templos dos ancestrais e os altares para o solo e os cereais, e o modo como as cidades e as vilas eram governadas — houve sequer um caso que não seguia o método do sábio? Era lugar assim, e no entanto T'ien Ch'eng-tzu, no alvorecer de um dia singelo, assassinou o príncipe de Ch'i e lhe tomou a terra. Mas não foram só os bens que ele roubou. Roubou os próprios métodos do governo do sábio! Assim, embora T'ien Ch'eng-tzu tenha adquirido fama como bandoleiro, o seu corpo desfrutou da mesma paz de Yao e Shun. Os pequenos estados não ousaram dizer que ele não era o que pretendia ser, e os grandes estados não ousaram acusá-lo de nada. Por gerações a fio a sua posteridade mandou em Ch'i. E não é isso, de fato, não só roubar Ch'i mas também os métodos do conhecimento do sábio? Tudo para preservar o corpo de um bandoleiro!

Vou tentar explicar. Dentre aqueles que o mundo hoje considera que "alcançaram conhecimento", será que há ao menos um que não esteja acumulando coisas para o Grande Ladrão? Dentre aqueles que o mundo considera que "alcançaram a sapiência", será que há ao menos um que não esteja guardando coisas para um Grande Ladrão? Como sei que isso é verdade? Nos tempos antigos, Lung-feng foi decapitado, Pi Kan foi estripado, Ch'ang Hung foi esquartejado e Tzu-hsu foi esmagado. Embora esses quatro mestres fossem todos dignos, não conseguiram evitar que lhes fossem cortadas as asas.

Quando um dos membros da malta do bandoleiro Chih perguntou se os ladrões têm o Tao, Chih respondeu: "Como poderíamos prosperar sem o Caminho? A incrível intuição do que pode estar escondido num quarto é a 'sapiência' do ladrão. Ser o primeiro a entrar é a coragem. Ser o último a sair é a justiça. Saber se você pode executar um trabalho é o conhecimento. Dividir o saque é a benevolência. Tudo-sob-o-céu jamais viu um Grande Ladrão de verdade que não tenha dominado essas cinco coisas."

Agora veja as coisas por este ângulo: uma pessoa boa que não alcança o Tao de um sábio não consegue firmar-se, nem pode um Chih que não alcance o Tao de um sábio prosperar sem ele. Em Tudo-sob-o-céu, poucos são os bons, muitos os que não são bons. Assim o sábio pouco ajuda Tudo-sob-o-céu, mas muito o prejudica. Por isso se diz: "Quando se perdem os lábios, os dentes ficam

frios." e "Foi o vinho aguado de Lu que provocou o cerco de Han Tan." As causas podem ser claras, ou quem sabe obscuras. Portanto, foi quando surgiram os sábios que se ergueram também os grandes ladrões. Esmaguem os sábios, e esquecerão os ladrões. Então Tudo-sob-o-céu começará de fato a ser governado. Quando as torrentes secam, os seus leitos ficam vazios, e quando os montes são aplaniados, os tanques se enchem; igualmente, quando os sábios morrem, não surgem grandes ladrões. Com Tudo-sob-o-céu igualado e em paz, não há razão para sábios ou ladrões. Mas enquanto os sábios não morrem, os ladrões não param.

Quanto mais peso damos ao governo do sábio, mais contribuímos para a riqueza do bandoleiro Chih. Quando damos ao povo o padrão e a medida, nós o ensinamos a enganar com o padrão e a medida. Quando damos ao povo a balança e a romana para pesar, o ensinamos a fraudar o peso. Quando lhe damos contratos e selos oficiais para confirmar a boa fé, damos-lhe instrumentos para roubar. E quando o obrigamos a reformar-se pela benevolência e pela justiça, o ensinamos a roubar com benevolência e justiça.

Como sei? O homem que rouba a fivela do cinto é executado, mas o homem que rouba um reino torna-se senhor feudal. Dentro dos portões dos senhores feudais, a benevolência e a justiça crescem como bebês. Mas porventura isso não é simplesmente benevolência e justiça roubadas, e também todo o "conhecimento" do sábio? Por isso os homens se apressam em seguir os Grandes Ladrões, tentando tornar-se senhores. Roubam a utilidade da benevolência e da justiça, dos padrões, das medidas e das balanças, dos contratos e dos selos. Carruagens e coroas nada são que possam persuadi-los, nem podem o machado e o bloqueio dissuadi-los. Isso só aumenta o lucro do bandoleiro Chih, reduzindo ainda mais a possibilidade de que venha a ser dissuadido. Esse é o erro, o excesso, do sábio.

Costumava-se dizer: "Os peixes não devem deixar o tanque, os instrumentos de angariação de riquezas do estado não devem ser mostrados ao povo." Ora, esses "sábios" são meros instrumentos de angariação de riquezas do estado. Não são instrumentos da iluminação de Tudo-sob-o-céu. Quando você se liberta dos sábios, liberta-se também dos grandes ladrões. Jogue fora o jade! Triture as pérolas! Então os pequenos ladrões não agirão. Queime os contratos e rompa os selos, que assim o povo pára de querelar. Supere os métodos gerados pelo conhecimento do sábio, e voltará a poder conversar sensatamente com o povo. Confunda os Seis Tons. Queime flautas e alaúdes e tampe os ouvidos do cego Kuang: só então voltarão a ouvir realmente. Destrua os enfeites, misture as Cinco Cores, feche com cola os olhos de Li Chu, que em Tudo-sob-o-céu outra vez começarão a enxergar a luz. Destrua o arco e a régua, lance fora o compasso e o esquadro, quebre os dedos do artesão Ch'ui, e em Tudo-sob-o-céu eles começarão a conhecer as suas habilidades novamente.

Diz uma antiga máxima: "A maior das habilidades parece falta de jeito." Varra todos os vestígios de Tseng Tzu e Shih, amordace Yang Chu e Mo Tzu, lance fora a benevolência e a justiça, e o poder da virtude de Tudo-sob-o-céu nascerá do escuro mistério, igual novamente ao céu. Quando as pessoas passarem a enxergar a luz, Tudo-sob-o-céu já não queimarão. Quando as pessoas passarem a ouvir novamente, Tudo-sob-o-céu já não estará preso. Quando as pessoas novamente souberem o que sabem, Tudo-sob-o-céu já não saberá. Quando as pessoas voltarem a conhecer o Poder da Virtude, Tudo-sob-o-céu já não será perverso ou bruto. Tseng Tzu e Shih, Yang Chu e Mo Tzu, mestre Kuang, o artesão Ch'ui e Li Chu — todos eles buscaram o poder das suas virtudes fora de si, cegando Tudo-sob-o-céu em ofuscante confusão. Os seus métodos eram inúteis.

Só você não conhece aquela antiga geração que alcançou o Poder da Virtude — Yung Ch'eng, Po Huang, Li Hsu, Fu Hsi e os outros? Naqueles dias, as pessoas usavam cordas com nós para guardar os seus registros. Faziam bons alimentos e belas roupas. A alegria era para eles mero hábito. A paz prosperava atrás dos peitoris das janelas, a tranquilidade sob os telhados. Embora vivessem à vista das terras vizinhas e partilhassem o canto do galo e o ladrar dos cães, essa gente envelhecia e morria sem jamais se preocupar em fazer visitas. Isso sim é bom governo.

Mas hoje alguma coisa faz essa gente esticar o pescoço e levantar os calcanhares para, na ponta dos pés, bradar: "Olhem! Lá vai um homem digno!" E aprontam as suas matulas e se

apressam em segui-lo. Assim jogam fora o que lhes é caro e próximo, e entregam o seu dever ao anfitrião. As suas pegadas ligam as divisas dos senhores feudais; as trilhas do seu carro se cruzam por mil li. Essa é a falta dos do alto, conseqüência do seu apego ao "conhecimento". Quando os do alto são sinceramente apegados a esse tipo de conhecimento, não conseguem conhecer o Tao. E então que Tudo-sob-o-céu conhece o Grande Caos.

Como sei que é assim? O grande conhecer, a tecnologia do arco e da balestra, da rede, do arco e flecha, e de toda sorte de artifícios engenhosos, lança as aves do céu no caos. O grande conhecimento que faz as pessoas fabricar anzóis, iscas, redes e cercados acaba levando o caos aos peixes das águas. Cercas, armadilhas, laços e gaiolas nascem do grande conhecimento, e levam o caos aos animais selvagens. O conhecimento que gera o engodo e a venenosa ambigüidade, que brinca com distinções sobre o duro e o branco, que levanta poeira sobre igualdade e diferença — esse conhecimento de fato é grande. E por esse conhecimento que a dúvida se faz hábito das pessoas.

O crime é o apego ao conhecimento. Assim é que eles, em Tudo- sob-o-céu, só sabem buscar aquilo que não conhecem. Nenhum deles sabe buscar aquilo que já conhecem. Todos sabem rotular de falso qualquer coisa que julguem não ser boa, mas não sabem chamar falso o que julgam bom. E isso é o Grande Caos — que obscurece a luz do sol e da lua lá do alto; abaixo, consome o espírito vital do morro e do córrego; no meio, distorce a sucessão das estações. Inseto rastejante ou coisa tremulante, nada há que não tenha perdido a sua verdadeira natureza, o coração com que nasceu. Esse é o poder do apego ao conhecimento técnico — lança no caos Tudo-sob-o-céu. Desde as Três Dinastias tem sido exatamente assim. Aqueles que semeiam e multiplicam são jogados de lado, enquanto o servo bajulador progride. Abandonam-se a simplicidade e a não-ação. O que se acalenta é a música e a dança que confunde Tudo-sob-o-céu.

Ficar em Casa, Nada Possuir

[CAPÍTULO 11]

Em Tudo-sob-o-céu já ouvi falar em ficar em casa e cultivar a tranqüilidade possuindo só a si; mas nunca ouvi falai" em "governar" Tudo- sob-o-céu. Se você fica em casa, será que precisa temer corromper o coração que Tudo-sob-o-céu possuía ao nascer? Se você só possui a si mesmo, será que precisa se preocupar com a possibilidade de que o Poder da Virtude de Tudo-sob-o-céu vá se esvair? E se o coração com que nasceu Tudo-sob-o-céu não estiver corrompido, nem o poder da sua virtude deslocado, será que Tudo-sob-o-céu precisará de alguém que o possua e governe?

Nos tempos antigos, quando o sábio Yao governava, fazia feliz Tudo- sob-o-céu. As pessoas se alegravam no íntimo, e os seus corações jamais estavam calados. Quando o tirano Chieh governava, deixou doente de morte Tudo-sob-o-céu, e as pessoas só sentiam a dureza dos corações com que haviam nascido. Esses corações não conheciam satisfação. Não conhecer a paz nem a satisfação é estar privado do Poder da Virtude, e quem é que poderia durar muito sem esse poder? Quando as pessoas estavam felizes demais, inclinavam-se ao yang. Quando irritadas demais, inclinavam-se ao yin. Quando o yang e o yin estavam em excesso, as estações saíam da seqüência, o quente e o frio já não podiam se harmonizar, e a sua desordem feria a forma humana. As pessoas deixavam que a felicidade e a raiva as afastassem das suas metas, e começavam a viver na inconstância — e assim os tigres da preocupação tomavam conta dos seus corações e das suas mentes. Não conseguiam ter o que necessitavam. Sempre eram barrados no meio do caminho e jamais alcançavam os seus objetivos. Então, pela primeira vez, surgiram em Tudo-sob-o-céu idéias que não eram simples, ações que não eram diretas. Foi aí que vieram o bandoleiro Chih, Tseng Tzu e Shih. Ora, mesmo que Tudo-sob-o-céu fosse a recompensa do "bem", nem isso bastaria, e mesmo que Tudo-sob-o-céu fosse usado para castigar o mal, não seria suficiente. Apesar da grandeza de Tudo-sob-o-céu, não há bastante dele para recompensar e castigar.

No entanto, desde o surgimento das Três Dinastias, todos vêm disputando e lutando por nada além de recompensa e castigo. Que tempo ainda teriam para os fatos da natureza e o destino? Para essa gente, desfrutar a visão é depravar-se no sexo; desfrutar a audição é depravar-se com música. Desfrutar a benevolência? Lançar o Poder da Virtude no caos. Desfrutar a justiça? Perverter o princípio. Desfrutar o ritual? Adotar o artifício. Desfrutar a música ceremonial? Aproximar-se da perversão. Sapiência? Meras artes mágicas. Desfrutar o conhecimento? Catar piolhos.

Quando as pessoas estão em harmonia com os fatos da natureza e o destino, essas oito coisas podem existir ou perecer. Quando não estão em harmonia com os fatos da natureza e o destino, essas oito coisas começam a perverter e deformar as pessoas, e levam Tudo-sob-o-céu ao caos enquanto fingem cortejar a honra e estimar essas mesmas coisas. Tal é o estado de dúvida em Tudo-sob-o-céu. Não só cometem os seus excessos e persistem neles — mas jejuam antes de falar deles; ajoelham- se em esteiras e fazem oferendas para eles; tocam tambores, dançam e entoam hinos diante deles. E nada há que eu possa fazer.

Se um soberano tem o que deseja e se entrega ao ócio em vez de dominar Tudo-sob-o-céu, não existe nada melhor do que a não-ação. Não agindo, ele pode permanecer em paz com os fatos da sua natureza e do seu destino. Desde a Antigüidade, pode-se confiar Tudo-sob-o-céu àquele que valoriza mais o seu corpo do que Tudo-sob-o-céu; pode-se confiar a soberania àquele que ama mais o próprio corpo do que cuidar de Tudo-sob-o-céu. Assim o soberano que se abstém de libertar-se

dos seus cinco órgãos vitais, que evita separar a visão da audição, poderá habitar por longo tempo o próprio cadáver com a visão de um dragão, calado como a fonte, como a voz do trovão. Quando o seu espírito se move, o céu e a terra acompanham. Maleáveis à não-ação, as dez mil coisas seguirão atrás dele como pequenas nuvens de vapor. E que tempo lhe restará para "governar"?



T'sui Chu perguntou a Lao Tan:

— Se você não governa Tudo-sob-o-céu, como é que pode aperfeiçoar a mente e o coração do homem?

— Não faça confusão com o coração e a mente — respondeu Lao Tan. — Eles podem ser puxados para baixo ou atirados para cima, mas o alto e o baixo são uma prisão, sentença de morte para o coração e a mente. Maleáveis ao macio e ao suave e também ao duro, o coração e a mente podem cortar, entalhar e polir. O seu calor pode queimar o fogo; o seu frio, congelar o gelo. São tão ligeiros que no intervalo de um aceno podem voar duas vezes entre os quatro mares limitantes e voltar. A sua morada é o silêncio da fonte. O seu movimento é a cortina das constelações girando pelo céu. São veloz corcel que não pode ser domado. Nada mais que isso é o coração e a mente do homem.

Nos tempos antigos — continuou Lao Tan —, o Imperador Amarelo foi o primeiro a usar a benevolência e a justiça para confundir o coração e a mente da humanidade. Yao e Shun se desdobraram para nutrir as formas de Tudo-sob-o-céu. Desgastaram os seus órgãos vitais por causa da benevolência e da justiça, e penetraram até o próprio sangue e ch'i para estabelecer leis e parâmetros. Porém, ainda assim persistiam os que eles não conseguiam vencer. Foi assim que Yao teve de enviar Huan Tou ao monte Chung, exilar as três tribos de Miao nos Três Penhascos e despachar Kung Kung, o ministro das obras públicas, à Cidade da Escuridão. Não é o que eu chamaria de conquistar Tudo-sob-o-céu.

Então chegamos à era dos Três Reis, quando Tudo-sob-o-céu vivia sob terror. Lá embaixo estavam os seus bandoleiros Chihs; no alto, Tseng Tzu e Sliih. Depois surgiram os confucionistas e os moístas. Então até a felicidade e a raiva foram alvo de dúvida. Aí a ignorância e o conhecimento competiam no engodo. O bem e o mal chamavam um ao outro de falso. A verdade e a falsidade praticavam a calúnia, e Tudo-sob-o-céu definhava. O poder da grande virtude já não conservava as coisas como Uno. Natureza e destino tomaram-se fofos e fluidos, e escorriam. Tudo-sob-o-céu viciou-se em conhecimento, e o povo se distraiu. Depois veio o machado do carrasco, a serra do amputador, para impor a ordem; depois vieram a corda e o ferretear dos prisioneiros com tatuagens para ensinar sobre o assassinato; e afinal, decisivamente, os martelos e brocas que perfuraram sete orifícios na Confusão. Tudo-sob-o-céu vivia em penoso caos. O crime era confundir o coração e a mente do povo. Então pessoas dignas saíam furtivas para abrigar-se debaixo dos picos das grandes montanhas, e senhores de dez mil carros se escondiam, tremendo nos seus próprios santuários ancestrais.

Os mortos executados por esta geração jazem num monte. Os escravos prisioneiros, agrilhoados, formam multidão. E os que sofreram amputações miram-se uns aos outros constantemente como confucionistas e moístas empertigados em meio à massa de homens algemados e agrilhoados.

O meu coração clama: "Será que pode ser assim? Eles não conhecem o medo, não ouvem os seus corações. Não conhecem a vergonha." Assim são as coisas.

Nem vi ainda conhecimento de sábio que não fosse ferrolho de canga, tampouco benevolência e justiça que não fossem tilintar de grilhões. Assim vimos que Tseng Tzu e Shih não passam das primeiras flechas sibilantes que anunciam o ataque do tirano Chien e do bandoleiro Chih.

Então digo — finalizou Lao Tan —: derrubem o sábio. Rejeitem o seu tipo de saber, e Tudo-

sob-o-céu será governado.

O Imperador Amarelo permaneceu como Filho do Céu por dezenove anos; Tudo-sob-o-céu movia-se à sua voz. Então ouviu que Kuang Ch'eng-tzu estava no alto do monte Reunião Vazia e foi visitá-lo.

— Ouvi dizer que o senhor alcançou o verdadeiro Tao — disse. — Posso lhe perguntar algo sobre a essência do Tao? Quero descobrir a essência da posse do céu e da terra, da nutrição dos cinco grãos e da alimentação do povo. Quero aprender a administrar o yin e o yang para ajudar todos os seres vivos. O que devo fazer?

— Tudo o que você quer realmente saber — disse Kuang Ch'eng-tzu — são as qualidades materiais das coisas. Tudo o que acabará administrando é a dissolução dessas coisas. Desde que você passou a governar Tudo-sob-o-céu, o ch'i das nuvens cai como chuva antes de ser totalmente reunido; as folhas da relva e das árvores caem antes de sequer ficar amareladas; a luz do sol se derrama no ermo. Você é um sedutor de fala mansa. Como é que isso lhe daria fundamento para falar do verdadeiro Tao?

O Imperador Amarelo retirou-se, abriu mão de Tudo-sob-o-céu, ergueu para si uma cabana, arrumou uma esteira de junco branco e ficou só durante três meses. Depois voltou para consultar-se novamente com o mestre. Quando o encontrou, Kuang Ch'eng-tzu cochilava, voltado para o sul. O Imperador Amarelo aproximou-se humildemente, de cabeça baixa, e perguntou:

— Ouvi dizer que o senhor, mestre, alcançou o verdadeiro Tao. Permita-me perguntar: como reger o meu corpo para que ele dure um tempo bem longo?

— Ora, eis aí uma boa pergunta, não? — disse Kuang Ch'eng-tzu, pondo-se de pé. — Venha. Vou lhe falai- sobre o verdadeiro Tao. A essência do verdadeiro Tao é o segredo casto e profundo da misteriosa escuridão. Os pólos do verdadeiro Tao estão ocultos em sombrio silêncio. Nada se vê, nada se ouve. Envolva no silêncio o seu espírito. Então a sua forma se irá aprumar por conta própria. Você precisa silenciar a mente e o coração até clareá-los. Nada de exigir demais do corpo. Nada de agitar a sua essência. Aí você realmente terá uma vida longa. Quando os seus olhos nada virem e os seus ouvidos nada ouvirem, quando o seu coração e a sua mente nada souberem, então o seu espírito preservará a sua forma e essa viverá bastante. Seja prudente. Conserve o coração fiel lá dentro. Feche as portas para o exterior. Conhecer muito é perda. Vou alçá-lo à Grande Luminosidade e levá-lo até a fonte do perfeito yang; vou conduzi-lo pela Porta da Escuridão Secreta até a fonte do perfeito yin. O céu e a terra já têm administrador. O yin e o yang são especialistas. Preserve o próprio corpo com prudência, e todas as coisas por si mesmas se fortalecerão. Eu preservo essa unidade para viver na sua harmonia. Por isso conservo este corpo já há 1.200 anos, e a minha forma não definhou.

— O verdadeiro título de Kuang Ch'eng-tzu é "Céu"! — disse o Imperador Amarelo, inclinando-se respeitosamente.

— Aproxime-se — falou Kuang Ch'eng-tzu — e lhe darei o ensinamento. As coisas jamais se exaurem, mas a humanidade insiste em achar que o fio da vida tem fim. As coisas não têm medida, mas a humanidade afirma que elas têm extremidades. Aquele que conquista o meu Tao é imperador em cima, e rei cá embaixo. Todas as doutrinas das centenas de escolas que tagarelam sobre a iluminação nasceram do pó, e ao pó voltarão. Mas quando eu os deixar, entrarei pela Porta do Inexaurível, vagando pelos ermos além de todas as extremidades. Vou unir-me, e portanto constituir, à tríade misteriosa e radiantemente luminosa — o céu, a terra e a humanidade. O céu, a terra e eu somos constantes. Enfrentaria eu o cativeiro do crepúsculo? Ora, o crepúsculo está longe de mim. Toda a humanidade está fadada a morrer. Só eu permaneço, o glorioso mestre-criança.



Nuvem-geral vinha do Oriente. Surgindo debaixo dos galhos da árvore Fu-yao, encontrou o Pateta Gansão. Tamborilando o barrigão, o Pateta Gansão já ia embora como pardal saltitante. Quando Nuvem-geral o viu, hesitou, depois parou, surpreso:

— Diga lá, meu Velho — perguntou —, quem é você e o que faz aqui.

— Passeando — disse o Pateta Gansão, que continuou tamborilando o barrigão, agitando as asas e saltitando como pardal.

— Tenho uma coisa para lhe perguntar — disse Nuvem-geral.

— Sim?

— O ch'i do céu carece de harmonia e o ch'i da terra está áspido e nodoso. Os Seis Ch'i estão fora de sintonia, as Quatro Estações, dessincronizadas. Agora quero harmonizar a essência dos Seis Ch'i em benefício de todos os seres vivos. Como realizar essa tarefa?

— Sei lá, sei lá — resmungou o Pateta Gansão, ainda tamborilando o barrigão, coçando a cabeça e saltitando de um lado para o outro.

Assim Nuvem-geral ficou sem resposta.

Três anos mais tarde, porém, quando vagava a leste, em ermos onde o povo era ainda mais estúpido que em Sung, novamente encontrou o Pateta Gansão. Nuvem-geral, exultante, correu até ele, berrando:

— O Céu! Esqueceu de mim?

Prostrou-se e, com a cabeça encostada no chão, pediu nova audiência.

— Vagueio e passeio sem saber o que busco — disse o Pateta Gansão. — Louco, rei-cão, não sei para onde vou. O andarilho, desimpedido, não é iludido pelo que vê. Que mais você quer?

— Eu também sou uma espécie de rei-cão louco — disse Nuvem-geral. — Mas o povo todo segue o meu curso. Não consigo lhe dar o que quero, e é por causa dele que agora peço que me diga uma única palavra.

— O que é que atira ao caos o fundamento do céu, o que se rebela contra as verdades das coisas? — retrucou o Pateta Gansão. — O que é que pode impedir o misterioso céu de alcançar os seus propósitos? O que dispersa as manadas de animais, faz as aves gritar à noite e dá azar aos insetos? Acho que é o excesso de governo na humanidade!

— O que posso fazer então?

— Tenho uma idéia: veneno — disse o Pateta Gansão. — Ou decole e voe para casa.

— É difícil encontrar você — disse Nuvem-geral. — Diga-me pelo menos uma palavra.

— Minha idéia? — disse o Pateta Gansão. — Revigore o coração e a mente. Fique parado e não faça nada. As coisas mudam por si mesmas. Abandone a sua forma e o seu corpo. Deixe de ver e de ouvir. Esqueça os vínculos. Esqueça as coisas. Descubra a Grande Unidade na vastidão aquosa. Liberte-se do coração e da mente. Solte as amarras do espírito. Avance insensível como um deserto. As dez mil coisas voltam todas às suas raízes. Voltam às suas raízes sem o saber. Mergulhe na pura lama do Poço da Confusão. Esgote bem ali o fio da sua vida. Não saia jamais. Conhecê-lo é abandoná-lo. Sem perguntar o seu nome nem espreitar os fatos, as coisas têm perdurado sólidas desde os tempos antigos, por conta própria.

— O Céu me legou o Poder da Virtude — disse Nuvem-geral — e me mostrou em sombrio silêncio o cão negro do mistério. Toda a minha vida, dobrei e humilhei o meu corpo em busca disso. Agora o capturei.

Inclinando-se mais uma vez, educadamente despediu-se e partiu.



É hábito do povo desta geração gostar do que lhe é semelhante e desprezar o que lhe é diferente. Desejam o que é semelhante a si e desprezam o diferente. Mas no íntimo querem sobressair na multidão. Ora, quem deseja figurar na multidão jamais sobressairá. Confiar nos desejos da multidão não é tão bom quanto aglomerar-se na multidão.

Aqueles que têm projetos para o governo de um estado dominado por outro pensam só nas glórias dos Três Reis, e não que o seu coração e a sua mente se tornarão meros alvos da calamidade. Simplesmente confiam os reinos da humanidade ao acaso. Qual a chance de que não venham a destruir o reino? Nem mesmo um em dez mil sobreviverão. E quando você destrói um único reino, são mais de dez mil as vidas humanas destruídas. Como é triste perceber que aqueles que querem dominar um reino não sabem disso!

Possuir um território é uma coisa grande. Aquele que possui algo grande não pode ser tratado como mera coisa. Como não é coisa, pode tratar as coisas como coisas. Aquele que distingue nitidamente o modo de coisificar as coisas não é mera coisa. Como então governaria somente a plebe em Tudo-sob-o-céu? Entraria e sairia das Seis Harmonias e vagaria pelas Nove Terras. Um único possuidor alcançou o que chamamos "adentrar a aristocracia".

Mas a doutrina do verdadeiramente grande surge como a sombra da forma, o eco voltando ao som. Se você se sente possuído por uma pergunta, ele responde. Com tudo o que ele quer bem, é o companheiro de Tudo-sob-o-céu. Habita além do eco e se move alheio à direção. Ele o conduzirá pela mão além do círculo da aflição, levando-o a vagar pelo reino da ausência de causas, para ir e vir sem direção, eterno e constante como o sol. Quando fala em hinos da forma e do corpo, os une na Grande Unidade. Nessa Grande Unidade, não existe ego. Sem ego, como você pode possuir possuindo? Aquele que fixa os olhos na posse é o que costumávamos chamar soberano. Aquele que fixa os olhos no nada é amigo do céu e da terra.



As coisas podem ser humildes e vis, mas devem ser animadas. As pessoas podem ser toscas, mas devem ser a sua causa. Os negócios do estado são difíceis, mas não devem ser abandonados. Métodos podem ser difíceis de encontrar como os rastros de um único animal dentre o rebanho, mas devem ser seguidos. A justiça é distante, mas devemos acompanhá-la; a benevolência é um preconceito que devemos alargar. O ritual deve ser conservado integralmente, mas usado com comedimento. O Poder da Virtude é o centro do alvo e deve ser muito estimado. O Tao é Uno, mas não sem mudança. O céu é do espírito, e deve ser a origem da ação.

Assim os sábios observam o céu, mas não tentam ajudá-lo. Encontram o poder da sua virtude, mas não se prendem a ele. Avançam com o Tao, mas não fazem planos. Unem-se na benevolência, mas não fixam nela o seu coração. São plenos de justiça, mas não a acalentam. Aceitam o ritual, mas não o tabu. Conduzem os negócios do estado e não fogem deles. Examinam cuidadosamente os métodos, mas não deixam que eles deságüem no caos. Fixam os seus corações nas pessoas, e não as tratam levianamente. Assim são das coisas, e não as abandonam. Só as coisas não bastam para fazer coisas. Há trabalho que deve ser feito. Quem não vê o brilho do céu não será puro no Poder da Virtude. Quem não segue o Tao não chega lá partindo daqui. Quem é que não pode ver o brilho do Tao? — Infelizmente, esse coração é falso.

Que é isso que chamo Tao? Existe o Tao do céu. Existe o Tao da humanidade. Fazer não fazendo e ser honrado — esse é o Tao do céu. Fazer fazendo e portanto enredar-se, apegar-se às

coisas, é o Tao da humanidade. O Tao do céu dá a direção; o Tao da humanidade segue. O Tao do céu e o Tao da humanidade são bem distantes um do outro. Ora, isso sim é algo que vale a pena examinar.

Céu e Terra

[DO CAPÍTULO 12]

Tzu-kung foi para Ch'u, ao sul, e, voltando pelo estado de Chin, passava pela margem meridional do rio Han quando viu um homem encorpado trabalhando numa lavoura de legumes de um acre. Descia ele num poço com um jarro, depois subia e irrigava a plantação. Parecia dar o sangue no trabalho sem alcançar grande benefício com os seus esforços.

— Existe um mecanismo para fazer isso — disse Tzu-kung —, e com ele você poderia irrigar cem acres num único dia. Não exige muito esforço, e traz grande vantagem. Não gostaria de ter um desses?

O jardineiro ergueu-se e fitou-o.

— Como é que funciona?

— É uma máquina feita de madeira, pesada numa das extremidades, leve na outra. Puxa a água para cima como uma caneca, muita água, tanto que jorra para fora como se estivesse fervendo. Chama-se cegonho.

O jardineiro fez uma careta, depois disse rindo:

— O meu mestre costumava dizer: "Onde houver máquinas, haverá problemas mecânicos; onde houver problemas mecânicos, o mecânico penetrará nos corações e nas mentes do povo; quando os corações e as mentes do povo se tornarem mecânicos, o que é puro e simples se estragará. Sem o puro e simples, o espírito não conhece repouso. E se o espírito não conhece repouso, nem mesmo o Tao pode fazer você progredir." Não é que eu não conheça a sua máquina, mas ficaria envergonhado se a usasse.

As Enchentes de Outono

[CAPÍTULO 17]

Quando chegava a época das enchentes no outono, todas as torrentes desaguavam no rio Amarelo, que tanto se alargava que de uma margem você não conseguia distinguir um cavalo de um boi na outra. O Deus do Rio, maravilhado consigo, tinha-se como o carneirão do rebanho, a coisa mais linda do mundo. Deslizou a leste com a corrente do rio até chegar ao mar do Norte. Voltado para o leste e olhando em frente, não via o fim daquelas águas.

Conformou-se e revirou os olhos; mas então, olhando para o mar, enxergou o Deus do mar do Norte. Suspirando, falou:

— Diz o caipira: "Alguém que já ouviu o Tao cem vezes pensa ser melhor do que o homem comum." Quem sabe falasse de mim. Já vi gente menosprezar o conhecimento de Confúcio e fazer pouco da justiça de Po Yi, mas sem sequer pensar em duvidar deles. Porém agora que mirei a sua inesgotável vastidão, percebo que se não tivesse vindo estudar à sua porta, correria o risco de virar alvo de chacota daqueles que realmente sabem.

— A rã do poço não tem muito a dizer sobre o mar — respondeu o Deus do mar do Norte. — Ela é limitada pelo seu próprio espaço vazio. Um inseto do verão não terá muito a dizer sobre o gelo, pois vive preso no seu escasso intervalo. Um erudito enclausurado não poderá ter muito a dizer a respeito do Tao, pois vive ensimesmado na sua doutrina e no seu dogma. Agora que você viu o grande mar, percebe de onde veio; já começa a falar sobre o Grande Princípio.

De todas as águas de Tudo-sob-o-céu, nenhuma é maior que o mar — continuou. — Os dez mil riachos retornam sempre para ele, que no entanto jamais se enche. Evapora-se em Wei Lu, mas o mar jamais se esvazia. Não se altera com a primavera e o outono. Não conhece a seca. É tão mais imenso do que o fluxo do rio Amarelo que simplesmente não pode ser medido. Porém, isso não me fez achar-me "grande". Derivo a minha forma do céu e da terra, e o meu ch'i, do yin e do yang. Entre o céu e a terra, sou pedrinha ou arbusto numa encosta. Se o meu modo de ser é inferior, como poderia considerar-me superior?

O espaço dos Quatro Mares entre o céu e a terra não é maior do que o espaço de uma pilha de pedras brutas no Grande Pântano. O espaço do Reino do Meio dentro dos Quatro Mares não é maior do que o espaço de uma única semente num celeiro. Quando falamos de todas as coisas, as chamamos "dez mil coisas", e a humanidade não passa de uma dentre essas dez mil. O povo povoa as Nove Províncias com as suas lavouras, os seus barcos e carroças que vão e vêm do mercado; porém, qual o lugar da humanidade senão uma única dessas dez mil coisas?

O que é que os cinco Imperadores legaram liberalmente, o que é que os Três Reis disputaram, o que é que as pessoas benevolentes lamentam e os cavaleiros eruditos se esforçam por obter? Nada mais que essa simples coisa. Po Yi abriu mão dela pela fama; Confúcio discursou sobre ela para ser conhecido como sábio. Os dois simplesmente se consideravam algo de fato grande. Não lembram você, que se considerava as grandes águas?

— É — respondeu o Deus do Rio. — Então para mim o grande será o céu e a terra, e o pequeno, a ponta de um fio de cabelo. Certo?

— Errado. As coisas não têm limites, nem hora de parar, nem divisões do constante nem causa de inícios e fins. O Grande Conhecer abarca o longe e o perto, sem diminuir o pequeno nem

aumentar o grande. Examina o presente e o passado, olhando penetrantemente sem pesar, sem esticar-se na ponta dos pés para apreender o que está à mão, pois sabe que não há hora de parar. Olha penetrantemente a plenitude, assim como o vazio. Ganhando, não conhece felicidade; perdendo, não conhece dor. Sabe que o quinhão de cada um não é constante. O intervalo de uma vida não pode ser comparado à extensão de tempo anterior ao nascimento. Se você tentar cruzar as fronteiras da coisa maior usando a menor como embarcação, acaso não vai ficar tão perdido a ponto de perder-se a si mesmo? Encare assim: como você poderia ter certeza de que a ponta de um fio de cabelo seria suficiente para medir a pequenez, ou de que o céu e a terra valem como medida do grande?

— Hoje os polemistas concordam que as coisas menores não têm forma e que as maiores não podem ser contidas — respondeu o Deus do Rio. — Acredita nisso?

— Quando você olha o grande do ponto de vista do pequeno, não consegue enxergar tudo de uma só vez. Quando olha o pequeno do ponto de vista do grande, nada consegue enxergar. A menor coisa é a menor dentre as pequenas; a maior é a maior dentre as grandes. São diferentes, e é conveniente reparar isso, mas é também mera circunstância da existência. Para serem chamadas finas ou grossas, as coisas primeiro precisam ter forma. Sem forma, você não pode dividir as coisas em grandes e maiores, ou em pequenas e menores. Se não pode contê-las, não pode contá-las. Você pode falar do grosso e imaginar o fino, mas aquilo que as palavras não podem exprimir e as idéias não conseguem penetrar, isso nada tem que ver com fino ou grosso.

Assim os grandes da humanidade não ferem os outros — prosseguiu o Deus do mar do Norte.

— Mas não se preocupam muito com benevolência nem com misericórdia. O ganho nunca é o motivo deles, mas não deixam de ser generosos na propina. Não competem por propriedades e riquezas, tampouco fazem alarde quando as rejeitam. Não recrutam auxiliares para o seu trabalho, mas não ostentam a sua independência. Não desprezam o vil e o ganancioso, e embora permaneçam apartados desses maus hábitos, não exibem a sua diferença. Acompanham a multidão e não menosprezam os seus líderes loquazes e bajuladores. O status e as recompensas do mundo não os motivam. O castigo e a censura do mundo não os envergonham. Sabem que o "certo" e o "errado" não se distinguem com muita facilidade, assim como o "grande" e o "pequeno". Já ouvi alguém dizer que não se ouve falar daqueles que detêm o Tao, que obter o Poder da Virtude não é "obter". Os grandes homens não têm egos. Acham o seu papel na vida. Ora, isso sim é estar lá.

— Quer você comece fora das coisas, quer permaneça dentro delas, aonde é preciso chegar para distinguir o nobre do vil, o grande do pequeno? — perguntou o Deus do Rio.

— Do ponto de vista do Tao, não existem o nobre nem o vil. Do ponto de vista das coisas, cada qual se considera nobre, mas vê vileza em todos os outros. Do ponto de vista comum, o nobre e o vil não são inerentes ao indivíduo. São meros produtos da opinião. Do ponto de vista da diferença, se consideramos grande uma coisa só porque ela é grande em algum aspecto, então não existe sequer uma dentre as dez mil coisas que não seja grande. Se consideramos pequena uma coisa só porque é pequena em algum aspecto, então não existe sequer uma dentre as dez mil coisas que não seja pequena. Quando você encara o céu e a terra como sementes de trigo e capim, quando sabe que a ponta de um fio de cabelo é uma colina ou uma montanha, então sabe algo sobre diferença e medida. Quanto ao seu valor, têm valor segundo o que são, e das dez mil coisas que existem, não há sequer uma que não seja. Ou, se não existem, não há sequer uma que não valha nada. Igualmente, você sabe que o leste e o oeste, embora mutuamente contrários, nada seriam se o outro nada fosse. E assim que se estabelecem os quinhões de valor. Quando olhamos as coisas do ponto de vista do nosso próprio interesse, o que é certo é certo, e não há nenhuma das dez mil coisas que não seja certa; e o que não é certo não é, e não há sequer uma das dez mil coisas que não seja não. Quando você percebe por que o sábio Yao e o tirano Chieh cada qual se considerava certo mas não o outro, aí passa a entender tudo sobre seleção e escolha.

Nos tempos antigos — continuou o Deus do mar do Norte —, Yao deu lugar a Shun, que por sua vez governou como imperador; mas quando Tzu Chih sucedeu a K'uai, Chih pereceu; Tang e

Wu lutaram para ser reis, e cada qual reinou; Po Kung lutou e foi destruído. Diante disso você pode perceber que ceder o lugar e lutar não passam de rituais, a conduta de um Yao ou de um Chieh, o nobre e o vil. Cada qual tem a sua estação. Nenhum deles foi ou é constante.

Você pode usar uma viga ou uma coluna como aríete contra a muralha de uma cidade, mas não para tampar um buraquinho. Ou seja, existem diferenças entre as ferramentas. Os corcéis de Ch'i-chi e Hua-liu corriam mil li num único dia, mas não eram bons para caçar ratos como uma doninha ou um gato. Ou seja, existem diferenças entre os talentos. O mocho-orelhudo consegue apanhar uma pulga à noite e enxergar a ponta de um fio de cabelo, mas na luz da manhã fica tão cego que não consegue distinguir uma montanha de um montículo funerário. Ou seja, as coisas têm diferenças por natureza.

Assim, quem diz: "Façamos do Certo o nosso mestre, e eliminemos o Errado; façamos do Governo o nosso mestre, e deixemos de lado o Caos!" ainda não encontrou o princípio que ilumina o céu e a terra, nem os fatos das dez mil coisas. E como dizer que o céu é o nosso mestre, mas não a terra; ou o yin, mas não o yang. Esse raciocínio não tem como levar ninguém à luz, mas assim mesmo os homens continuam falando desse jeito. São estúpidos, ou pensam que nós o somos.

Os governantes imperiais escolhem os seus sucessores independentemente de vínculos familiares. Nas Três Dinastias, as linhagens familiares eram a base da sucessão. Aquele que não se enquadrava no hábito da época era tido por usurpador. Aquele que se atinha a esses hábitos era tido por legítimo sucessor. Silêncio, Deus do Rio! Silêncio. Por que presume saber em que porta deve estudar o "nobre" e o "vil", ou em que escola aprender a discernir o "grande" do "pequeno"?

— Então o que devo fazer? — perguntou o Deus do Rio. — E o que não devo fazer? Desistir ou aceitar, agarrar ou afastar de mim? Como devo viver o resto do fio dos meus dias?

— Do ponto de vista do Tao — respondeu o Deus do mar do Norte —, o que é nobre e o que é vil? Não passam de inundação e refluxo. Não atrele o seu coração de cavaleiro nem se estorve no Caminho superior. O que é muito e o que é pouco? São agradecimentos ao patrono ou esmola aos mendigos. Se você vai além do Uno, não passa nem longe nem perto do Tao. Seja tão terrível quanto o soberano da terra que não mantém secreto o poder da sua virtude, manso como o deus da colheita que jamais oculta a abundância. Seja vasto como as infinitas Quatro Direções, que não têm fronteiras. Abarque com o coração cada uma das dez mil coisas. Qual delas merece mais? Isso é permanecer imparcial. As dez mil coisas são uma só, e todas iguais. O que é curto, o que é comprido? O Tao não tem início nem fim, mas as coisas vivem e morrem. Você não pode depender do vir-a-ser delas. O Uno é vazio. O Uno é pleno. Não há posição nas suas formas. O passar dos anos não pode ser contido. O ciclo das estações não pode ser interrompido. Crescendo e minguando, enchendo e se esvaziando, as coisas exaurem o fio da vida e depois voltam a nascer. E por isso que, quando falarmos de Verdadeira Justiça, devemos primeiro achar o elo com o princípio das dez mil coisas. A vida das coisas é tropel e atropelo de cavalos, não um movimento sem mudança. Não há momento sem movimento. One fazer então? E o que não fazer? Basta ser firme no deixar fluir as coisas.

— Então o que há de tão nobre no Tao?

— Quem conhece o Tao precisa se aplicar ao princípio. Quem se aplica ao princípio permanece esclarecido quanto ao poder. Quem é esclarecido quanto ao poder não será prejudicado pelas coisas. Aqueles que se aplicam ao Poder da Virtude não se queimam no fogo nem se afogam na água. Nem o frio nem o calor podem atingi-los, tampouco as feras podem feri-los. Isso não quer dizer que menosprezem essas coisas, mas que distinguem lar de precipício. Permanecem em paz, seja na boa sorte seja no azar, e tomam cuidado no ir e no vir. Assim não há nada que os fira. Por isso é que se diz: "O céu está cá dentro, a humanidade, lá fora." O Poder da Virtude é o céu. Quem conhece os movimentos do céu e da humanidade se arraiga no céu e se acha em posição de conquistar o Poder da Virtude. Ali, quer você adie quer se apresse, quer se incline quer se empoe, sempre voltará ao necessário. A isso se dá o nome de absoluto.

— O que você quer dizer com Céu? E com humanidade? — quis saber o Deus do Rio.

— Os cavalos e os bois têm quatro pernas. Isso é o céu — respondeu o Deus do mar do Norte. Encabrestar a cabeça do cavalo ou perfurar o nariz do boi, isso é a humanidade. Por isso se diz: "Não deixe a humanidade destruir o céu!" Não deixe que os "portantos" interfiram no destino. Não deixe o ganho desencaminhá-lo rumo à fama. Tome cuidado! Guarde o seu coração, jamais o perca. Isso se chama voltar à verdade.



Ok'uei, que só tem um pé, queria ser um hsien, que tem muitos.* O hsien queria ser uma cobra. A cobra queria ser o vento, e o vento, um olho. O olho, se pudesse, seria rápido como o coração e a mente.

O k'uei, de um pé só, disse ao hsien de muitos pés:

— Vivo pulando num pé só de um lado para o outro, e sou muito bom nisso, mas você usa dez mil pés. Como consegue controlar todos eles sozinho?

— As coisas não são assim — respondeu hsien. — Nunca viu o cuspe de ninguém? Gosspp! E lá vêm grandes gotas como pérolas, e outras pequenas como névoa. Tudo quanto é tipo diferente de cuspo sai voando em números incontáveis. Quanto a mim, só mando um sinal para o meu mecanismo celeste. Não sei como ele faz o que faz. Mas que faz, faz.

Depois hsien perguntou à cobra:

— Posso andar com os meus muitos pés, mas não consigo pegar você, embora não tenha pés. Como consegue fazer isso?

— O meu mecanismo celeste é que me move — respondeu a cobra. — Como é que eu poderia mudar isso? Que utilidade me teria um pé?

Então a cobra disse ao vento:

— Remexo a coluna e as costelas para serpentear; pelo menos há alguma coisa ali. Mas você vem rodopiando lá do mar do Norte, remoinhando lá para o mar do Sul, mas é como se não houvesse nada ali. Como é que você faz isso?

— Assim mesmo — disse o vento. — Venho rodopiando do mar do Norte e vou remoinhando até o mar do Sul, mas se você ergue um dedo me perturba. A carpa que aflora os lábios na superfície das águas oute- nais para tomar um gole de ar me perturba. E mesmo assim, quebro grandes árvores e derrubo belos salões. Só eu posso fazê-lo! Das minhas muitas pequenas derrotas, faço uma grande vitória. Essas vitórias só um sábio pode alcançar!



Confúcio estava em K'uang quando soldados vindos de Sung o cercaram como as dobras de um turbante; mas ele continuou tocando a sua flauta e cantando.

Tzu-lu, indo ter com ele, perguntou:

— Mestre, como o senhor pode ser assim tão feliz?

— Venha, que eu lhe digo. Treinei muito e por bastante tempo — disse Confúcio — para ficar livre desse extremo, mas não pude evitá-lo. E o destino. Esforcei-me por longo tempo para fazer clara a minha mensagem, e nada alcancei. Os tempos. No tempo de Yao e Shun, ninguém chegava a esse extremo, mas não porque não soubessem nada. No tempo de Chieh e Chou, ninguém conseguia transmitir a sua mensagem, mas não por não conhecê-la. A estação e o relevo da terra fazem das coisas o que são.

Cruzar as águas — continuou Confúcio — sem se esquivar da besta e do dragão do mar: eis a

* K'uei e hsien são criaturas fictícias criadas pelo autor. (N.T.)

coragem do pescador; cruzar a terra sem se esquivar do rinoceronte ou do tigre: eis a coragem do caçador. Diante do cruzar de lâminas nuas, olhar a morte como a vida: eis a coragem do guerreiro jurado. Saber que o extremismo é fadado e que superá-lo é também fadado, enfrentar grandes dificuldades sem medo: eis a coragem do sábio. O meu destino está selado. Não há meio que me salve.

Justo nesse momento um homem de armadura aproximou-se e disse:

— Nós o confundimos com o Tigre Yang. E por isso que o cercamos. Agora vemos que não é ele. Pedimos desculpas. Vamos embora.



Kung-sun Lung-tzu falou ao príncipe Mou de Wei:

— Quando criança, estudei o Caminho dos Antigos Reis; quando cresci, fui iluminado e encaminhado à conduta benevolente e justa. Conciliava as diferenças, separava o duro e o branco, o assim do assado, o possível do impossível; cheguei a desprezar o "conhecer" das cem escolas, e calei as bocas das multidões dos polemistas. Pensei que havia chegado lá. Agora, depois de ouvir as palavras de Chuang Tzu, me vejo perdido nelas, sem perspectiva de conciliação. Não sei se simplesmente não posso elevar-me a esse nível de discussão, ou se realmente não sei tanto quanto ele. Agora não há nada que me faça abrir o bico novamente. Ouso indagar acerca do método dele.

O príncipe Mou reclinou-se no braço da cadeira e suspirou. Ergueu os olhos para o céu, gargalhando.

— Só você ainda não ouviu falar da rã no poço escavado? Ela disse à Tartaruga do mar Oriental: "Ah, que alegria! Posso sair e saltitar na borda do poço, ou entrar e descansar na fenda de um tijolo da parede. Quando entro na água, ela chega até debaixo do braço e mantém o meu queixo erguido. Quando ando na lama, afundo o pé e a canela. Larvas, pitus e girinos, nenhum desses é páreo para os da minha espécie! Toda a água do poço é minha, toda minha! Isso sim é que é estar lá. Por que você não entra aqui um dia desses para apreciar a paisagem?"

A Tartaruga do mar Oriental até tentou — continuou o príncipe Mou. — Mas antes de colocar o pé esquerdo, o direito já estava entalado. Ainda se esforçando para sair, falou à rã sobre o mar: "Mil li não é medida suficiente para abarcá-lo; mil braças não medem a sua profundez. Nos tempos de Yu, quando houve enchentes em nove dentre dez anos, não ficou nem um pouquinho mais cheio. Nos tempos do rei T'ang, quando houve sete secas em oito anos, as suas praias não recuaram nem um milímetro. Não se perturbar por causa nenhuma, duradoura ou efêmera; nem avançar nem recuar diante do muito ou do pouco, eis a grande alegria do mar Oriental."

Quando a rã ouviu isso, ficou muito surpresa e, como se tivesse acabado de ver o seu senhor se aproximando, escondeu-se. E você, o seu conhecimento nem sequer alcança as fronteiras do certo e do errado! Mas assim mesmo quer ter um panorama das palavras de Chuang Tzu. Quer que um mosquito carregue aos ombros uma montanha! Que um pica-boi atravesse a galope o rio Amarelo. Mas, como nesses exemplos, você não está à altura dessa tarefa. O seu conhecimento não está apto a discutir palavras tão sutis. E no entanto você quer aproveitar o momento para adquirir o benefício do estudo apropriado. Não é você a rã no poço esboroante? Mas, e Chuang Tzu? Ele está agora mesmo passeando pelas Nascentes Amarelhas, ou acaba de saltar até o azul profundo do empíreo; ou, sem Norte nem Sul, está livre das Quatro Direções e flutua no ilimitado. Sem Leste, sem Oeste, ele nasce da Escuridão Misteriosa e volta ao Grande Atravessar.

E você, apesar de saber que encontrou o seu mestre, quer agarrá-lo e examiná-lo e prendê-lo com uma discussão. E na verdade como olhar para o céu através de um tubo, ou sondar a terra com uma sovela. Pequeno. Pequeno demais. Vá embora. Já ouviu falar dos rapazes de Shao-ling que foram estudar o andar de Hantan? Ainda não tinham aprendido a andar ao modo de Hantan quando esqueceram o seu modo natural de andar. Tiveram de voltar para casa engatinhando. Se não fugir,

vai esquecer os seus modos antigos e acabar perdendo a sua profissão.

Kung-sun Lung-tzu, boquiaberto, não conseguia fechar a boca. Nem recolher a língua esticada. Desistiu e partiu.



Chuang Tzu pescava nas barrancas do córrego do Escravo quando se aproximaram dois embaixadores do rei de Ch'u.

— O nosso soberano deseja incumbi-lo do governo do seu reino — disseram.

Chuang Tzu, sem largar a vara de pesca nem olhar para trás, respondeu:

— Ouvi dizer que Ch'u guarda uma Tartaruga Sagrada há três mil anos; que o rei a guarda embalsamada dentro de uma caixa, entronizada no salão superior do tempo dos ancestrais. O que vocês acham? A tartaruga preferiria morrer para que os seus ossos pudessem ser venerados ou viver arrastando a cauda na lama?

— Ora, preferiria viver, arrastando a cauda na lama — concordaram os embaixadores.

Então podem ir — disse Chuang Tzu. — Estou arrastando a minha cauda na lama.



Quando Hui Tzu era primeiro-ministro de Liang, Chuang Tzu foi visitá-lo. Alguém disse a Hui Tzu:

— Ele vem para tomar o seu cargo de primeiro-ministro.

Temeroso, Hui Tzu o procurou por todo o reino durante três dias e três noites.

Quando Chuang Tzu finalmente apareceu, disse:

— No sul vive um pássaro chamado Yuan-ch'u. Você já ouviu falar dele. Sai do mar do Sul e voa até o mar do Norte, recusando-se a descansar senão numa árvore wu-tung, recusando-se a comer qualquer coisa que não seja o fruto lien,* e bebendo somente das fontes de água doce. Ora, uma coruja apanha um rato podre bem no momento em que Yuan-ch'u a sobrevoa; ela ergue a cabeça e berra: "Ei! Suma daqui!" E você, agora que tem nas mãos o reino de Liang, vem berrar comigo?



Chuang Tzu e Hui Tzu caminhavam sobre o dique do rio do Guerreiro quando Chuang Tzu falou:

— Vê como os barrigudinhos nadam velozes vagando por onde querem? Isso, para um peixe, é alegria.

— Você não é peixe — disse Hui Tzu. — Como pode saber o que é alegria para eles?

— Você não é eu — respondeu Chuang Tzu. — Como pode saber que eu não sei o que é alegria para um peixe?

— Eu não sou você, e portanto com toda certeza não sei o que você sabe. Mas como você com toda a certeza não é um peixe, a minha proposição de que você não sabe o que é alegria para um peixe permanece irrefutável.

* "Wu-tung" é uma grande árvore semelhante à catalpa. "Lien" é o fruto de uma espécie de bambu que floresce muito raramente. (N.T.)

— Ora, *por favor!* Voltemos à raiz da questão — disse Chuang Tzu. — "Como pode saber o que é alegria para um peixe?" Foi isso o que você me perguntou. Então já sabia que eu sabia quando me perguntou. Eu o sei por andar sobre o Guerreiro.

Conquiste a Alegria

[CAPÍTULO 18]

Em Tudo-sob-o-céu, pode ou não existir alegria perfeita? Será que se pode sequer manter o corpo vivo ou não? Nos dias de hoje, o que se deve fazer, e em que confiar? O que se deve evitar e o que podemos esperar? O que se deve buscar, o que deixar de lado? O que se deve aproveitar e o que desprezar?

O que Tudo-sob-o-céu valoriza é riqueza e posição nobre, vida longa e boa reputação. O que lhe agrada é segurança para o corpo, paladas sofisticados, belas roupas, cores brilhantes e música. O que despreza é pobreza e posição humilde, vida curta e má reputação. O que acha amargo é o corpo não estar bem nem seguramente abrigado, a boca deixar de saborear o paladar extravagante, a música deixar de impressionar os ouvidos. Se não consegue essas coisas, fica triste, chega a chorar. As pessoas só se preocupam com a forma exterior. Não é estúpido?

Por isso é que os ricos amarguram a vida com trabalho incessante, acumulando grandes pilhas de coisas que jamais poderiam esgotar. Tudo o que tentam fazer pelas suas formas é, na verdade, exterior até às próprias formas. Aqueles que caçam títulos de nobreza trabalham dia e noite, os tigres da ansiedade sempre à espreita nos campos dos seus corações e das suas mentes. O que fazem pelas suas formas os deixa na verdade bem distantes das suas formas. A humanidade e a aflição nasceram juntas. Os longevos aprendem, na confusão da senilidade, só a conviver com o incessante medo da morte. Quanto amargor há nisso? O quanto não estarão distantes de realmente fazer algo pelas suas formas? E o ardente cavaleiro erudito, que jurou dar a sua vida pelos outros? O mundo o tem em alta estima, mas isso não basta para manter vivo o seu corpo. Não tenho certeza se o bom desse "bom nome" é realmente bom. Se é de fato bom, então "bom" não basta para manter vivo um corpo. Mas se não é realmente bom, pelo menos é bom o suficiente para conservar vivos alguns outros.

Por isso se diz: "Quando o conselho leal passa despercebido, melhor é recuar e não se empregar." Quando Tzu-hsu discutiu com o seu soberano, acabou mutilado. E verdade que, se não tivesse lutado, não teria adquirido fama nem bom nome. Mas será que esse "bom nome" é realmente bom? Ou não?

O que as pessoas fazem hoje em busca de alegria, não estou certo se realmente gera como fruto final a alegria. Comparam esse costume atual de buscar a alegria ao estouro de uma boiada, a um avanço atropelado quase como se por medo de perder a própria vida. Mas assim mesmo o chamam alegria. Não sei bem se isso é alegria. Talvez não.

Para mim, a não-ação é a verdadeira alegria. Mas é hoje costume dizer que isso tem sabor amargo. Portanto digo: quando você tem alegria, não há alegria; quando é louvado, não há louvor. Em Tudo-sob-o céu, nem sequer é possível um acordo quanto ao fruto do certo e do errado. Porém, mesmo sendo assim, a não-ação pode facilmente distinguir o certo do errado, facilmente proporciona alegria e mantém vivo o corpo. E justamente a não-ação que mantém o neném crescendo.

Mas, se me permitem, quero me exprimir em outras palavras. A não-ação do céu o mantém puro. A não-ação da terra a conserva calma. Assim os dois se harmonizam pela não-ação, e todas as dez mil coisas se transformam. Vastos e imperceptíveis, provêm de lugar nenhum. Imperceptíveis e vastos, são o retrato perfeito do não ser, e as dez mil coisas na sua variedade nascem dessa não-ação. Por isso sempre se disse: "O céu e a terra praticam a não-ação, e nada fica sem ser feito." Ah,

humanidade! Quem é que pode praticar a não-ação?



Morreu a mulher de Chuang Tzu, e quando Hui Tzu veio oferecer as suas condolências, encontrou-o agachado, batendo numa panela e cantando.

— Você viveu com esta mulher — disse Hui Tzu —, teve filhos com ela e os dois envelheceram juntos. Não lamentar a sua morte já é muito! Mas esse batucar e essa cantoria, será que não é um pouco demais?

— Não — retrucou Chuang Tzu. — As coisas não são assim. Logo que ela nasceu para a morte, como poderia deixar de me sentir triste? Mas examinei profundamente a questão e vi que antes que ela nascesse para a vida, não tinha vida. E não só era sem vida, mas também sem forma. E não só sem forma, mas não tinha sequer ch'i. Em algum lugar lá no vasto imperceptível houve uma mudança, e ela teve ch'i; então o ch'i se alterou, e ela teve forma; e a forma se mudou, e ela teve vida. Agora ocorreu nova mudança, e ela está morta. E como o ciclo mútuo das Quatro Estações. Agora ela repousa tranquilamente na Grande Câmara. Se eu saísse correndo para me lamentar em altos brados pela morte dela, isso certamente exibiria falta de compreensão do que é o destino. Então parei.



Tio Um-só-pé e tio Aleijado foram à colina do Senhor Sombrio nos ermos de Kun-lun, onde o Imperador Amarelo costumava descansar. Súbito, um furúnculo do tamanho de um salgueiro brotou no cotovelo esquerdo do tio Aleijado. Mudando um pouco o passo, olhou a ferida com visível repugnância.

— Você não a detesta quando faz isso? — perguntou o tio Um-só-pé.

— Longe de mim! Detestar o quê? — retrucou o tio Aleijado. — A vida é um empréstimo. Os vivos são os que tomam emprestado. A vida é um monte de sucata. A morte é a alvorada depois desta noite. Eu e você viemos aqui para ponderar a mudança, e a mudança me alcançou aqui. Do que devo sentir repugnância?



Quando Chuang Tzu estava em Ch'u, viu uma caveira vazia, com o formato do rosto ossudo do sábio Yao. Batendo nela com o cabo do chicote, perguntou:

— Senhor, será que tanto ambicionava a vida que agiu insensatamente, terminando assim? Perdeu acaso um reino e caiu diante do machado do carrasco, terminando assim? Praticou porventura o erro, envergonhando assim o seu pai, a sua mãe, a sua esposa e os seus filhos, terminando assim? Enregelou-se ou padeceu da fome, terminando assim? Ou foi somente o passar das primaveras e dos outonos, um após o outro, que o levou a esse fim?

Tendo terminado de falar, Chuang Tzu pegou a caveira para travesseiro e foi dormir. No meio da noite, a caveira entrou nos seus sonhos e disse:

— Você fala como um desses polemistas. Guardei as suas palavras. Agora guarde as minhas: de todos os obstáculos à vida humana que você mencionou, os mortos não sofrem nenhum. Quer me ouvir falar da morte?

— Sim, por favor!

— Na morte — tornou a caveira — não existe senhor acima nem escravo abaixo. Nem há nenhuma das tarefas nem nenhum dos deveres das Quatro Estações. A eternidade do céu e da terra é a nossa primavera e o nosso outono. A alegria do rei no seu trono voltado para o ensolarado sul não supera a nossa.

Chuang Tzu não acreditou:

— Se eu conseguisse que o Funcionário Encarregado do Destino o trouxesse de volta à vida, revestisse novamente de carne os seus ossos e o devolvesse ao seu pai e à sua mãe, à sua esposa e aos seus filhos, e a todos os velhos amigos da sua terra natal, será que você não iria querer?

A caveira enrugou fundo a testa como se estivesse para sofrer a pena do decepamento de um pé:

— Como é que eu poderia abandonar a alegria do rei que olha para o sul, retomando o sofrimento da humanidade?



Quando Yen Hui partiu para o Oriente, rumo a Ch'i, Confúcio exibia uma expressão perturbada. Tzu Kung ergueu-se da esteira e foi falar com o mestre, dizendo:

— O seu discípulo ousa indagar sobre a jornada de Hui ao Oriente, para Ch'i. Por que o senhor parece tão triste?

— Bondade sua perguntar — respondeu Confúcio. — Concordo plenamente com as antigas palavras de Kuan Tzu: "Uma sacolinha não pode conter algo realmente grande. E impossível pegar água de um poço profundo com uma corda curta." E verdade. Os destinos são decretados, as formas são adequadas às suas funções determinadas. Nada há que possa ser acrescentado ou subtraído. Temo que Hui vá falar ao marquês de Ch'i sobre o Tao de Yao, de Shun e do Imperador Amarelo, ou mesmo discorrer sobre Sui Jen e Shen Nung. Aí aquele "senhor" irá pesquisar em si mesmo, e nada encontrando que seja sequer vagamente semelhante, começará a ter dúvidas. Quando o soberano duvida, a morte está próxima.

Você porventura nunca ouviu falar da ave marinha que pousou há muito tempo ao lado da muralha de Lu? — prosseguiu Confúcio. — O marquês de Lu lhe deu uma recepção ceremoniosa, e ofereceu libações à ave no templo dos ancestrais. Ordenou que se executasse para ela a grandiosa música Chiu Shao,* e deteraiinou o grande sacrifício de um boi, de uma ovelha e de um porco como oferenda de alimentos. A ave olhou perplexa e triste. Não quis comer nem um pedacinho, não quis beber uma única taça. Depois de três dias, morreu. Isso é tratar a ave como gente, não como ave.

Para tratar uma ave como ave, você a empoleira lá no meio da mata e deixa que ela vague por ilhotas de areia e sobrevoe rios e lagos. Dá- lhe enguias e barrigudinhos para comer e a deixa voar num bando bem ordenado até parar. Depois a deixa livre e à vontade para escolher onde quer habitar. As aves desprezam o simples som da voz humana. Como é que essa ave marinha poderia suportar toda aquela barulheira que a fizeram ouvir? Se a grandiosa música de Hsien Ch'ih e o Chiu Shao fossem tocadas nos ermos do lago Tung-t'ing, as aves voariam para longe, os animais fugiriam e os peixes mergulhariam fundo. O povo, ouvindo essa música, se aglomeraria para ver e ouvir. Os peixes vivem na água. Os homens morrem ali. Estão juntos porque amam e odeiam coisas diferentes. Portanto são diferentes. Os antigos sábios não julgavam existir um só tipo de talento. Não criam que todos os problemas fossem um só. Faziam o nome adequar-se à realidade, e davam o nome justiça só àquilo a que esse nome bem se ajustava. Isso era o que se conhecia como "estar preparado para alcançar" bênçãos e ser capaz de conservá-las".

* Peça musical famosa e muito antiga. (N.T.)



Lieh Tzu, fazendo piquenique à beira da estrada, viu uma caveira de cem anos. Erguendo-a da relva, aponta-lhe o dedo e diz:

— Só eu e você conhecemos o não-estar-ainda-morto e o não-estar- ainda-vivo. Será que você realmente lamenta? Estarei eu feliz?



O "mecanismo" está em todas as espécies de sementes. Basta regar que elas se transformam em algo. Na beira da água, elas podem se transformar no Manto da Rã; brotando numa encosta, são a Bananeira do Morro; em solo bom, dão o Botão-de-ouro; as raízes do Botão-de- ouro se transformam em varejas, e as folhas numa espécie de borboleta que vira uma espécie de inseto que vive debaixo do fogão. Este parece cobra na muda e se chama ch'u-t'o. Em mil dias, o ch'u-t'o se transforma num passarinho chamado Resto-de-ossos-secos. O cuspo do Resto-de- ossos-secos se transforma no inseto Ssu-mi, e o Ssu-mi vira Come-vina- gre. Dos Come-vinagres nascem os Yi-loes.

O Kuang Amarelo nasce do inseto Chiu-yu. O Chiu-yu vem do Mou-jui, que nasce dos Vermes-de-carne-podre, que vêm do Noivo-da- ovelha.

Quando os carneiros conseguem se acasalar com o Bambu-sem- broto, nasce a Tranqüilidade Verde-clara. A Tranqüilidade Verde-clara leva a jornadas, e as jornadas fazem viver os cavalos. Os cavalos fazem viver os homens. Os homens acabam fazendo meia-volta e retornam ao "mecanismo". Todas as coisas procedem desse mecanismo, e todas a ele retornam.

Aprenda a Viver

[CAPÍTULO 19]

Qualquer um que já tenha ponderado os fatos da vida não tentaria obrigar a vida a fazer o que o viver não consegue. Qualquer um que já tenha ponderado os fatos do destino não tentaria fazer o "conhecer" funcionar onde nada funciona. Para nutrir a forma física é preciso primeiro ter coisas. Mas certas pessoas, mesmo tendo coisas de sobra, não são capazes de cuidar das suas formas. Para ter vida, é preciso não se separar da sua forma. Porém certas pessoas, mesmo tendo conservado a forma, perderam o viver.

Quando surge a vida, você não pode rejeitá-la. Não pode pará-la se ela prossegue. E triste, mas é verdade. Há gente neste mundo que pensa que nutrit somente a forma já basta para sustentar a criança perpétua que é a vida, mas o fruto desse sustento não é o viver. Mas então o que é que basta? Embora não possam fazer o bastante, tampouco podem nada fazer. Não podem evitar fazer algo.

Para aqueles que se recusam a agir somente em prol da forma, não há nada melhor do que rejeitar o mundo. Rejeite-o, e se verá livre. Livre, você se conserva honrado e em paz. Honrado e em paz, terá mais vida e mais vivaz se conservará.

Mas será que basta meramente abandonar os negócios do mundo e considerar a própria vida como herança suficiente? Abandone os negócios do mundo, e a sua forma estará livre. Considere a vida suficiente, e a essência vital jamais diminuirá. Quando a sua forma está completa e a sua essência recomeça eternamente do princípio, você é um com o céu. O céu e a terra são o pai e a mãe de todas as coisas; a sua união cria o corpo; a sua separação o faz nascer. Se a forma e a essência se conservam sem nome, isso é o que chamamos ser capaz de avançar. Com a essência além da essência, você é como o céu.



Omestre Lieh Tzu interpelou o guarda da passagem, Kuan Yin:

— Gente que já "chegou lá" pode submergir sem afundar. Pode atravessar o fogo sem ficar quente. Pode subir acima das dez mil coisas sem medo. Mas o que quero saber é isto: como chegar até esse ponto?

— Conservando a pureza do seu ch'i — respondeu Kuan Yin. — Não é algo que se possa aprender, como um ofício, nem é resultado de ousadia. Fique aqui um pouco que lhe explico.

Tudo o que tem aparência ou semelhança, tudo o que faz som ou tem cor — continuou — são coisas. Uma coisa não pode ser muito diferente da outra. Qual delas deve ter a primazia? Não passam de brilhantes aparências.

Mas o que cria as coisas não tem forma e permanece no ponto imóvel do imutável. Ora, quem comprehende isso e só nisso pondera não pode ser detido, não pode ser parado pelas coisas. Homens assim podem habitar um lugar onde não há excesso, podem ocultar-se num local que não tem nem vestígio de fronteira, e podem vagar livres e à vontade das extremidades aos princípios das dez mil coisas. Pois estarão em harmonia com o coração com que nasceram, nutrindo o seu ch'i, conciliando o poder da sua virtude e em contato com aquilo que cria as coisas. O que nasce do céu eles sustêm,

completam, dentro em si. O que é do espírito jamais é rejeitado. Como é que meras coisas poderiam confundi-los?

E por isso que um bêbado, quando cai da carroça, pode até se machucar, mas não morre. Os seus ossos se articulam como os de qualquer outra pessoa, mas os ferimentos dele são diferentes. O seu espírito estava sô: nem sabia que conduzia a carroça; não soube que caiu. O medo da morte não tinha como penetrar no seu peito. Assim ele enfrentou as coisas sem palpitação de temor. Se alguém pode encontrar sobriedade como essa no vinho, quanto mais sobriedade não se pode obter do céu? O sábio reside no céu; lá não há nada que possa feri-lo. Esse, mesmo inclinado à vingança, não a descarrega na arma do inimigo, assim como mesmo o mais briguento dos homens, atingido pela queda de uma telha, não poria a culpa na telha. Esse espalha a equanimidade em Tudo-sob-o-céu, e elimina as sentenças de morte e de mutilação. Assim age o Tao.

Não comece pelo céu que se pode conhecer, mas com o céu do céu. Comece com esse céu, que daí nascerá o Poder da Virtude. Mas comece com o céu inventado pelo homem, e nascerá o roubo. Não oprima o céu nem despreze a humanidade, e as pessoas conhecerão o que é verdadeiro.



Confúcio, saindo de um bosque em Ch'u, viu um corcunda esmagando cigarras com a ponta de uma vara. Fazia-o com leveza, como se catasse frutas silvestres.

— Um artista! — exclamou Confúcio. — Há Tao nisso?

— Eu tenho o Tao — respondeu o corcunda. — Durante cinco ou seis meses, equilibrei duas bolinhas de barro na ponta da vareta, e elas nunca caíram. A essa altura, só as cigarras menorzinhas escapavam. Quando consegui equilibrar três bolinhas de uma vez, perdia só uma em cada dez. Depois comecei a praticar com cinco bolinhas, sem jamais derrubar uma. Aí já era como catar frutas silvestres. O meu corpo, esse que você vê, não passa do tronco de uma árvore morta; o meu braço não passa de um dos galhos dessa árvore. Embora grandiosos o céu e a terra e muitas as dez mil coisas, tudo o que conheço são as asas da cigarra. Como é que eu poderia deixar de acertá-las?

Confúcio virou-se para os seus discípulos e disse:

— Tenham o coração do cavaleiro, indiviso. Ali o espírito se cristaliza. Esse velho ditado certamente se aplica a esse senhor corcunda.

Depois Yen Hui falou a Confúcio:

— Quando eu atravessava as águas turbulentas e perigosas de Ch'ang-shen, o balseiro pilotava o barco como um espírito. Então lhe perguntei: "É possível aprender a conduzir um barco assim?" E ele respondeu: "Pode ser. Muitos bons nadadores têm essa capacidade.. E há também os mergulhadores. Estes podem fazê-lo mesmo sem jamais ter visto um barco." Eu quis saber mais, mas ele não conseguiu ir além. Será que o senhor poderia me explicar?

— Muitos bons nadadores podem fazê-lo porque esqueceram a água — respondeu Confúcio.

— Quanto aos mergulhadores serem capazes de manobrar um barco com perícia mesmo sem jamais ter visto uma embarcação... bom, eles encaram as profundezas turbulentas e perigosas como você encararia um carreiro de carroça no planalto. Para eles um barco virado não é nada mais do que uma carroça atolada para você. Atolada ou virada, se é algo que você já viu dez mil vezes, certamente não vai assustá-lo. Assim você pode seguir sem medo.

Atirando por ninharias — continuou Confúcio — um homem pode exibir grande perícia com o arco; por uma fivela de metal, ele vai tentar conservar a simplicidade, caprichando na mira. Mas atirando por ouro bem amarelinho, ele pode muito bem ficar cego. A sua perícia é a mesma, mas quando a atenção se volta ao prêmio, intrometem-se fatores externos. Quando se intrometem fatores externos, o íntimo se perturba.



Tien K'ai-chih, numa audiência com o duque Wei de Chou, ouviu o seguinte do duque:

— Ouvi dizer que Chu Hsien andou investigando o viver. Você tem estado com ele, não? O que aprendeu?

— Eu não fazia quase nada além de pegar a vassoura e varrer o pátio. O que poderia ter aprendido com o mestre?

— Não seja tão humilde — cutucou o duque Wei. — Sou todo ouvidos.

— Ouvi o mestre dizer: "Ser bom no viver é como ser um bom pastor... ficar de olho nas ovelhas desgarradas e trazê-las de volta ao rebanho com o estalar do chicote."

— Qual o significado disso? — perguntou o duque Wei.

— Em Lu — disse K'ai-chih — havia um certo Shan Pao, que morava debaixo de uma saliência nas montanhas e só ingeria água. Não tinha relação com a gente comum. Aos 70 anos, tinha a pele de uma criança. Infelizmente um tigre faminto o encontrou e devorou.

Lá vivia também Chang Yi. Jamais recusava o convite para uma festa, fosse em mansão fosse em cabana humilde. Aos 40 anos, teve uma febre violenta e morreu.

Shan Pao — continuou K'ai-chih — só cuidava das coisas do íntimo, e o tigre devorou o seu exterior. Chang Yi só cuidava das coisas exteriores, e uma febre violenta consumiu as suas entranhas. Desses dois mestres, poderíamos dizer: "Ele não chicoteou as ovelhas desgarradas."

Disse Confúcio: "Ocultar o que há no íntimo como um tesouro, tentar se exibir como o fulgor do sol ou postar-se bem no meio, sobre as duas pernas, sólido como árvore, aqui e agora? A terceira dessas alternativas certamente o levará a amealhar a reputação de recorrer a extremos.

Ora, quando as pessoas pretendem cruzar um país perigoso, onde se diz que um de cada dez pode ser vítima de emboscadas, então pais e filhos, irmãos mais velhos e mais moços levam espada e alabarda à mão e ainda reúnem toda uma escolta de homens armados antes de partir. Não será isso de fato sabedoria? Mas as pessoas também devem considerar perigosas coisas como deitar-se na esteira, comer ou beber. Para isso, as pessoas não se armam de conhecimento. Isso sim é um erro.



O oficiante do sacrifício aos ancestrais, usando barrete negro quadrangular e os mantos do seu ofício, subiu ao chiqueiro e disse aos porcos: "Que motivo vocês teriam para temer a morte? Vou alimentá-los com luxo e fartura durante três meses, fazê-los jejuar fastidiosamente durante dez dias e finalmente montar a mais rígida das vigílias diante de vocês durante três dias; depois vou estender esteiras de junco branco e distribuir os seus quartos dianteiros e permis no suporte ornamentado do sacrifício. Não será ótimo para vocês?"

Ora, se você estivesse do lado dos porcos, poderia dizer: "Isso não é tão bom quanto comer refugo e farelo e continuar vivo aqui no chiqueiro." Pensando consigo, poderia imaginar: "Se eu puder ter título de nobreza na vida e um belo enterro na morte, isso já seria excelente, não é?" Aquilo que rejeitaria na pele de um porco, talvez aceitasse para si. Exatamente o que então o difere de um porco?



Com Kuan Chung de cocheiro, o duque Huan seguia para uma caçada quando, passando ao lado dos pântanos, viu um fantasma. Agarrou a mão de Kuan Chung e berrou:

— Chung do céu! Não está vendo alguma coisa ali?

— O seu servo nada vê.

O duque voltou então para o palácio, falando coisas sem nexo durante todo o percurso. Caiu de cama e confinou-se aos seus aposentos por vários dias.

Entre os cavaleiros eruditos de Ch'i, havia um certo Huang-tzu o Corajoso Porta-voz. Disse ele:

— O senhor mesmo está se ferindo. Que poder tem um fantasma para ferir um duque? Quando o estoque de ch'i da pessoa se exaure, se dispersa e não se recupera, então nada sobra que lhe permita fazer alguma coisa. Mas se sobe e não diminui, então a pessoa fica irritada com muita facilidade. Se diminui e não volta a subir, você acaba esquecendo as coisas com muita facilidade. Se não sobe nem desce e fica bem no centro, domina o seu coração e a sua mente, e você então fica doente.

— Mas existem coisas como fantasmas? — indagou o duque Huan.

— Existem. O Li vive na lareira. O fogão tem o seu Chi. O Lei-t'ing habita os montes de entulho do lado de dentro do portão. Lano nordeste pululam o Pei-a e o Kuei-lung, e no noroeste o Yi-yang faz a sua morada. Na água você encontra Kang-siangs; nos montes, os Hsins\ nas montanhas, o K'uei; no deserto, o P'ang-huang; e nos pântanos, os Wei-Vos.

— Qual a aparência de um Wei-t'os? - perguntou o duque.

— Tem a largura mais ou menos do cubo da roda de uma carroça, e a altura aproximada da lança da carroça. Veste mantos cor de púrpura e chapéu vermelho. Detesta ouvir o tropel das carroças. Se ouve, tapa os ouvidos com as mãos e se põe de pé. Aquele que o vê está destinado a se tornar Soberano.

Maravilhado, o duque Huan abriu um sorriso malicioso e disse:

— Foi isso o que eu vi!

Endireitando o manto e o chapéu, sentou-se na esteira ao lado de Huang-tzu. Antes do final do dia, sem que sequer o percebesse, já estava curado.



Chi Hsing-tzu treinava um galo de briga para o rei. Depois de dez dias, o rei perguntou se já estava pronto.

— Ainda não — respondeu Chi Hsing-tzu. — Ainda está arrogante e instiga o próprio ch 'i.

Dez dias depois veio a mesma pergunta.

— Ainda não. Ainda reage a sons e imagens.

Outros dez dias se passaram, e o rei perguntou novamente.

— Não ainda. Ainda tem olhar feroz e excesso de ch 'i.

Mais dez dias e lá veio a pergunta de novo.

— Está quase bom. Mesmo quando outro galo canta, ele permanece inabalável. Quem olha para ele, acha que é feito de madeira. Quando o poder da sua virtude estiver completo, nenhum adversário ousará enfrentá-lo. Todos sairão correndo.



Confucio admirava as cataratas de Lu-liang, onde as águas caem mais de noventa metros até corredeiras revoltas de quase quarenta li de extensão. Nem mesmo peixes, tartarugas e outras criaturas aquáticas conseguem nadar ali; por isso, quando viu um homem nadando, imediatamente supôs ser uma tentativa de encerrar uma vida amarga. Despachou os discípulos correnteza abaixo para tentar resgatá-lo, mas antes de darem poucas centenas de passos o homem saiu da corrente, cabelos escorridos às costas, cantando ao nadar até a margem.

Confúcio alcançou-o e perguntou:

— Pensei que você fosse um duende. Agora vejo que é um homem. Permita-me perguntar: há Tao nessa sua arte de se mover na água?

— Nada — disse ele. — Não tenho Tao nenhum. Nasci para isso. Tornou-se a minha natureza, e agora é o meu destino. Entro no turbilhão e saio do turbilhão. Sigo o Tao da água, nada fazendo por conta própria. E assim que me movo na água.

— O que você quer dizer com: "Nasci para isso, tornou-se a minha natureza, e agora é o meu destino"?

— Nasci na terra e fui educado para conhecer a segurança da terra. Foi assim que nasci para isso. Cresci na água e aprendi a conhecer a sensação de segurança na água, portanto essa é a minha natureza. Não sei como consigo fazer isso; só sei que faço. E o meu destino.



O artesão Ch'ing entalhava suportes de sino em madeira. Quando terminava, quem via o trabalho ficava admirado, como se visse um fantasma ou espírito.

O marquês de Lu viu um dos suportes e perguntou:

— Que espécie de arte mágica você usou para fazer isso?

— O seu servo é um artesão — respondeu Ch'ing. — Que arte eu poderia ter? Mas mesmo assim, de fato me concentro no trabalho. Quando vou fazer um suporte de sino, não deixo que isso consuma o meu ch'i. Jejuo para clarear o coração e a mente. Depois de jejuar três dias, já não ouso pensar em congratulações ou recompensas. Depois de cinco dias de jejum, já não ouso pensar em honrarias ou condenação, em perícia ou inépcia. Depois de sete dias de jejum, esqueci que tenho quatro membros e uma forma corpórea. Nesse momento não há mais senhor nem corte. Só resta o meu ofício. Nada mais me distrai. Entro na mata da montanha e observo a natureza celeste... então me vem a forma perfeita e vejo o suporte do sino; só depois começo o trabalho. Se não vem, não vem. Só o que faço é casar natureza com natureza. E por isso que as pessoas desconfiam da presença de um espírito.



Tung-ye Chi exibia a sua perícia como auriga para o duque Chuang. Avançando e recuando, a sua linha era reta como a régua de um carpinteiro. Virando à esquerda ou à direita, as suas curvas eram suaves como se feitas por compasso. O duque o julgou ainda melhor do que o lendário Tsao Fu, e determinou que quando ele completasse cem voltas do percurso, deveria ir até o palácio.

Yen Ho viu Tung-ye Chi dando voltas e entrou para uma audiência.

— Os cavalos de Chi não vão agüentar — declarou.

O duque, reticente, nem respondeu. Logo depois, porém, Chi voltou: os seus cavalos de fato não haviam suportado.

— Como é que você adivinhou? — perguntou o duque a Yen Ho.

— Os cavalos estavam exaustos, mas ele os obrigava a prosseguir. E por isso que eu disse que eles não agüentariam.



O artesão Ch'ui conseguia traçar uma linha reta qual fio esticado, e fazia um círculo tão perfeito quanto um compasso. O segredo? Deixava a sua mão mudar com a mudança das coisas, e não permitia que o seu coração e a sua mente se distraíssem. Assim conservava a morada do espírito unificado, porém desembaraçada.

Se o sapato calça bem, você esquece o pé. Se o cinto do ofício se ajusta bem, você esquece a cintura. O conhecer pode esquecer o certo e o errado se o coração e a mente se ajustarem. Se você não se deixa alterar por fatores internos, e tampouco segue o que é externo, então está à altura da tarefa. Comece pelo que se ajusta bem, e nunca deixe que não se ajuste; assim você pode esquecer o ajuste.



Sun Hsiu foi visitar o mestre Pien Ch'ing-tzu e o encontrou no portão de casa.

— Quando eu morava na vila — disse — ninguém jamais falou que eu não era um lavrador esforçado; na guerra, ninguém jamais falou que eu não tinha coragem. No entanto, quando eu trabalhava no campo, jamais fiz uma colheita realmente boa, e enquanto servi ao meu príncipe, jamais ganhei promoção. Hoje me desprezam na minha vila, e sou enxotado pelas autoridades distritais. O que fiz para merecer isso? Por que enfrento hoje esse destino?

— Já ouviu falar do modo como aqueles que "chegaram lá" procedem? — perguntou o mestre Pien. — Eles esquecem que têm figado e vesícula biliar. Deixam para trás os olhos e os ouvidos. Vagando como se perdidos num ermo além do pó deste mundo, perambulam sem deveres a cumprir. E isso o que se chama "fazer sem levar crédito, alimentar até a maturidade, mas sem possuir". Mas você, você ostenta o seu conhecimento como diadema para impressionar o ignorante, e cultiva-se a si mesmo como para parecer iluminado diante do homem vil... brilhando como se girasse com o Sol e a Lua nas mãos.

Você ainda está inteiro — continuou. — A sua forma é completa, com todos os nove orifícios necessários. Viveu sem sofrer surdez, cegueira, aleijão ou deformidade. Comparado à grande

maioria dos seres humanos, você tem sorte. Agora vem reclamar do seu destino? Suma-se daqui!

Sun Hsiu partiu e o mestre Pien entrou. Depois de sentar-se um pouco, ergueu os olhos para o céu e suspirou.

— Por que suspira o nosso mestre? — perguntaram-lhe os discípulos.

— Hsiu veio aqui há pouco e eu lhe falei sobre o Poder da Virtude daquele que chegou lá. Agora temo que o tenha despedido confuso.

— Isso não! Então Sun Hsiu estava certo? O mestre porventura disse algo de errado? O errado certamente não pode confundir o certo. Mas se o que ele disse estava errado, e o que o nosso mestre disse estava certo, então ele já estava confuso e o senhor não tem culpa.

— Não é bem assim — disse o mestre Pien. — Nos tempos antigos, certo pássaro pousou do lado de fora do muro da cidade de Lu. O soberano de Lu, querendo entretê-lo, determinou que se preparasse um grande sacrifício e que se executasse a música Chiu Shao para ele, com a intenção de lhe proporcionar alegria. Mas o pássaro ficou triste, de olhos vazios, e recusou-se a comer ou beber. Isso é o que se chama tratar um pássaro como você mesmo se trataria. Se quer tratar um pássaro como um pássaro, basta empoleirá-lo num bosque ou fazê-lo sobrevoar um rio ou um lago; e deixe que coma cobras, se quiser. Dê-lhe um lugar seguro, e ali ele encontrará o suficiente.

Esse Hsiu é homem de palavras honestas — prosseguiu o mestre —, mas tem pouca experiência. E acabei de falar-lhe sobre o Poder da Virtude daqueles que realmente já chegaram lá. E como oferecer a um rato um passeio de carro, ou tocai" os sinos e os tambores sagrados para uma codorna lá nos campos. Como é que ele não ficaria perplexo?

A Árvore da Montanha

[CAPÍTULO 20]

Chuang Tzu viajava pelas montanhas quando viu uma árvore enorme com galhos exuberantes e folhas em abundância. Veio um madeireiro e a examinou, depois decidiu poupar-la. Chuang Tzu perguntou por quê.

— Não tem boa madeira.

— Esta árvore — respondeu Chuang Tzu —, por não ter valor como matéria-prima para coisa nenhuma, vai viver até esgotar o fio dos seus dias.

Descendo das montanhas, o mestre parou na cabana de um velho amigo. Exultante, o amigo mandou um servo matar e cozinhar um ganso.

— Um dos gansos sabe grனnar — disse o servo — e o outro, não. Qual dos dois devo matar?

Mate o que não sabe grனnar — decidiu o dono da casa.

No dia seguinte, os discípulos de Chuang Tzu perguntaram: "Aquele árvore da montanha deve viver até esgotar o fio dos seus dias por não ter utilidade. Mas o ganso do amigo do senhor foi para a panela pela sua falta de utilidade. Afinal, mestre, qual a sua opinião?"

Chuang Tzu riu.

— Será que devo decidir-me por algum ponto entre a utilidade e a inutilidade? Algum ponto no meio me parece a resposta certa, mas não é; pois lá você não pode evitar ser tragado. Só que isso não acontece se você sobe na carruagem do Tao e toma o poder da sua virtude. Então você irá flutuar ou vagar por onde não existe nem louvor nem censura. Seja um dragão. Seja um verme. Mude com a estação. Não é preciso se especializar em nada. Pode subir ou descer, fazendo da harmonia a sua medida. Pode flutuar ou vagar com o ancestral das dez mil coisas, como coisa entre coisas, sem as tratar como meras coisas. O que poderia então tragá-lo? Mover-se como a água: esse é o método de Shen Nung e do Imperador Amarelo. Não funciona se você cai na cilada de tratar as coisas como coisas exteriores a si, ou se esforça por legar códigos de conduta humana. Tomando esse rumo, unir-se só leva à separação, consumação só à destruição, dignidade à conivência e indignidade ao engodo. O quê, afinal, vale a pena alcançar? Que coisa você deixaria penetrar o seu coração? A que podemos nos apegar? E triste, mas se já não está no seu coração, meus jovens cavaleiros, incutam isto lá: só a vilazinha natal que é o Tao e o poder da virtude do Tao.



Tendo I-liao de Shih-nan uma audiência com o marquês de Lu, notou que o marquês parecia infeliz.

— O meu príncipe parece tão infeliz. O que o perturba?

— Estudei o Tao dos reis antigos — respondeu — e tenho cultivado o caminho deles. Demonstro respeito pelos espíritos dos ancestrais e venero os dignos. Eu os sigo como se fossem os meus pais e jamais me aparto deles. Ainda assim, parece que não consigo evitar a calamidade. É por isso que estou tão infeliz.

— As artes que o senhor pratica para evitar a calamidade são débeis. A raposa peluda e o leopardo pintado se empoleiram nas matas das montanhas, ou se agacham nas grutas dos penhascos. São silenciosos, rondando à noite, ficando entocados à luz do dia. Mesmo quando estão famintos e sedentos, são esquivos, trilhando só carreiros ocultos ao lado de rios e lagos para caçar o alimento. Porém, por mais cuidadosos que sejam, não conseguem escapar à calamidade da rede ou da armadilha. E o que está errado? São as suas belas peles que os levam ao desastre.

E não é isso verdade hoje? — continuou. — Não é o estado de Lu a pele do meu príncipe? Quero que o meu príncipe despele a sua forma, lave o coração de todo desejo e vá vagar pelos ermos onde não há ninguém. No sul de Yueh se encontra uma cidade chamada Reino da Sólida Virtude. O seu povo é ignorante e simples, carente de egoísmo e desprovido de desejos. Eles sabem fazer coisas, mas não sabem acumular; sabem dar, mas não receber. Não sabem dizer onde está a "justiça". Não sabem que rituais devem executar. E como homens loucos e mulheres alucinadas que eles vagam pelo mundo, trilhando o Grande Caminho. Os nascimentos lhes dão alegria. Os mortos, enterram. Quero que o senhor abandone este país, livre-se dos seus costumes. Tome a estrada que leva até lá, e vá.

— Esse caminho é longo e perigoso — disse o marquês. — Há montanhas e rios. Não tenho carroça nem barco.

— Se o senhor deixar de bater na tecla da arrogância — disse o mestre Shih-nan — e largar para trás toda obsessão convencional, só isso já funcionará muito bem como meio de transporte.

Mas não mora ninguém naquela floresta sombria. Quem teria por vizinho? Onde encontraria mantimento-s? O que comerei? Como poderia sequer chegar lá?

Se o senhor cortar as suas despesas, cortar os seus desejos, então mesmo mantimento nenhum já bastaria. A pé se pode vadear rios, pode- se flutuar à deriva no mar fitando para sempre o horizonte sem ver a praia. Siga adiante, vá e jamais conecerá fim. Os que forem despedir- se do senhor podem deixar a praia e voltar correndo para casa. Assim o senhor terá percorrido de fato um longo caminho.

Quem possui pessoas está agrilhoad — continuou Shih-nan —; quem é posse de outros tem uma vida miserável. Por isso o sábio Yao não queria possuir homens, nem se deixava possuir. Quero apenas que o meu príncipe seja livre, salvo da infelicidade, para que possa vagar com o Tao rumo ao Grande Vazio.

Imagine que, atravessando o rio num caiaque, um barco vazio abalroe o seu. Mesmo que o senhor seja um homem de pavio curto, não vai ficar furioso. Mas se houver alguém no outro barco, vai berrar com ele para que saia do seu caminho. Se ele não o ouvir, vai berrar de novo. E se mesmo assim ele não prestar atenção, vai berrar ainda uma terceira vez, soltando depois uns palavrões dos bem cabeludos. Na primeira vez o senhor não estava irritado, mas agora está. O barco estava vazio. Agora está cheio. Pois se o senhor se esvaziar a si mesmo antes de sair a vagar pelo mundo, quem poderá lhe fazer mal?



Confúcio foi cercado na fronteira de Ch'en e Ts'ai, e durante sete dias não teve lenha para cozinhai". Tai-kung Jen foi consolá-lo.

— Quase morreu, hem?

— É.

— Detesta a morte, não?

— É — repetiu Confúcio.

— Pois vou lhe dizer como evitar a morte — disse Jen. — No mar Oriental, existe uma ave chamada Preguiçoso. Não é bem uma ave. Está sempre arrepiado e mudando a plumagem, e

aparentemente não sabe fazer nada. Precisam ajudar-se uns aos outros até mesmo para voar, e quando se empoleiram, ficam apoiados uns nos outros. Nenhum deles ousa tomar a liderança do bando quando voa, nem desgarrar-se quando tem de voltar. Ao se alimentar, nenhum deles vai primeiro. Todos preferem os restos. Como nenhum deles se separa do bando, animal nenhum chega a ameaçá-los. Assim se conservam livres da calamidade.

Como dizem por aí — prosseguiu —, "a árvore reta é a primeira a ser cortada, o poço de água boa é o primeiro a secar". A sua intenção tem sido ostentar o seu conhecimento como um diadema, para impressionar o ignorante e cultivar-se a si mesmo a fim de parecer esclarecido diante da gente comum. O senhor brilha e cintila como se trouxesse nas mãos o sol e a lua. Por isso nunca está seguro.

Há muito tempo, ouvi um homem realizado dizer: "O fanfarrão não tem mérito. Quando se alcança o mérito, esse já começa a se deteriorar; quando se alcança a fama, ela já está em declínio." Quem é que pode descartar o mérito e a fama e voltar ao grande rebanho do povo? Para esse, o Tao não permanece imóvel em luz brilhante, mas flui. Ele chega aonde quer ir e não tenta fazer da fama a sua morada. Simples e constante, quase louco, apaga os próprios rastros e varre para o lado a sua influência. Não faz mérito nem fama. Portanto, não censura os outros e esses também não o censuram. O senhor jamais ouviu falar de alguém que tenha de fato chegado lá. Por que quer ser famoso?

— Não é excelente isso?! — exclamou Confúcio. Despediu-se dos seus companheiros de viagem, despachou os seus discípulos e rumou para o Grande Pântano, onde vestia peles, trazia os cabelos envoltos em panos e comia bolotas e castanhas. Quando vagava por entre os animais, as manadas dele não fugiam, e quando andava entre os pássaros, os bandos não alçavam vôo. Se nem os pássaros nem os animais o desprezavam, será que as pessoas o fariam?



Confúcio perguntou ao mestre Sang-hu:

— Já fui expulso de Lu duas vezes. Em Sung, derrubaram uma árvore em cima de mim. Tive de apagar o meu rastro quando saí de Wei. Vivi em abjeta penúria em Shang como em Chou. Fui cercado na fronteira de Ch'en e Ts'ai. Como sofri já essas várias calamidades, acho que não sou mais tão bem relacionado quanto era antes. Os meus amigos e discípulos estão dispersos. O que está acontecendo afinal?

— Por acaso é você o único — questionou o mestre Sang-hu — que não ouviu falar de Lin Hui? Quando ele fugiu na queda da cidade- estado de Chia, jogou longe o seu selo de jade oficial, que valia mil moedas de ouro, e carregou o seu filhinho nas costas. Alguém disse: "Um bebê não vale nem uma trouxa de roupa. E o trabalho\ O bebê dá muito mais trabalho. Como então jogou fora o selo de jade e carregou o seu filhinho? Por quê?" Lin Hui respondeu: "Eu e o selo estávamos unidos só para o ganho material, mas isto tem a ver com o céu. As coisas que se unem por causa do lucro, quando encontram a pobreza, o infortúnio, a calamidade ou a ameaça ao corpo, acabam se apartando umas das outras. As coisas que permanecem juntas por causa do "céu", ao encontrar a pobreza, o infortúnio, a calamidade ou a ameaça ao corpo, acabam se apegando ainda mais. Apartar-se e apegar-se são de fato coisas bem distintas.

A amizade de um cavalheiro — continuou o mestre Sang-hu — é como água fresca; a amizade de um homem inferior é como vinho doce. A companhia do cavalheiro gera forte afeição, enquanto a docura do homem inferior torna-se enjoativa e acaba gerando divisão. Aqueles que se unem sem bons motivos também se separam sem razão.

— Respeitosamente aceito a sua instrução — disse Confúcio, que foi para casa com passo leve e enérgico e espírito alegre. Desistiu dos seus estudos e distribuiu os seus livros. Os seus

discípulos já não vinham se inclinar diante dele, mas aumentou o seu afeto pelo mestre.

Noutro dia, disse o mestre Sang-hu:

— Quando Shun estava para morrer, instruiu Yu, dizendo: "Seja prudente. Quanto à forma, deixe que vá. Quanto aos sentimentos, deixe que sigam para onde forem levados. O que segue não fica para trás, e o que vai para onde é levado não se vê atacado. Se você não fica para trás nem é atacado, não irá depender da cultura para sustentar a sua forma, e não dependendo da cultura para sustentar a sua forma, certamente não dependerá das coisas."



Chuang Tzu remendou o velho manto com retalhos de panos grosseiros, amarrou as sandálias com cordão de cânhamo e partiu para ver o rei de Wei.

— Ora, o velho mestre então passa por grande penúria? — perguntou o rei.

— Pobreza, mas não penúria — corrigiu Chuang Tzu. — Quem tem o Tao e o poder da virtude do Tao mas não o põe em prática, esse sim vive em penúria. Quando as suas roupas ficam rotas, e os seus sapatos, gastos, isso é ser pobre, mas não desgraçado. E o que chamo meramente de "não ter ainda encontrado a estação correta". Será o rei o único que nunca viu um macaco subir bem alto? Quando está num grande cedro, numa catalpa ou numa canforeira, pula de galho em galho, senhor de tudo o que descortina lá de cima, e nem mesmo arqueiros famosos como Yi ou P'eng Meng conseguem acertá-lo. Mas se só pudesse entrar num arbusto ou numa amoreira espinhenta, então se movimentaria cuidadosamente como um homem num penhasco, olhando para os lados e tremendo de medo. Não que os seus músculos e ossos tenham ficado rígidos de preocupação, mas a paisagem é que é inadequada para ele. Não tem apoio suficiente para mostrar o que pode fazer.

Ora, se um homem morasse onde os seus superiores vivessem em confusão e fosse assistido por traidores desordeiros, mesmo que não quisesse parecer aflito, como poderia evitá-lo? Hem? Foi por isso que Pi Kan teve o seu coração arrancado — concluiu Chuang Tzu.



Quando Confúcio se viu em completa penúria na fronteira entre Ch'en e Ts'ai, sete dias sem sequer lenha para cozinhar, apoiou-se com a mão esquerda numa árvore podre e cantou "O Lorde de Pião", marcando o ritmo com a mão direita num galho morto. O instrumento não podia ser afinado, e a voz não alcançava nenhum dos conhecidos modos clássicos, mas o som da madeira e a voz do homem, como o som do arado revirando a terra, penetrava no âmago do coração dos discípulos.

Yen Hui, os braços cruzados no peito, virou-se e pôs-se a observar o mestre. Preocupou-se Confúcio com a idéia de que Hui o estivesse admirando excessivamente e assim pudesse prejudicar-se.

— Hui — disse ele —, é fácil evitar ser prejudicado pelo céu. É difícil evitar ser beneficiado pela humanidade. Não existe princípio sem fim. A humanidade e o céu são um. Então quem é que está tocando agora?

— Permita-me perguntar — arriscou Hui — o que o senhor quer dizer com "É fácil evitar ser prejudicado pelo céu"?

— Fome, sede, frio e calor, viver na pobreza e enfrentar obstáculos no caminho: tudo isso é resultado da ação normal do céu e da terra. Coisas acompanhando o fluxo. São o que queremos dizer ao falar: "Tudo passa." Um ministro de estado não abandona o seu senhor. Quanto mais fiéis não devem ser os que são servos do céu?

— O que o senhor quer dizer com "É difícil não ser beneficiado pela humanidade"? — perguntou então Hui.

— Quando consegue o seu primeiro emprego, tudo flui até você. Posição e riqueza vêm juntas como se fossem inesgotáveis. Essa é a colheita das coisas, mas nada tem que ver com o eu. O verdadeiro destino de uma pessoa jaz além desse tipo de coisa. O cavalheiro não é um bandido. O homem digno não é um ladrão furtivo. Se quero coisas, o que sou eu?

Por isso se diz: "Não existe ave mais sábia do que a andorinha" — continuou Confúcio. — O seu olhar não pousa duas vezes em algo que julga imprestável. Ainda que largue a fruta que está comendo lá em cima, só faz largá-la e sair voando. Teme as pessoas, mas habita no meio delas, encontrando segurança nos beirais e alimento nos altares dedicados ao solo e aos cereais.

— O que o senhor quer dizer com "Não existe princípio sem fim"?

— As dez mil coisas mudam — disse Confúcio —, mas não sabemos o que provoca essa mudança. Como então saberemos o seu fim? Como saber onde nascem? Basta manter-se firme e aguardá-las. Isso é tudo.

— Mas o que o senhor quer dizer com "A humanidade e o céu são um"?

— A humanidade existe por causa do céu — respondeu Confúcio. — E o céu existe porque existe o céu. O fato de os homens não poderem possuir o céu é simplesmente a nossa natureza. O sábio tranqüilamente deixa o corpo fluir, incorporando a mudança, e assim gasta o fio da sua vida. E isso é tudo.



Chuang Tzu andava à toa pelo parque do lorde, em Tiao-ling, quando viu um gaio esquisito vindo do sul. As asas tinham mais de dois metros de envergadura, e os olhos eram do tamanho da mão de um homem. Esbarrou em Chuang Tzu, raspando a sua testa, antes de pousar num bosque de castanheiras.

— Que espécie de ave é essa? — bradou Chuang Tzu. — Tem asas enormes, mas o seu vôo é desajeitado; tem olhos bem grandes, mas enxerga muito mal!

Ajeitou o manto e caminhou, preparando a balestra e firmando a mira. Mas então viu uma cigarra que encontrara uma ótima sombra para descansar. Bem perto, um louva-a-deus já erguia as tenazes para abocanhá-la. Concentrado no alvo, o louva-a-deus esquecia a própria forma. O gaio esquisito observava, pretendendo ele mesmo tirar vantagem da situação, mas ao mesmo tempo perdendo de vista a sua própria condição.

— Eeeiii! — berrou Chuang Tzu. — As coisas estão muito presas umas às outras! Tipos diferentes de seres vivos estão todos presos nisto aqui.

Acabara de guardar a balestra e já se virava para partir quando um dos guardas-florestais do lorde veio correndo para lhe dar uma bronca.

Chegando em casa, durante três longos meses Chuang Tzu recusou-se a sair ao pátio para falar com os seus alunos. Lin Chu foi falar com ele e disse:

— Por que é que o senhor parou de nos instruir no pátio?

— Por causa da minha forma, quase perdi a mim mesmo — retrucou Chuang Tzu. — Mirando a água barrenta, tomei-a por poço límpido. Ouvi Lao Tzu dizer: "Se você vai aonde vão os homens comuns, aja como eles agem." Recentemente eu passeava em Tiao-ling e esqueci-me de mim. Quando o gaio esquisito raspou a minha testa, vaguei pelo bosque de castanheiras, esquecendo essas verdades. O guarda-florestal do bosque pensou que eu era um invasor e podia muito bem ter cortado as minhas asas. E por isso que não estou ensinando.



Quando Yang Chu viajava por Sung, passou a noite numa hospedaria. O estalajadeiro tinha duas concubinas, uma bonita e outra feia. A feia era a sua favorita; a bonita, desfavorecida. Yang Chu perguntou por quê, e um dos servos respondeu:

— A bonita tem plena consciência da sua beleza, mas nós não a vemos. A feia aceita a sua feiúra, e nela não vemos nada de feio.

— Discípulos, tomem nota! — declarou Yang Chu. — Sejam dignos, mas deixem de lado a idéia de dignidade. Assim, aonde poderiam ir que não fossem amados?

O Conhecer Subiu ao Norte

[DO CAPÍTULO 22]

O conhecer subiu ao norte acompanhando o misterioso rio Sombrio, e escalou o outeiro dos Montes Ocultos, onde encontrou Nada-faça Diga-nada, dizendo:

— Gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Que espécie de pensamento e que espécie de preocupação com as coisas ocorrem na sua mente até que você conheça o Tao? Em que lugar, com que pretexto, posso encontrar a paz no Tao? Que caminho devo tomar para alcançá-lo?

Nada-faça Diga-nada não respondeu nenhuma das três perguntas. E não só não respondeu, mas nem sabia.

Sem obter respostas, o Conhecer voltou ao sul do cintilante rio Agua-branca e escalou o pico da Não-dúvida. Ali viu o Louco Verborrágico e lhe fez as mesmas perguntas.

— Ah, claro que sei! — berrou ele. — Mas sempre que começo a falar, esqueço o que estou prestes a dizer.

Sem obter resposta ali, o Conhecer voltou para o Palácio Imperial e requisitou uma audiência com o Imperador Amarelo, expondo-lhe as suas dúvidas.

— Não pense em nada! — respondeu o Imperador Amarelo. — Não se preocupe com idéia nenhuma. Então você começará a conhecer o Tao. Em lugar nenhum, sem nenhum pretexto, estará em paz no Tao. Quando você nada segue e nada sabe, aí começa a compreender o Tao.

— Eu e o senhor sabemos disso; aquele tal e o outro, não — falou o Conhecer. — Quem está certo, e quem está errado?

— Esse Nada-faça Diga-nada está certo, sim! O Louco Verborrágico parece certo. Mas eu e você não estamos nem perto — disse o Imperador Amarelo. — Quem sabe não fala. Quem fala não sabe. Por isso é que os antigos sábios ensinavam sem palavras. Você não pode alcançar o Tao. Não pode alcançar o Poder da Virtude. E possível suportar a benevolência, mas a justiça é um erro, e o ritual é engano mútuo. Por isso mesmo reza o ditado: "Quando se perde o Tao, venera-se o Poder da Virtude; quando se perde o Poder da Virtude, surge a benevolência; depois da benevolência só resta a justiça; e quando até isso desaparece, vem o ritual, a decadente flor do Tao, a face do caos." E também se diz: "Praticando o Tao, você perde algo todo dia. Perda a perda, acaba nada fazendo. E então nada fica por fazer." Se nos tornamos coisas, como não seria difícil refazer todo o caminho de volta até a raiz? Fácil, talvez, para o homem superior.

A vida é seguidora da morte — continuou. — Da morte nasce a vida. Quem é que sabe onde começa o fio do ego? A vida humana é ch'i acumulado. Basta acumular ch'i, e surgirá a vida. Basta dispersá-lo, e vem a morte. A vida e a morte são ambos discípulos. Um segue o outro. Como chamar um ou outro de calamidade? As dez mil coisas, então, nisto são uma só: o que é grande e belo se diz prodígio, o que é feio se diz podre. Mas coisas podres se transformam em prodígios, e os prodígios apodrecem com o tempo. Por isso é que se diz: "Compreenda isto: Tudo-sob-o-céu é um só ch'i." Assim, o sábio liga todas as coisas como conchas enfiadas num único cordão.

— Quando interpelei Nada-faça Diga-nada, ele não me respondeu — falou o Conhecer. — E não só não respondeu, mas nem sequer sabia o que é responder. E quando interpelei o Louco Verborrágico, ele quis até me responder, mas não conseguiu terminar. Não que não me tenha respondido. Estava me dizendo quando, no meio r'c raciocínio, simplesmente esqueceu tudo. Mas quando eu lhe perguntei, o senhor sabia a resposta. Como pode então dizer que não estamos nem

perto?

— Quem não sabe é que está certo — respondeu o Imperador Amarelo. Quem esquece está bem perto. Eu e você não estamos nem perto justo porque sabemos.

Quando o Louco Verborrágico ficou sabendo disso, disse:

— Esse Imperador Amarelo é realmente um grande conhecedor das palavras!



O céu e a terra possuem grandeza e beleza, mas não usam palavras. As Quatro Estações possuem o Método Brilhante, mas não o discutem. As dez mil coisas possuem os princípios perfeitos, mas nada falam. O sábio passa a deduzir da beleza do céu e da terra o princípio das dez mil coisas. E por isso que aquele que chegou lá não age, e o sábio nada faz. Eles aguardam o que o céu e a terra têm a dizer.



Nieh Ch'ueh pediu a P'i-i que o instruísse acerca do Tao:

— Basta aprumar a sua forma e concentrar o seu olhar — disse P'i-i. — Fazendo isso, alcançará a harmonia celeste. Basta apreender o seu conhecimento e concentrar-se num bom palpitar. Fazendo assim, o espírito virá habitar em você. O Poder da Virtude irá embelezá-lo. Você passará a habitar o Tao, e o seu olhar será fixo e vazio como o de um bezerro novo. E já não buscará razão.

Mas antes de terminar de falar, Nieh Ch'ueh caíra no sono. Maravilhado, P'i-i pôs-se a cantar:

"Forma qual toco podre,
coração feito cinzas,
Verdade é o fruto do seu conhecer,
e ele nem quer saber por quê.

Sombria como a casamenteira,
na sombra como a sua mãe...
Sem mente! Para ele não há par!
Que homem é esse?"



Shun perguntou a Ch'eng:

— Você consegue alcançar o Tao e possuí-lo?

— Você nem sequer possui o próprio corpo — riu-se Ch'eng. — Como espera tomar posse do Tao?

— Se não possuo o meu corpo, quem o possui então?

E uma forma que o céu e a terra lhe emprestaram. A vida não é posse sua. E uma harmonia que o céu e a terra lhe emprestaram. Você não possui o coração com que nasceu, nem o seu destino. São apenas um caminho a seguir que o céu e a terra lhe emprestaram. Os seus filhos e netos não são posse sua. São mudas de insetos que o céu e a terra lhe emprestaram. Portanto, vá. Sem saber

aonde. Ou fique sem saber por quê. Coma sem nem pensar em paladar. O *ch'i* do yang é forte no céu e na terra, mas nem *ele* pode "alcançar" e "possuir".



Confúcio interpelou Lao Tzu:

— Já que você está sentado aí no sol, tranqüilo, no terreno da sua casa, será que posso perguntar como alcançar o Tao?

— Jejue. Faça vigílias. Execute abluções e lustrações. Lave o coração e a mente na neve e esmague o seu "conhecer". Ora, o Tao ... o Tao é cavernoso. Ofuscante. Difícil encontrar palavras para ele, mas vou tentar expressar em palavras as suas margens e as suas fronteiras.

O brilhante nasceu da escuridão — prosseguiu Lao Tzu —; o constante, do informe; a semente do espírito, do Tao. A forma nasceu dessa semente, e as dez mil coisas dessa forma. Coisas de nove orifícios nascem do útero. Coisas de oito nascem do ovo. Ambas vêm sem deixar pegadas, e quando partem, vão além de todas as margens e de todas as fronteiras. Sem porta nem quarto, delas são os Quatro Ventos, todo brilhante o seu domínio. Quem atrai a sua companhia terá membros fortes, será franco e visionário nas idéias e nas decisões, de visão e audição nítidas. Não sofrerá ataque no coração e na mente. Reagirá às coisas sem ponderar. O céu é alto por natureza. A terra é ampla por natureza, o sol e a lua são móveis por natureza. As dez mil coisas, por natureza, conduzem essa espécie de pessoa. Isso é o Tao.

O mais culto pode não conhecer isso — prosseguiu Lao Tzu —, o lógico pode não achar uma solução razoável. E assim o sábio rompe com o conhecimento e a lógica. O que é que pode sempre receber sem jamais transbordar? O que é que pode sempre verter sem jamais se esvaziar? E a isso que o sábio se apega. Profunda, bem profunda é a fonte, tanto quanto o mar. E sublime como as montanhas. Quando o fio da sua vida se esvai, nasce para um novo começar. Faz prosperar todas as dez mil coisas, sem falhar jamais. Esse seu Caminho do Cavalheiro passa bem longe disso. Aquilo a que as dez mil coisas vivem pedindo auxílio, que nunca as despede de mãos vazias, isso é o Tao.

Aqui no território do Reino do Meio vivem os homens, que nem são plenamente yin nem plenamente yang. Esses habitam um lugar entre o céu e a terra. Como são humanos, retornarão ao seu ancestral original. Longe de onde partiram você perceberá o som do significado da vida numa criança, seja no soluço, "Uá, uá", ou numa gostosa gargalhada, "Rá, rá, rá". E se alguns vivem muito e outros morrem jovens, que grande diferença haverá? Com apenas um átimo a viver, como haveria tempo para decidir se Yao ou Chieh estavam certos ou errados?

As frutas e os rastejantes meloeiros, cada qual segue o seu próprio governo — continuou Lao Tzu. — Da mesma forma, embora difícil, é possível divisar os caminhos dos grupos humanos. Os sábios saem a encontrá-los; não se opõem a eles. Passam além. Não os preservam. Reagir harmonizando: isso é o Poder da Virtude. Reagir no instante do primeiro encontro: isso é o Tao. E assim que se levantam os imperadores, assim que os reis se impõem. A vida humana entre o céu e a terra é como o pônei branco visto através de uma fenda na parede, súbito lampejo que esmorece o coração e some. Num jorro de água no trabalho parto: não há sequer um que não nasça assim. Vazando e refluindo, não há nem sequer um que não se funda de volta à terra. Uma mudança, e você vive. Outra mudança, e você morre. Todo ser vivo lamenta isso. A humanidade diz não a isso e guarda o luto com rituais. Mas é apenas o estojo do arco do céu que se abre, a sacola celeste de livros que se esvazia. Poeira? Ninharias? São as almas se movendo, e então o corpo segue atrás, e depois o excelente volta para casa. A forma que procede do informe, a informidade que vem da forma: tudo conhece o mesmo processo. Não é algo que quem chegou lá assuma como dever. Multidões de gente o distorcem assim ou assado com palavras, mas quem chega lá simplesmente pára de falar. Aqueles que ainda falam não chegaram lá. Palavras inteligentes não se compararam ao

silêncio. O Tao não pode ser ouvido. Tapar os ouvidos é melhor que ouvir. Isso se chama "O Grande Alcançar".



Tung-kuo Tzu interpelou Chuang Tzu:

- Onde é que se encontra aquilo que você chama de Tao?
- Não há lugar onde ele não esteja.
- Só posso aceitar isso se o senhor detalhar melhor.
- Nas formigas.
- Em coisas menores?
- Na erva dos campos.
- Menores ainda?
- Em pedaços de telhas.
- E ainda menores?

— Urina e fezes — disse Chuang Tzu. Como Tung-kuo Tzu não soubesse o que responder, Chuang Tzu prosseguiu. — O problema é que a sua pergunta não é de fato direta. Soa como as perguntas do supervisor do mercado ao inspetor dos suínos, fazendo-o cutucar em partes cada vez mais baixas do porco, segundo a teoria de que quanto mais você desce, mais pode dizer sobre o nível de gordura real do animal. Bobagem insistir em "não pode ser" ou "tem de ser". Nunca vai se livrar das coisas assim. Abordar o Tao assim? Outras palavras bonitas surtiriam o mesmo efeito. Ciclos ou Todo lugar ou União: as três são apenas palavras diferentes para a mesma realidade. Todas apontam o Uno.

Vamos tentar vagar juntos até o palácio da não-posse. Podemos falar infindavelmente sobre igualdade e união. Vamos fazer nada juntos. Ficaremos tranqüilos e calados, vazios como um deserto, límpidos como a água, em harmonia . . . e livres. Abrir as nossas asas será o único desejo dos nossos corações: rumando para lugar nenhum, sem saber aonde vamos parar, indo e vindo sem saber onde vamos finalmente fincar os calcanhares. Já estivemos lá e voltamos, mas ainda não conhecemos a extremidade do fio. Nós dois, zanzando a nosso bel-prazer, imperadores da vastidão ilimitada. O Grande Conhecer virá também. Não há fracasso possível.

O que gera as coisas não vê fronteiras entre si e as coisas. Se as coisas têm limites, são limites feitos de palavras. O limite do ilimitado é limite nenhum. Podemos falar de encher e esvaziar, de prosperar e declinar, mas o que torna cheio ou vazio não enche nem esvazia. O que faz as coisas prosperar e declinar não prospera nem declina. O que faz a raiz e o ramo não enraíza nem ramifica. O que faz as coisas acumular e dispersar não acumula e não dispersa.



Brilhante-lampejo-de-penugem-ao-sol perguntou a Não-existência:

- O senhor tem existência ou não?

Não-existência nada respondeu. E, estudando o seu rosto, Brilhante-lampejo viu apenas um vazio ofuscante e cavernoso. Passou o dia inteiro observando, mas nem assim conseguiu enxergar. Mesmo aguçando os ouvidos, nada conseguiu escutar. Apalpou, mas nada pôde pegar.

— Lá! — gritou Brilhante-lampejo. — Quem poderia chegar lá? Até eu posso nada possuir, mas não consigo não possuir a não-posse. Ele sim conseguiu fazer o não-nada. Quem é que pode acompanhá-lo?



Jan Ch'iu interpelou Confúcio:

— Será que podemos saber o que existia antes do céu e da terra?

— Se podemos! — disse Confúcio. — O passado ainda é presente. Jan Ch'iu, sem saber o que dizer, retirou-se. No dia seguinte voltou e perguntou:

— Ontem perguntei sobre saber o que existia antes do céu e da terra, e o senhor respondeu: "Se podemos! O passado ainda é presente." Ontem isso estava claro para mim, mas hoje estou novamente no escuro. Posso perguntar o que quis dizer?

— Estava claro ontem — respondeu Confúcio — porque o seu espírito o recebeu primeiro. Hoje você está no escuro porque o buscou fora do seu espírito. Não há passado. Nem presente. Nem início nem fim. Filhos e netos sem filhos nem netos? Como pode?

Vendo que Jan Ch'iu não respondia, Confúcio continuou:

— Isso mesmo! Não há resposta. Não deixar a vida dar origem à morte. Não deixar que a morte leve a vida à morte. Será que a vida e a morte têm algo de que dependem? Porventura são os dois Um só em algum corpo? Será o que nasceu antes do céu uma coisa? O que faz coisas de coisas não é coisa. Não foi uma coisa que pariu a primeira coisa. Porém, as coisas existem. E aquilo em que existem não é coisa. O amor do sábio pela humanidade é amor de coisa nenhuma. Aquilo vem *disso*.

Os Reinos da Lesma

[DO CAPÍTULO 25]

Orei Ying de Wei firmou um tratado com o lorde Tien Mou do estado de Ch'i. Mas o lorde traiu o tratado e o rei ficou furioso. Estava já a ponto de despachar um matador para Ch'i, quando o seu ministro da guerra, ouvindo falar do plano, chegou apressado, esbaforido e com o rosto todo vermelho de vergonha:

— Vossa majestade é Senhor de Dez Mil Carros de Guerra, mas incumbe um mero plebeu de executar a sua vingança. Imploro a concessão de vinte mil homens de armadura para atacá-lo para o rei. Posso esmagar aquele povo, capturar o gado e os cavalos e fazer o lorde arder até rebentarem furúnculos nas suas costas. Depois devastarei a capital e, quando o general Chi bater em retirada, o atingirei pelas costas, que-brando-lhe a espinha!

Ouvindo esse discurso, Chi Tzu entrou correndo, também corado de vergonha:

— Estamos erguendo uma muralha em torno da cidade com esse tratado. Sete décimos já estão prontos. Se a derrubarmos agora, os que se esforçaram por firmar a paz ficarão entregues à amargura. Lá se vão sete anos desde a formação do exército. Essa é a base da muralha do reino de vossa majestade. O ministro da guerra é um instrumento do caos. Vossa majestade não deve dar ouvidos a ele.

Quando Hua Tzu ouviu a discussão, insultou os dois, dizendo:

— Aquele que defende com tanta perícia o ataque a Ch'i é agente do caos. Aquele que refuta com tanta perícia o mesmo ataque também é agente do caos.

— Então o que devo fazer? — quis saber o rei.

— O meu Soberano deve buscar o Tao, e só.

Ao ouvir isso, Hui Tzu convidou Tai Chin-jen para uma audiência. Disse este:

— Existe certa criatura chamada lesma. Vossa majestade já ouviu falar dela?

— Já — disse o rei.

— No chifre esquerdo da lesma existe um país chamado Comear, e no chifre direito, um que se chama Esmagar. De tempos em tempos eles se reúnem para guerrear um contra o outro por causa do território, deixando algumas dezenas de milhares de cadáveres em algum campo de batalha, e caçando e assolando as tropas remanescentes um do outro durante uma semana mais ou menos antes de voltar para casa.

— Besteira! — gritou o rei. — Qual a razão dessa conversa mole?

— Vossa majestade me permita informá-lo melhor. Crê por acaso o rei que haja limite para o espaço, as Quatro Direções, o zênite e o nadir?

— Essas coisas não têm limites.

— Ora, então o meu rei deve saber que quando o coração e a mente vagam pelo ilimitado, ao voltar afinal a estas terras que podem ser alcançadas pelo transporte, o rei acha difícil acreditar que estas terras existem de fato. Não é assim?

— Realmente.

— Entre as terras que podem ser alcançadas via transporte comum está o vosso reino, chamado Wei. No reino de Wei, está a cidade de Liang, e na cidade de Liang, vive um rei. Mas será que esse rei é distingível do rei de Cornear?

— Não há como nos distinguir — respondeu o rei. E quando Tai Chin-jen saiu, o rei

permaneceu sentado, inquieto, o coração e a mente balançando entre o ter e o perder.

Tendo Tai saído, Hui Tzu entrou para uma audiência.

— Grande homem esse — disse o rei. — Nem mesmo um sábio tem estatura para enfrentá-lo!

— Sobre uma flauta, e ouvirá uma bela nota aguda — falou Hui Tzu. — Sobre o cabo da espada, e ouvirá o som do seu alento. O povo jura por Yao e Shun, mas fala de Yao e Shun diante de Tai Chin-jen, e o alento de vossa majestade é tudo o que o rei jamais ouvirá.

Coisas Exteriores

[CAPÍTULO 26]

Você não pode deixar que coisas exteriores penetrem o seu coração. Por isso Lung-feng acabou executado, por isso Pi Kan sofreu a sentença de morte, por isso o príncipe Chi enlouqueceu, por isso E Lai foi morto e também por isso Chieh e Chou foram destronados.

Não existe lorde que não queira que os corações dos seus comandantes se arraiguem na lealdade. Mas um coração leal pode estar enganado, e assim penetrado até o âmago. Assim, Wu Yun foi atirado no Yangtzé e Ch'ang Hung morreu em Ssuchuan, embora este fosse tão puro que, três anos depois do seu sepultamento, o seu sangue se transformara em jade verde.

Todo pai e toda mãe desejam que os filhos exibam conduta filial, mas isso não garante que o coração do filho não seja trespassado por falta de cuidado dos pais. Foi assim que Hsiao-chi viveu sem amor, e até o coração de Tseng Shen jamais conheceu satisfação.

Esfregue madeira contra madeira e fará fogo — nada mais simples. Se o metal ficar por muito tempo no fogo, derreterá. Quando o yin e o yang se desviam, o céu e a terra se fendem, estronca o trovão e surge fogo na água, fogo que queima até a grande árvore do espírito. Quando os homens se enredam entre os extremos do prejuízo e do ganho, sem outro lugar por refúgio, às vezes ficam como num casulo, incapazes de completar as suas metamorfoses, os corações suspensos entre o céu e a terra, preocupados e pesarosos. Quando o lucro e a perda se atritam, o produto é um calor fortíssimo. E um fogo que consome grandes massas da humanidade. Nem mesmo a constante tranqüilidade da lua que é o coração e a mente pode superar essas chamas, e as pessoas próximas das coisas que valorizam podem até ver o Tao consumir-se no fogo.



Quando a família de Chuang Tzu estava sem um mísero tostão, lá foi ele tomar emprestado algum trigo do marquês de Chien-ho.

— Combinado! — declarou o marquês. — Devo receber logo o trigo do imposto. Quando chegar, mando-lhe trigo equivalente a cem moedas de ouro, certo?

Com a raiva acumulada no peito já se revelando claramente na coloração do rosto, Chuang Tzu retrucou:

— Ontem, a caminho daqui, ouvi um grito vindo do meio da estrada, e quando olhei para trás, para a direção do som, vi uma perca dentro de uma poça acumulada num sulco de roda de carroça. Falei: "Uma perca! O que você está fazendo aqui?" E a perca respondeu: "Sou ministro das Ondas do mar Oriental. Se o senhor puder me arrumar uma concha ou quem sabe um copo d'água, isso já me salvaria a vida." Falei então: "Tudo bem. Estou justamente indo ao sul para visitar os reis de Wu e Yueh. Posso desviar o rio Ocidental para que as suas águas passem por aqui. Certo assim?" A raiva do coração da perca se revelava claramente na coloração do seu rosto quando me respondeu: "Estou fora do meu elemento. Não há espaço para mim aqui. Se eu puder arranjar uma concha ou um copo d'água para molhar a minha língua, posso quem sabe sobreviver. Mas se só o que eu conseguir for esse tipo de conversa mole, o senhor logo me verá seco numa peixaria."



Kung-tzu Jen iscou um enorme anzol com cinqüenta novilhos, aga-chou-se no monte K'uachi e lançou a sua linha lá no mar Oriental. Dia após dia, ao amanhecer, pescava ali, e durante um ano inteiro nada pegou. Mas no final, um grande peixe mordeu a isca e, arrastando o enorme anzol, mergulhou para o fundo. Surpreso, voltou para cima e emergiu, saltando, tentando livrar-se do anzol. As cristas das ondas se erguiam como montanhas, as águas do mar viravam espuma, e se ouvia um barulho como gritos lacinantes de fantasmas e demônios, espantando tudo num raio de mil li.

Içando o peixe fora da água, Kung-tzu Jen o retalhou e o secou, e do rio Chih a leste a Ts'ang-wu ao norte, não houve ninguém que não se fartasse com ele. Desde então até o mais medíocre dos contadores de histórias pasmam uns aos outros recontando esse episódio.

Ora, se ele tivesse tomado a sua vara e corrido até o fosso mais próximo para pescar barrigudinhos e percas, teria sido impossível pegar o gran-dão. Aqueles que costuram pequenas teorias como iscas para pescar cargos distritais também muito caminharão sem avançar muito. Se você nem sequer ouviu falar de como Kung-tzu Jen costumava fazer as coisas, está ainda muito longe de ficar pronto para lançar as linhas ao mundo.

Um bando desses poltrões confucionistas estava saqueando um túmulo, cavando a terra com as folhas de madeira que compunham as páginas do Clássico dos Rituais e do Shih Ching, o clássico Livro dos Cânticos. O chefão dos poltrões os apressava em versos:

"Já vem a alvorada
E o saque? Nada?"

Responderam os poltróezinhos:

— Ainda não conseguimos tirar os mantos fúnebres, mas o defunto tem uma pérola na boca; como se diz no *Livro dos Cânticos*:

"Verde, verde é o trigo
Que cresce sobre o jazigo;
Em vida, o homem nada deu;
Morto, por que a pérola na boca?"

Então agarraram as suas costeletas, puxaram-lhe a barba e, usando uma vareta de metal, separaram com dificuldade os maxilares para enfim pegar a pérola sem a danificar.



Estava um discípulo de Lao Lai-tzu recolhendo lenha quando encontrou Confúcio. Voltou e contou ao mestre, dizendo:

— Vi um homem lá fora, de corpo comprido e pernas curtas, ligeiramente corcunda, com as orelhas fincadas bem para trás na cabeça. Ele observa tudo, como se fosse o encarregado de todas as coisas limitadas pelos Quatro Mares. Não sei a que família pertence.

— É Confúcio! Convide-o para entrar — bradou Lao Lai-tzu. Entrando Confúcio, ele prosseguiu: — Dispa-se desse olhar oficioso e dessa sua expressão onisciente, e aí sim poderá

tornar-se um verdadeiro cavalheiro.

Confúcio fez uma reverência, recuou e, arrastando os pés e recompondo o rosto, perguntou:

— Será que assim posso cumprir a minha missão?

— Você não consegue suportar as feridas do seu tempo — disse Lao Lai-tzu —, mas não percebe a violenta influência que exercerá sobre as próximas dez mil gerações. Não sei se você é deliberadamente muito imaturo ou se apenas perdeu a capacidade de adivinhar as consequências. Só pensa em atrair o favor dos homens, sem ligar para as consequências. Toda a sua vida é uma vergonha. Essa é a conduta, o "avanço" dos homens mediocres atraídos por vis segredos, unidos no louvor de Yao, na censura de Chieh. Melhor seria esquecer os dois. Melhor seria esquecer o louvor. O que vai contra as coisas sempre se fere. Todo o que se move segue errado. Os sábios arrastam os pés e aguardam, retidos, no princípio das coisas: para que assim tudo participe e tenha mérito na realização. Mas só o que você promove é arrogância e afetação.



No meio da noite, o lorde Yuan de Sung sonhou que um homem de longos cabelos esvoaçantes espiou pela porta lateral do seu aposento e disse:

— Venho de onde brota da terra o riacho Tsai-lu. Seguia eu numa embaixada do límpido Yangtzé ao Senhor do rio Amarelo. Um pescador chamado Yu Chu me pegou.

Quando o lorde Yuan acordou, determinou que se interpretasse o sonho.

— É o espírito de uma tartaruga — disse o adivinho.

— Existe porventura um pescador de nome Yu Chu?

— Existe — responderam os cortesãos.

— Tragam Yu Chu à corte.

No dia seguinte Yu Chu foi levado à corte.

— O que você pegou, pescador? — inquiriu o lorde.

— Peguei na rede uma tartaruga branca. Tem um metro e meio de Circunferência.

— Traga-me a tartaruga — exigiu o lorde.

Quando a tartaruga chegou, o lorde quis matá-la. E também quis que vivesse. Como estava em dúvida, recorreu ao oráculo, e lhe veio a resposta:

— Mate a tartaruga e use o seu casco nas artes divinatórias. Isso lhe será auspicioso.

Assim a tartaruga foi morta, e de fato, em 72 consultas ao casco por meio de oráculos e calor, não houve sequer um único prognóstico errado. Disse Confúcio:

— O espírito da tartaruga conseguiu audiência no sonho do lorde Yuan, mas não pôde evitar a rede de Yu Chu. O seu casco sabia o bastante para fazer corretamente 72 presságios, mas não o suficiente para evitar a tragédia da estripação. Portanto, o conhecimento tem os seus problemas, e mesmo o espírito, as suas limitações. Até o conhecimento perfeito pode falhar diante de dez mil maquinações. Os peixes não conhecem o suficiente para temer a rede, embora fujam do pelicano. Mas busque o pequeno conhecimento, que o grande conhecimento irá iluminá-lo. Liberte-se da bondade, e bom você será. Toda criança aprende a falar sem recorrer a um professor talentoso, pois convive com pessoas que falam.



Hui Tzu disse a Chuang Tzu:

— As suas palavras são inúteis.

— Só quando você conhece o inútil é que pode começar a falar sobre o útil — retrucou Chuang Tzu. — A terra é vasta e ampla, mas dela o homem só precisa de um lugar para pôr os dois pés. Mas se você escavasse todo o terreno que esses dois pés não calcassem, daqui até as Nascentes Amarelas, a parte restante não teria utilidade nenhuma, teria?

— Seria inútil — concordou Hui Tzu.

— Pois eu ressaltei a utilidade da inutilidade.



Disse Chuang Tzu:

— Se alguém puder de fato zanzar por aí livremente, ele o fará. Quem não puder, não o fará. Mas quem deseja ocultar o seu nobre coração sem deixar vestígios, digo a vocês que esse só faz recusar as obrigações do verdadeiro conhecimento e do pleno Poder da Virtude. Tropeça e cai sem fazer meia-volta, ou avança queimando como fogo indomável, sem jamais olhar para os lados.

As pessoas podem se pôr a trabalhar juntas como soberano e comandante, mas isso pode ser apenas resultado de uma estação única — continuou Chuang Tzu. — Em outro momento, talvez não defendam as mesmas convicções. E justo esse o significado deste antigo ditado: "Quem chegou lá não deixa vestígios."

Admirar o passado e desprezar o presente é afetação dos eruditos. Ainda assim, mesmo alguém como Hsi-wei, se pudesse observar esta presente era, dificilmente deixaria de ficar perturbado. Só aquele que realmente chegou lá pode vagar livre e à vontade neste mundo sem afundar na vileza; só ele pode seguir mesmo um homem comum sem se perder. O ensinamento dessas pessoas não está ao alcance dos eruditos. Nem se assemelha ao que estes ensinam.



Olhos aguçados enxergam nitidamente; ouvidos aguçados escutam com perfeição; o olfato apurado distingue os odores, o paladar apurado, os sabores. O conhecer aguçado é tudo o que existe para o Poder da Virtude. Falando de qualquer um desses, podemos dizer que não pode ser obstruído. O que se obstrui se sufoca, e o que incessantemente se sufoca enrijece. A rigidez geralmente é nociva à vida.

Todas as coisas vivas precisam respirar. Se não inspiram ar suficiente, não é culpa do céu. O céu lhes deu orifícios, e dia e noite lhes dá o ar, mas as pessoas bloqueiam as passagens. Nossa carne circunda muitas cavidades, e o coração vagueia dentro delas. Onde não há salões espaçosos, esposas e sogras se irritam mutuamente. Se o coração não pode vaguear, os sentidos entram em guerra. Matas e bosques, montanhas e montes — tudo isso é benéfico às pessoas, pois aí o espírito vagueia indomável. Mas o poder do espaço aberto se perde se meramente percorremos esses lugares em busca da fama. A fama se derrama em violência. Obstinação passa por arrojo. E o "conhecer" se revela no tilintar das espadas. Então o mato invade as terras cultivadas, e é zelosamente guardado. Será que nisso os negócios do governo se cumprem adequadamente ?

Nas chuvas da primavera, e debaixo do sol dessa estação, a relva e as árvores crescem aos saltos, quase raivosas. Então começamos já a afiar as foices e as enxadas, não é? Porém, metade do que cortamos brota novamente, e não sabemos por que é assim.



Ficar tranqüilo cura as doenças. Massagem proporciona bem-estar aos velhos. Acalmar o coração e a mente pode pôr fim à agitação. Mesmo assim, só quem está perturbado ou esgotado precisa dessas terapias. Quem está bem nem sequer quer conversar sobre isso. O que os sábios costumam incutir nas pessoas o espírito não precisa pedir. O sábio não precisa perguntar ao Valoroso como ele amedronta as pessoas para que cada qual se ponha no seu lugar. O Valoroso não precisa perguntar ao aristocrata como ele impõe a ordem ao povo. O "cavalheiro" não se preocupa em perguntar às pessoas como elas se viram no dia-a-dia.



DIANTE DA PORTA DE YEN HAVIA UM HOMEM QUE, QUANDO OS SEUS PAIS MORRERAM, TANTO DEFINHOU POR CONTA DAS MORTIFICAÇÕES DO LUTO RITUAL QUE FOI RECOMPENSADO COM UMA SINECURA COMO MODELO DE EXCELÊNCIA. DAÍ EM DIANTE, METADE DAS PESSOAS DA VIZINHANÇA ESMERARAM-SE TANTO NO LUTO QUE DE FATO SE MORTIFICARAM — MORRERAM.

Quando Yao quis dar Tudo-sob-o-céu a Hsu Yu, este fugiu dele. Quando T'ang quis dá-lo a Wu Kuang, este ficou furioso; e Ch'i T'ou, só por ouvir falar disso, partiu com todos os seus discípulos rumo ao rio K'uan, onde permaneceram por três anos inteiros, apesar de tudo o que os soberanos da terra fizeram para consolá-lo. Shen-t'u Ti, quando ouviu o ultrajante insulto dessa oferta, foi imediatamente até o rio Amarelo e saltou na corrente.

A razão da existência de uma armadilha para peixes são os peixes. Depois de pegar o peixe, pode esquecer a armadilha. O coelho é a razão do laço. Capturado o coelho, pode esquecer o laço. O significado da canção no seu coração é a razão das palavras, mas uma vez apreendido o significado, pode esquecer as palavras. Onde encontrarei alguém que esqueceu as palavras — para com ele trocar algumas?

O Bandoleiro Chih

[DO CAPÍTULO 29]

Confúcio tinha um amigo chamado liu-hsia Chi, cujo irmão caçula se chamava Chih, o bandoleiro. O tal bandoleiro Chih tinha nove mil homens que o seguiam no seu vagar por Tudo-sob-o-céu, invadindo e assolando as terras dos senhores feudais, furando paredes e derrubando portas, roubando gado e cavalos e carregando mulheres e filhas. Na sua paixão pelo ter, esquecia todos os laços de parentesco, não dando a menor atenção aos seus pais ou ao irmão, recusando-se até a oferecer os sacrifícios aos ancestrais. Onde chegava, nos grandes estados guardas patrulhavam as muralhas da cidade, enquanto nos pequenos o povo se recolhia às suas fortalezas. Toda a gente comum sofria. Confúcio disse a Liu-hsia Chi:

— O pai deve ser capaz de controlar o filho. O irmão mais velho deve ser capaz de instruir o irmão mais novo. Se não for assim, o parentesco não tem valor. Ora, o senhor é um dos cavaleiros eruditos mais talentosos desta época, mas o seu irmão caçula, o bandoleiro Chih, anda por aí açoitando Tudo-sob-o-céu; portanto o senhor se mostrou incapaz de instruí-lo. Estou profundamente envergonhado do senhor. Peço que me permita ir falar com ele em seu nome.

— O senhor diz que o pai deve ser capaz de instruir o seu filho — retrucou Liu-hsia Chi — e que o irmão mais velho deve ser capaz de instruir o mais novo, mas se o filho não ouve, mesmo que o pai seja tão convincente quanto o senhor, não há nada a fazer. Chih é desse tipo de homem. O seu coração e a sua mente são como um gêiser, a sua vontade é como um redemoinho. E forte o bastante para enfrentar qualquer homem, e inteligente o bastante para fazer de cada falha sua um adorno. Mas se você o repreende, ele na hora se enfurece e o xinga estrepitosamente. Melhor é deixar para lá.

Mas Confúcio não lhe deu ouvidos. Com Yen Hui por cocheiro e Tzu-kung à sua direita, partiu para uma audiência com o bandoleiro Chih.

Recuperando as forças na ensolarada encosta do monte T'ai, o bandoleiro Chih picava um fígado humano para o almoço quando Confúcio chegou, desceu do carro e se apresentou com duas reverências a um dos homens do bandido:

— Sou do clã dos K'ung, do estado de Lu. Ouvi dizer que o general é homem de sublime justiça.

Recebendo a mensagem, Chih franziu a testa, os olhos cintilando como estrelas, o cabelo tão arrepiado a ponto de erguer-lhe o chapéu da cabeça.

— Então é K'ung Ch'iu, Confúcio! O ardiloso velhaco de Lu, não é? Pois trate de ir dizer a ele o seguinte: "Você vomita regras e fanfarrices, tagarelando sobre o rei Wen e o rei Wu, usando esse seu chapéu como árvore esgalhada, cingindo-se desse cinto de costelas de boi, com a sua multiplicidade de expressões e a sua sufocante teia de teorias enganosas! Você come sem lavrar. Sem tecer, se veste. Abre os lábios, remexe a língua e gera toda sorte de certos e errados para enganar os soberanos de Tudo-sob-o-céu! Faz os cavaleiros eruditos de Tudo-sob-o-céu dar as costas aos fundamentos, tolamente estabelecendo o princípio da "piedade filial" como instrumento para amealhar para si o favor dos senhores feudais, além de riquezas e títulos de nobreza. Os seus crimes são muitos e grandes. É bom se apressar! Volte já para o lugar de onde veio, senão incluo o

seu fígado no meu almoço.

Mas Confúcio mandou-lhe outra mensagem:

— Tenho a honra de conhecer o seu irmão, Chi. E rogo a honra de ser recebido na sua tenda.

Tendo ouvido a segunda mensagem, o bandoleiro Chih mandou que Confúcio fosse levado até ele.

Confúcio, entrando, rejeitou a esteira, recuou e fez duas reverências diante do bandoleiro.

Chih estava furioso. Pés bem separados, mão à espada, olhar vidrado em Confúcio, disse com voz qual rosnar de tigresa parida:

— Adiante-se! Seja o que for que tenha a dizer, se com isso eu concordar, você vive; se não, morre.

— Ouvi dizer — falou Confúcio — que em Tudo-sob-o-céu existem três virtudes supremas: nascer e ficar grande e alto, belo como ninguém mais, tanto que jovens e velhos, nobres e humildes, todos se deleitem quando olham para ele; essa é a Maior Virtude. Compreender a Tessitura do Céu e da Terra e ter a capacidade de fazer, e a eloquência para falar sobre todas as coisas; essa é a Virtude Mediana. Ser corajoso, bravio, determinado e ousado, e reunir uma multidão de guerreiros para liderar; isso se chama Virtude Inferior. Quem tem o poder mesmo de uma só dessas virtudes tem o bastante para estabelecer-se no Trono Voltado para o Sul e receber o título de Solitário, o imperador único.

Ora, o general — continuou — personifica todas as três ao mesmo tempo. Tem mais de dois metros e oitenta de altura, rosto e olhos plenos de luz. Os lábios são vermelhos como o cinabre, os dentes, brancos e perfeitos como fieira de conchas. A voz soa como o lendário Sino Amarelo. E no entanto o seu único título é "bandoleiro Chih". Envergonho-me profundamente pelo senhor e rogo permissão para arranjar-lhe outro melhor.

Se o general — prosseguiu Confúcio — se agrada de ouvir este seu servo, rogo ser enviado ao sul como embaixador nas terras de Wu e Yueh, ao norte nos reinos de Ch'i e Lu, a leste nos estados de Sung e Wei e a oeste em Ch'in e Ch'u, para fazer com que eles levantem para o senhor uma muralha de várias centenas de li, estabelecendo ali uma capital de várias dezenas de multidões de gente, onde o senhor será honrado como um dos senhores feudais. O senhor dará nova vida a Tudo-sob-o-céu, desarmando e dispersando os seus soldados, reunindo e favorecendo os seus irmãos e parentes, e com eles executando os sacrifícios devidos aos seus ancestrais como fundadores de um estado. Eis uma conduta digna e cavalheiresca, e a resposta aos sonhos de Tudo-sob-o-céu.

— Aproxime-se, Ch'iu — vociferou o bandoleiro Chih. — Aqueles que se deixam controlar por idéias de ganho ou reformar por admoestações, esses considero inferiores, medíocres, ignorantes. O fato de ser eu grande e ter boa aparência, de as pessoas suspirarem no íntimo quando me vêem, isso simplesmente herdei da nunha mãe e do meu pai. Não foi você quem me revelou isso. Ou acha por acaso que eu não sabia? Também ouvi dizer que as pessoas que costumam louvá-lo pela frente podem destruí-lo pelas costas. Ora, você, Ch'iu, me oferece uma grande cidade murada repleta de gente, pretendendo controlar a mim com idéias de ganho, como seu eu fosse um bobo qualquer. Por quanto tempo poderia eu conservar esse lugar? Por maior que fosse essa cidade, não há cidade que se compare a Tudo-sob-o-céu. Yao e Shun detinham Tudo-sob-o-céu, mas os seus filhos e netos não conservaram terra suficiente para nela fincar uma sovela. T'ang e Wu se fizeram Filhos do Céu, mas os seus descendentes foram totalmente aniquilados. E isso não aconteceu justamente por que eles muito acumularam?

Ouvi dizer que nos tempos antigos — continuou o bandoleiro Chih —, quando os animais eram muitos e poucos eram os homens, estes viviam em ninhos nas árvores em busca de abrigo. Comiam bolotas e castanhas de dia e se empoleiravam nas árvores à noite. Por isso eram conhecidos como Ninheiros. Nem sequer sabiam o que era roupa. No verão, recolhiam lenha para queimar no inverno. Assim eram chamados Gente que Sabia Viver. No tempo de Shen Nung, que inventou a agricultura, dormiam facilmente quando se deitavam e permaneciam bem accordados quando despertavam. Conheciam as suas mães, mas não os pais. Viviam com rebanhos de alces e

cervos, lavravam para comer e teciam para vestir-se sem nem sequer pensar em fazer mal a ninguém. E assim foi até o tempo do Imperador Amarelo, que não foi capaz de chegar lá, de alcançar o Poder da Virtude. Quando ele fez a guerra contra Ch'ih Yu nos ermos de Cho-lu, o sangue correu por mais de cem li. Depois vieram Yao e Shun e estabeleceram um bando de ministros! T'ang baniu o seu mestre, Chieh. E o rei Wu assassinou o seu soberano, Chou, o último rei dos Shang. E daí em diante, o forte tem abusado do fraco, e os muitos têm atacado os poucos. Desde a era de T'ang e Wu, eles todos podem ser contados entre as forças do caos.

Agora você vem pregar o "Tao" de Wen e Wu — prosseguiu o bandoleiro — usando Tudo-sob-o-céu com os seus mantos feitos à mão e a sua cinta estreita, os seus lindos discursos e falsos caminhos, para iludir e confundir os governantes de Tudo-sob-o-céu, esperando ficar rico e poderoso. Não existe bandoleiro pior que você! Por que diabos em Tudo-sob-o-céu não lhe dão o título de "bandoleiro Ch'iu", já que me chamam bandoleiro Chih? Você e as suas doces palavras conseguiram conquistar Tzu-lu, que deixou de lado o capacete e a longa espada para seguir o seu ensinamento. E Tudo-sob-o-céu declarou: "Esse K'ung Ch'iu! Ele consegue deter a violência e proibir os maus atos!" Mas isso o matou. Quando Tzu-lu quis matar o príncipe de Wei e não o fez, eles penduraram o seu cadáver salgado no alto da porta Oriental de Wei. E isso o que o seu ensinamento lhe fará também. Você então se considera um talentoso cavaleiro erudito ou um sábio? Mas já foi duas vezes expulso de Lu. Teve de apagar as próprias pegadas quando deixou Wei. Viu-se em apuros em Ch'i, e foi cercado na fronteira entre Ch'en e Ts'ai. Não é bem-vindo em lugar nenhum de Tudo-sob-o-céu. Ensinou a Tzu-lu como se conservar em salmoura. Essa sua enganosa calamidade, na melhor das hipóteses, nada faz por você, e na pior nada faz por ninguém. O que há de honroso nesse "Tao" que você abraça?

De todos os soberanos do mundo inteiro, não há ninguém como o Imperador Amarelo. E no entanto nem o Imperador Amarelo pôde abarcar o Poder da Virtude. Fez a guerra em Cho-lu, e o sangue correu pela terra cobrindo cem li. Yao não soube cuidar dos próprios filhos. Shun não soube honrar os pais. Yu ficou paralítico de um lado do corpo. T'ang baniu o seu próprio soberano. O rei Wu assassinou Chou. O rei Wen foi preso em Yu-li. Todos esses homens são respeitados, údos em alta estima pelo mundo, mas quem é que, examinando tudo isso, deixaria de ver que o que eles realmente fizeram foi transformar a sua "verdade" em dúvida, indo contra as suas próprias naturezas... e tudo por causa do lucro?

Quem é que o mundo chama de "dignos cavaleiros"? Po Yi e Shu Ch'i; mas esses dois desprezaram a soberania de Ku-chu e preferiram morrer de fome no monte Shouyang. Nem enterrados foram a sua carne e os seus ossos.

Pao Chiao fez da boa conduta a sua única qualidade — continuou o bandoleiro Chih —, mas quando percebeu que até as bolotas que comia "pertenciam" a algum senhor do mundo, abraçou-se a uma árvore até morrer de fome. Quando Shen-t'u Ti viu que ninguém aceitava as suas admoestações, pôs um calhau na sacola e pulou no rio para alimentar os peixes e as tartarugas. Chieh Tzu-fui exibiu extrema lealdade. Fatiou a própria coxa para alimentar o duque Wen. Mas depois, quando o duque lhe deu as costas, saiu furioso e abraçou-se a uma árvore enquanto a floresta em torno dele ardia em chamas. Quando a moça que Wei Sheng havia jurado encontrar debaixo de uma ponte não apareceu, e em vez dela a água subiu para encontrá-lo, ele manteve a sua promessa e morreu ali, abraçado a uma coluna da ponte. Esses quatro não passavam de animais esfolados: cães esmagados, porcos fugindo do abatedor, mendigos com as suas cuias de esmolas. Estavam todos tão preocupados em ganhar reputação que não deram o devido valor à própria vida, esquecendo que precisavam antes de tudo alimentar os próprios corpos se quisessem ter vida longa.

Quem é que o mundo tem como leal? — prosseguiu o bandoleiro. — Não há quem se compare ao príncipe Pi-kan e a Wu Tzu-hsu. Wu foi lançado ao rio e se afogou. Pi-kan teve arrancado o coração. O mundo os chama de "ministros leais", mas na verdade deveriam ser tidos como alvo de riso de Tudo-sob-o-céu. Do maior até Wu-hsu e Pi-kan, não há sequer um que valha uma fieira de conchas. Se você for me contar histórias imaginosas, certamente nada saberei sobre

elas. Mas se for me contar algo sobre os caminhos do homem, e nada além disso, saiba que já ouvi tudo o que há para ouvir. Sei de tudo. Agora eu é que vou lhe contar como os homens agem. Os seus olhos querem ver cores. Os seus ouvidos querem ouvir sons. As suas bocas querem provar sabores. Eles querem se fartar daquilo que o seu ch'i e o seu coração desejam. As pessoas vivem no máximo até 100 anos. Têm esperança de chegar aos 80, ou pelo menos aos 60. Descontando o tempo gasto em doença ou convalescência, em cuidados com os moribundos ou no luto pelos mortos, ou o tempo em que a preocupação com uma coisa ou outra nos consome... descontando tudo isso, o tempo que resta para de fato abrir a boca e gargalhar não passa, num mês, de cinco ou seis dias. O céu e a terra são eternos, mas a humanidade vive uma única temporada. Que tal tomar o instrumento que serve para uma só temporada de trabalho e tentar usá-lo numa tarefa perpétua? Ora, ele se gasta mais rápido que um cavalo a galope visto por um buraco no muro. Se você não consegue o que quer nem esgota os anos que lhe foram aquinhoados, isso não é conhecer o Tao. Rejeito todas as suas palavras, Ch'iu. Agora vá. Volte para o lugar de onde veio. Não diga mais nada. O seu "Tao" é a espuma da loucura, coisa ardilosa, astuta, vazia e artificial. Nada há de verdade nele. Não é nem digno de exame.

Confúcio inclinou-se duas vezes diante dele e saiu apressado. Quando montou no carro, largou as rédeas três vezes. Os olhos cegados, nada podia ver. O rosto cinzento, apoiou-se na barra do carro e abaixou a cabeça, incapaz de acumular a menor quantidade de ch'i.

Passando pela porta leste da muralha de Lu, encontrou Liu-hsia Chi, que comentou:

— Não o vejo faz dias. O seu carro e os seus cavalos estão cobertos do pó da estrada. Acho que o senhor esteve com Chih, acertei?

Confúcio ergueu os olhos para o céu e suspirou:

— Isso mesmo.

— E ele de fato rejeitou as suas idéias, como sugeri que o faria...

— Foi. O senhor poderia até dizer que o velho Ch'iu queimou a moxa medicinal na própria pele sem nem sequer estar doente. Ou que foi loucura sair para afagar a cabeça do tigre e atar uma trança nas suas suíças. Como foi que escapei das suas presas?

Falando de Espadas

[CAPÍTULO 30]

Nos tempos de antanho, o rei Wen de Chão se deleitava com a arte do manejo da espada. Os espadachins se aglomeravam diante dos seus portões, e ele tinha mais de três mil desses como servos. Dia e noite se apresentavam diante dele para esgrimir, e o total de mortos e feridos passava de cem por ano. Mas ele tinha verdadeira adoração pela arte, e dentro de três anos todo o país estava em declínio, e os senhores feudais vizinhos começaram a tramar e maquinar contra ele.

O príncipe herdeiro, Kuei, pressentindo o desastre, convocou o seu séquito e disse:

— Dou mil peças de ouro a quem convencer o rei a interromper essas exibições de espadachins.

— Chuang Tzu pode fazê-lo! — disseram-lhe.

Então o príncipe herdeiro mandou um dos seus homens levar mil peças de ouro para Chuang Tzu. O mestre recusou a oferta, mas assim mesmo acompanhou o homem para uma audiência com o príncipe.

— O que vossa alteza pede que mereça recompensa de mil peças de ouro?

— Ouvi dizer que o senhor é um sábio iluminado, e eu, seu humilde seguidor, humildemente enviei mil peças de ouro para sustentar o seu cortejo. Se o senhor não está disposto a aceitar a oferta, como poderia eu ousar falai- mais do assunto?

— Sei que o príncipe herdeiro quer se utilizar de mim para pôr fim ao deleite do rei, que é também o seu vício. Mas se vossa alteza me mandar falar ao rei, e eu ofendê-lo, terei assim falhado, e este corpo será punido com a morte. Que me valerá o ouro então? Mas se eu falar ao rei e conseguir aquilo que vossa alteza quer, que coisa da terra de Chão pedirei eu que não me seja concedida?

— Pois seja assim. Mas o nosso rei só concede audiência a espadachins.

— Tudo bem. Sei manejar muito bem a espada.

— Ótimo. Mas todos os espadachins que conseguem audiência com o rei têm cabelos como sarças e barbas eriçadas. Usam gorros folgados com tiras grosseiras pendentes, e mantos curtos na parte de trás. Com olhar penetrante, contam casos de guerras, e o rei adora tudo isso. Se for a uma audiência vestido como um desses poltrões confucionistas, certamente irá ofendê-lo.

— Se assim deseja vossa alteza, submeto-me a vestir-me espalhafatosamente.

Três dias depois, quando Chuang Tzu já estava "vestido para matar" como um espadachim, solicitou audiência com o príncipe herdeiro. O herdeiro o acompanhou numa audiência com o rei. O rei desembai-nhou a lâmina branca da sua espada enquanto os esperava. Chuang Tzu entrou sem pressa pela porta do palácio e não se inclinou ao ver o rei.

— O que é que você tem a me mostrar, que até conseguiu que o príncipe herdeiro o apresentasse?

— Ouvi falar que o Grande Rei adora espadas, então trouxe a minha à audiência com o rei.

— E que poderes especiais você tem com a espada?

— A minha espada? Ponha um homem diante de mim e da minha espada, um a cada dez passos, que passearemos no meio deles por mil li sem parar.

O rei ficou impressionado.

— Não há páreo para você em Tudo-sob-o-céu!

— Para manejá-la — disse Chuang Tzu — é preciso primeiro fingir um ataque. Depois abra a guarda do adversário dando-lhe uma vantagem óbvia. Então golpeie e o atinja primeiro. Mas permita-me demonstrar.

O senhor vá descansar nos seus aposentos — disse-lhe o rei. — Aguarde as minhas ordens. Quando o espetáculo estiver armado eu o chamarei.

Durante sete dias o rei determinou combates. Cerca de sessenta espadachins foram mortos ou feridos. Finalmente escolheu cinco ou seis para submeter-se, eles e as suas espadas, ao teste diante da corte. Depois mandou chamar Chuang Tzu:

— Hoje vamos dar a esses cavaleiros uma bela exibição do manejo da espada — sorriu.

— Tenho esperado por isso — respondeu Chuang Tzu.

— Espada longa ou curta, senhor? — indagou o rei.

— Ora, para mim tanto faz — sorriu Chuang Tzu. — De fato, trouxe três que podem agradar a um rei. Se vossa majestade não se importa, vou falar sobre elas antes de submetê-las ao teste. Tenho a Espada do Filho do Céu, a Espada do Senhor Feudal e a espada do homem comum.

— Como é a Espada do Filho do Céu? — quis saber o rei.

— A Espada do Filho do Céu tem como ponta o vale e a grande muralha de pedra do estado de Yen, os reinos de Ch'i e Tai como lâmina, as terras de Chi e Way como as partes forte e fraca da lâmina. Os estados de Chou e Sung são o punho, e Han e Wei são o botão do punho. Está seguramente envolta pelas quatro tribos bárbaras e atada ao fio das Quatro Estações. A bainha é o mar de Po, e o boldrié, a montanha do Coração Tolerante. Os Cinco Elementos lhe dão ordem, e o exemplo do Poder da Virtude lhe dá juízo. O Yin e o Yang sacam a lâmina. A primavera e o verão a agarram. O outono e o inverno a usam. Se você ataca, ninguém fica diante dela; se a levanta para defender-se, nada se eleva além dela; se a abaixa, nada passa por baixo dela; se a joga para o lado, nada a consegue contornar. Acima, fatia as nuvens que passam; abaixo, perfura a terra impassível. Basta usar uma só vez essa espada, e os senhores feudais verão o seu soberano, e Tudo-sob-o-céu se submeterá. Assim é a Espada do Filho do Céu.

O rei Wen parecia confuso, como se tivesse falhado num teste consigo mesmo.

— E a Espada do Senhor Feudal? — perguntou. — Como ela é?

— A Espada do Senhor Feudal tem como ponta cavaleiros sagazes e corajosos, cavaleiros puros e castos como lâmina, cavaleiros dignos e excelentes como partes forte e fraca da lâmina, cavaleiros leais e sábios como punho e guerreiros ousados e valentes como botão do punho. Ataque com essa espada, e nada conseguirá se opor. Levante-a para defender-se, e nada a superará; abaixe-a, e nada poderá passar por baixo dela; jogue-a para o lado, e nada poderá contorná-la. O seu alcance superior contorna os céus, seguindo o curso do sol, da lua e das estrelas. O seu alcance inferior corresponde à terra, seguindo as Quatro Estações. No meio harmoniza-se com o cântico dos corações das pessoas, levando paz a cada vilarejo. Basta usar essa espada uma vez, e diante do tremor do trovão não haverá um que não se submeta a ouvir e acatar as ordens do senhor. Essa é a Espada do Senhor Feudal.

— E a espada do homem comum? — inquiriu o rei Wen.

— As espadas dos homens comuns, homens com cabelos como sarças e barbas eriçadas? De gorros folgados, com tiras grosseiras pendentes, e mantos curtos na parte de trás? Do tipo dos que têm os olhos vidrados e adoram contar histórias de guerra? Essa espada, quando ataca, é também atacada. Quando você a levanta para defender-se, a lâmina inimiga consegue penetrar para decepar a cabeça do pescoço. Abaixe-a, e deixa passar um golpe que perfura o fígado ou o pulmão. Aqueles que lutam com a espada do homem comum não passam de gaios de briga. De manhã cacarejam. Uma palavra do rei, já crocitam. Não valem nada para o seu reino. Ora, um Grande Rei tem porte para tornar-se Filho do Céu, mas vossa majestade está apegado às espadas dos homens comuns. O seu servo ousa sugerir que isso é indigno de vossa majestade.

O rei tomou Chuang Tzu pela mão e o levou ao Salão Superior. O principal mestre-cuca preparou uma refeição, mas o rei ficou andando em volta.

— Ó, Grande Rei — chamou Chuang Tzu —, sente-se um pouco. Acalme o seu ch'i. Acabou o jogo de espadas.

O rei ficou confinado no palácio durante três meses. Os espadachins submeteram-se às suas espadas dentro dos próprios aposentos.

O Velho Pescador

[CAPÍTULO 31]

Confucio foi passear no bosque da Cortina Negra. Chegando ao ou-teiro chamado Altar do Abricó, sentou-se para descansar. Os seus discípulos abriram os livros, enquanto ele dedilhava o alaúde e cantava. Ainda antes da metade da canção apareceu um velho pescador, desceu do barco e se aproximou. A barba e as sobrancelhas já iam branquean-do, o cabelo desgrenhado escorria pelas costas, as mangas largas esvoa-çavam. Subiu ao barranco e parou ao chegar a solo seco. Com a mão esquerda no joelho e a direita apoiando o queixo, pôs-se a ouvir. Terminada a canção, o velho chamou Tzu-kung e Tzu-lu, e os dois discípulos foram falar com ele. Apontando para Confúcio, perguntou:

- O que é que ele faz?
- E um cavalheiro do estado de Lu — respondeu Tzu-lu.
- A que clã pertence?
- E um K'ung — respondeu Tzu-lu.
- Esse sr. K'ung, qual a sua ocupação?
- Tzu-lu ainda não tinha formulado a sua resposta quando Tzu-kung tomou a palavra:
- A natureza do mestre K'ung é submissa ao princípio da lealdade e à defesa da sua palavra.

Ele pratica a benevolência e a justiça, esmera e aperfeiçoa os ritos e a música, e identifica o que é correto nos relacionamentos humanos. Leal ao soberano acima dele, lega meios de transformação para benefício de todos. Essa é a ocupação do mestre K'ung.

- É senhor feudal, dono de terras?
- Não.
- Dignitário de algum rei ou senhor feudal?
- Não — respondeu novamente Tzu-kung.

O visitante riu ao fazer meia-volta para partir, dizendo:

— Benevolência, é? Benevolência. Pois acho que ele não vai sair vivo dessa. Amargurar o coração e a mente e atacar a forma, andar assim com a verdade na borda de um penhasco... hum! Desviou-se já bastante do Tao.

Tendo Tzu-kung relatado o diálogo a Confúcio, o mestre deixou de lado o alaúde, pôs-se de pé de um salto e disse:

- O homem é um sábio!

Confúcio desceu atrás do pescador, alcançando a beirada do pântano quando o velho já pegava a vara para empurrar o barco de volta à água. Olhando para trás e vendo Confúcio, voltou e parou diante dele. Confúcio recuou e, depois de inclinar-se duas vezes perante o velho, deu um passo à frente.

- O que o senhor quer? — perguntou o pescador.

Agora há pouco o ancião fez algumas observações um tanto misteriosas e partiu. Indigno que sou, não lhes compreendi o significado. Humildemente aguardo a brisa fresca da sua atenção. Se o senhor me agraciar com o som da sua voz, posso ainda quem sabe aprender algo.

— Puxa! Como é profundo o seu apego ao aprendizado! Confúcio inclinou-se novamente duas vezes e, erguendo-se, disse:

— Da minha juventude até hoje venho cultivando o aprendizado: e lá se vão 69 anos. Mas ainda não ouvi o ensinamento que chega lá. Não devo ouvir senão com a mente e o coração

abertos?

— Aves da mesma espécie voam no mesmo bando, e todas cantam o mesmo canto. É um princípio da natureza — falou o velho pescador. — Então, se me permite, vou deixar de lado os meus interesses e abordar os seus. O senhor se interessa pelos afazeres das pessoas: o Filho do Céu, senhores feudais, dignitários do estado e gente comum. Quando esses quatro se mantêm aprumados, eis um bom governo. Se os quatro abandonam a sua correta posição, nada poderia gerar maior desordem. Quando os funcionários se aplicam às suas incumbências e o povo comum cuida dos negócios, nada pode ficar fora de ordem.

Campos cobertos de ervas daninhas e telhados com goteiras; falta de roupas ou alimento; nada à parte na época da tributação; esposas e concubinas em desarmonia; velhos e jovens em falta de sintonia: esses são os pesares da gente comum.

Competência insuficiente para cuidar das próprias responsabilidades; negócios oficiais ingovernáveis; conduta que não é clara nem limpa; multidões de subordinados descuidados e bárbaros; não alcançar mérito nem louvor, nem ser recompensado com posição e dinheiro: eis os pesares dos dignitários do estado.

Cortes sem ministros leais; grandes famílias do reino em sombria desordem; artesãos sem técnica apreciável produzindo objetos pouco atraentes ou inadequados como tributo ao Soberano; ser rebaixado hierarquicamente nos recrutamentos da primavera e do outono, ou não conquistar o favor do Filho do Céu: eis os pesares do senhor feudal.

O yin e o yang em desarmonia; frio e calor fora de época, prejudicando inúmeras coisas; senhores feudais violentos e desordeiros, atacando com presunção uns aos outros e consequentemente esmagando pessoas; musicas e ritos inadequadamente executados; ficar constantemente sem fundos; relacionamentos humanos em desordem, e a gente comum se comportando indecentemente: eis os pesares do Filho do Céu.

Ora, o senhor não é príncipe nem marquês nem administrador — continuou o velho pescador —, não é nem sequer um ministro importante com deveres administrativos. Ainda assim, quer "esmerar e aperfeiçoar os ritos e a música" e "identificar o que é correto nos relacionamentos humanos". Não estamos diante então de uma ordem bastante extravagante das coisas?

A humanidade é afligida por oito máculas, e na gerência dos negócios são quatro as calamidades. Essas demandam exame detido. Quando alguém faz alguma coisa que não é da sua conta, isso se chama excesso. Aventar assuntos que ninguém mencionou se chama insinuação ardilosa. Permitir que idéias alheias mudem o seu discurso é sabujice. Falar sem distinguir o certo do errado é adulação idiota. Gostar demais de falar sobre as fraquezas morais dos outros é maledicência. Destruir amizades e erguer obstáculos entre parentes é ser pior que um ladrão. Louvar ou censurar falsamente por qualquer propósito é vergonhosa impiedade. Tentar olhar para dois lados ao mesmo tempo e usar os desejos dos outros contra eles, sem considerar o que é certo ou errado, é traição. No mundo exterior, essas oito aflições disseminam o caos entre as pessoas; no íntimo de cada um, abrem profundas feridas. Cavalheiro nenhum buscará a amizade de alguém que chafurde nelas, nem senhor nenhum dará emprego a homem dessa laia.

Quanto às quatro calamidades — prosseguiu o velho pescador —, ter por hábito empreender grandes projetos e mudar modos simples e constantes para acumular a poeira do mérito e da fama: isso se chama ambição; monopolizar o conhecimento e insistir em fazer as coisas do próprio jeito, apropriando-se ilegalmente das coisas dos outros em benefício próprio, é avareza; enxergar os próprios excessos e recusar-se a mudar, ou ouvir a censura e piorar ainda mais, é cega obstinação; elogiar os que concordam com você e recusar-se a ver algum bem nos que divergem de você, mesmo quando há, é jactancioso egoísmo. Essas são as quatro calamidades. Se você conseguir se afastar das oito aflições e ficar longe das quatro calamidades, pode tornar-se digno de ser ensinado.

Confúcio parecia humilhado. Suspirou e, depois de inclinar-se duas vezes, disse:

— Já fui expulso duas vezes de Lu. Tive de apagar as minhas pegadas quando deixei Wei. Em Sung, derrubaram uma árvore em cima de mim. Fui cercado na fronteira entre Ch'en e Ts'ai. Não sei

por que não acertei. O que será que provocou esses quatro mal-entendidos?

O pescador tornou com frieza:

— É extremamente... como é difícil fazer você olhar dentro de si mesmo! Certo homem temia a própria sombra e odiava as suas pegadas, tentando escapar delas. Quanto mais erguia os pés, mais rastos deixava. Por mais que corresse, a sombra permanecia com ele. Pensando que ainda ia devagar demais, correu como uma flecha até esgotar todas as forças, e morreu. Não percebeu que se sentar à sombra de uma árvore eliminaria a sua sombra, e que viver no sossego apagaria os seus rastos. Estúpido. Extremamente estúpido.

Ora, o senhor... o senhor examina a benevolência e a justiça. Busca as fronteiras entre o igual e o diferente. Examina os ciclos da imobilidade e do movimento. Estabelece regras para o dar e o receber. Cria princípios com base no amor e no ódio, e harmoniza os motivos de felicidade e irritação. E no entanto esses mecanismos seus não conseguiram salvá-lo. Pois basta cuidar de si mesmo. Basta apegar-se à verdade do seu coração e devolver as coisas aos outros: então nada poderá prendê-lo. O senhor não está cuidando de si mesmo, mas tenta ainda assim forçar os outros a fazê-lo. Isso não é superficial?

Novamente Confúcio pareceu humilhado.

— O que o senhor quer dizer — perguntou — quando fala da "verdade do seu coração"?

— A verdade? Viver na pureza e na sinceridade. Quem não é puro nem sincero não pode motivar as pessoas. Lágrimas e lamentos fingidos podem até parecer pesarosos, mas não são luto verdadeiro. A raiva fingida pode fazê-lo severo, mas não gera temor. Afeto fingido lhe rende sorrisos, mas não harmonia. O verdadeiro pesar guarda o luto sem som nenhum. A verdadeira raiva às vezes é temível antes mesmo de vir à tona. O verdadeiro afeto traz a harmonia antes do sorriso. Quando a verdade está no íntimo, o espírito pode vagar lá fora. E o nobre valor da verdade.

Isso é útil no lidar com as pessoas: no servir aos entes queridos, é bondade e devoção; no servir ao soberano, é lealdade e franqueza; numa festa regada a boas bebidas, é alegre diversão; num velório, é pesaroso luto. O propósito da lealdade e da franqueza é o serviço meri-tório. O propósito da festa é a diversão. O propósito dos velórios é a expressão do pesar. O propósito do servir aos entes queridos é o consolo desses. O melhor plano para alcançar todas essas realizações meritórias não implica seguir as pegadas de um só homem. Ao consolar os entes queridos, não há necessidade de teorizar sobre os meios; o alegre beber não exige palavrório sobre as taças; para expressar pesaroso luto não há necessidade de aperfeiçoar o ritual adequado. Os rituais são criados pelos nossos contemporâneos. A verdade é do céu. E exatamente como é, e você não tem como mudá-la. Assim o sábio segue o céu tão seguramente quanto a água flui morro abaixo, e encontra valor somente na verdade. Não se deixa enredar no apego ao costume.

Os estúpidos lutam contra isso — continuou. — Não conseguem seguir o céu. Com os corações transbordantes de "humanidade", não conhecem o valor da verdade e assim adotam cada mudança do costume, sem jamais se fartar. É muito triste que o senhor tenha caído tão jovem no lamaçal da ilusão humana, e só tenha ouvido falai- do grande Tao já tão tarde.

Confúcio novamente inclinou-se duas vezes diante do velho e, er-guendo-se, disse:

— Mas agora que o conheci, é para mim uma bênção do céu. Ah, ancião, se o senhor não considera desonroso permitir que eu me faça seu discípulo, concedendo ensinar-me... tomo a liberdade de perguntar onde o senhor mora e rogo permissão para assumir a grande tarefa de aprender, afinal, o Grande Tao.

— Certo ditado diz o seguinte — retrucou o velho pescador —: "Se você pode acompanhar alguém, faça-o... até o próprio mistério do Tao."

Se não pode, se ele não sabe o caminho, tome o cuidado de não acompanhá-lo, e assim permanecerá sem mácula." Pondere nisso. Preciso deixá-lo agora. Preciso ir embora.

Fincando a vara no barranco, empurrou o barco para a água, deslizando entre juncos verdes.

Yen Hui trouxera o carro até ali e Tzu-lu ofereceu a Confúcio a alça para subir. Mas o mestre nem sequer olhou para eles. Ficou ali esperando até sumirem as ondas na esteira do barco, até

esmaecer o som da vara na água. Só então ousou subir no carro.

Disse Tzu-lu, sentado ao lado dele:

— Já sou discípulo seu faz muito tempo, sem dúvida, mas até hoje nunca tinha visto o mestre tratar um encontro accidental com tamanha reverência. Mestres de dez mil carros, senhores de mil, quando lhe concedem audiência, sempre o colocam no mesmo nível deles e o tratam com o ritual devido a um igual, enquanto o senhor permanece altivo e alheio. Agora aparece um velho pescador que se apoia na sua vara diante do senhor, e o senhor se dobra na forma de um fonólito,* inclinando-se e arrastando os pés toda vez que vai falar com ele. Não é exagero? Todos os seus discípulos acham esquisito. O que fez o velho pescador para merecer isso?

Confúcio inclinou-se à frente, apoiando-se na barra do carro, suspirou e disse:

— Difícil. E muito difícil mudar você, Tzu-lu. Nem toda essa imersão em rituais e justiça conseguiu despachar o seu coração servil, pequeno. Olhe para mim. Encontrar um ancião e não demonstrar respeito é falhar no ritual. Ver um homem digno e não honrá-lo é falta de benevolência. Se aquele homem não havia chegado lá, não conseguiria fazer ninguém se inclinar e arrastar os pés. E se as pessoas que se inclinam não o fazem com a sua própria essência, não podem alcançar a verdade, e estarão eternamente se ferindo. Ai de mim! não existe nada pior do que falta de benevolência para com os outros, e você Tzu-lu, meu discípulo, escolheu isso para si.

Ora, todas as dez mil coisas são seguidoras do Tao. Todas as coisas que o alcançam vivem; todas as coisas que o perdem morrem. Afastar-se dele no seu trabalho é ser derrotado; segui-lo é perfeição. Portanto: onde o Tao está, o sábio o reverencia. Esse pescador e o Tao... podemos dizer que ele o possui. Como é que eu poderia deixar de lhe render respeito?

* O termo usado aqui para denotar um pedaço de rocha entalhado que dá determinado tom musical. (N.T.)

Glossário

Este glossário dá informações sobre nomes, de pessoas e lugares, mencionados nesta tradução de Chuang Tzu. Esperamos que ajude os leitores a fazer a distinção entre pessoas e lugares realmente históricos, pessoas e lugares míticos e criações ad hoc desse autor extremamente inventivo. Quaisquer nomes não encontrados aqui podem ser considerados, com toda a certeza, como de personagens puramente ficcionais ou de personagens históricos de menor importância, usados pelo autor para dar uma patina de historicidade às suas empreitadas ficcionais.

Além dos nomes, apresentamos definições e explicações de alguns termos importantes e temas recorrentes, além de comentários ocasionais sobre jogos de palavras, sejam trocadilhos evidentes ou jogos gráficos possibilitados pela natureza dos ideogramas chineses. A menos que sejam mencionados mais de uma vez na obra, não identificamos personagens cuja única função é obviamente retórica.

AS DEZ MIL COISAS Os tradutores geralmente entendem esse termo como "todos os fenômenos". Nós nos inclinamos a crer que ele se limita a todas as coisas vivas, mas não temos plena certeza do que Chuang Tzu considerava uma coisa não-viva.

CH'ANG CHI O homem histórico por trás desse nome foi identificado como um discípulo mais ou menos indistinguível do histórico K'ung Ch'iu, conhecido no Ocidente como Confucio. Na leitura de Chuang Tzu, porém, é essencial lembrar que as caracterizações pessoais de personagens como Ch'ang Chi são antes de tudo construções ficcionais de Chuang Tzu.

CH'ANG HUNG Alto funcionário no reinado de um dos reis da dinastia Chou (até a dinastia Ch'in [221-206 a.C], terrena, em contraste com soberanos míticos ou sobrenaturais, eram mencionados como reis e não como imperadores). O contexto indica claramente a sua função no texto.

CHAO WEN Mestre lendário e quem sabe também histórico do instrumento geralmente traduzido como alaúde (às vezes como citara). E provável que o alaúde do tempo de Chuang Tzu fosse razoavelmente semelhante ao moderno

CH'IN, instrumento bem parecido com o coto japonês. Algumas músicas executadas no ch'in e inúmeras outras no coto são facilmente encontradas em discos, fitas ou CDs, para quem quiser ter uma vaga idéia daquilo que Chuang Tzu imaginava, ou lembrava, ao fazer essa referência.

CH'EN e Ts'ai Pequenos estados feudais do período da Primavera e do Outono da dinastia Chou. São famosos especialmente por terem rejeitado Confúcio que, na época, era um visitante politicamente perigoso.

CH'I Forte estado do norte da China no período da Primavera e do Outono. Já tinha praticamente ruído no tempo de Chuang Tzu.

CH'I-CHI e HUA-LIU Esses cavalos, aos quais se atribuía a façanha de correr mil li (aproximadamente meio quilômetro) num só dia, certamente se habilitam ao status mítico, não só lendário.

CHI CHU Mítico herói civilizador, não no mesmo nível de Fu Hsi, cujos feitos são registrados adiante neste glossário.

CHIEH Também chamado Chieh Kuei, ele é talvez o último soberano histórico da primeira dinastia chinesa, a Hsia, que — embora há muito considerada lendária no Ocidente — vem ultimamente ganhando defensores como estágio identificável, se não "dinastia", do desenvolvimento histórico da China. É o primeiro dos "últimos maus" soberanos, necessários na tradicional historiografia chinesa pela posição ideológica que afirma ter a legitimidade (o "Mandato do Céu") um fundamento moral. Se foi deposto pelo fundador da dinastia Shang (reconhecida como "primeira dinastia histórica"), necessariamente foi mau. Retratado como modelo de arrogância, brutalidade e luxúria, só foi porém exilado pelo fundador da dinastia Shang. Kuan Lung-feng, mencionado como vítima de assassinato de Chieh, protestou quando o abominável comportamento desse (quente sexualidade yang) fez dois importantes rios secar de vergonha.

CHOU Existem vários. Em chinês, como os seus nomes são escritos com caracteres diferentes na maioria dos casos, é menos confuso do que em inglês. O Chou mencionado ao lado de Chieh de Hsia é Chou Hsin, o "último mau" soberano da dinastia Shang. A má conduta sexual, especificamente a atenção desmedida a uma concubina, era, como no caso de Chieh, fator de destaque na sua infâmia. A pedido da sua favorita, T'a Chi, ele teria construído uma área de lazer repleta de tanques de vinho, com pessoas nuas penduradas nas árvores. Quando o rei Wu, fundador da dinastia Chou (usa-se um ideograma diferente para esse Chou), o depôs, mandou atear fogo ao palácio de Chou, com ele lá dentro. O excesso de yang, favorecido e incitado pelo excesso de yin, na pessoa da concubina, gera a imoralidade que causa a derrocada do reino. O ideograma chinês chou usado como nome da dinastia (mencionada imediatamente acima), na qual Chuang Tzu escreveu e viveu, é, talvez não por mera coincidência, também o ideograma usado no nome pessoal de Chuang Tzu.

CHUANG CHOU Também chamado Chuang Tzu, ou mestre Chuang, foi o suposto autor do livro intitulado Chuang Tzu. Acredita-se hoje que ele tenha vivido na última metade do século IV a.C. O ideograma que representa a sílaba Chuang retrata um homem forte oculto debaixo de algumas folhas. Sem as folhas, o restante do ideograma significa forte, robusto, maduro, na flor dos anos. Em chinês moderno, e muito provavelmente já há muito tempo, os três estágios da vida humana são chamados ch'ing nian (os verdes anos), chuang nian (a flor dos anos) e lao nian (a velhice). Os leitores deste livro sem dúvida reconhecerão o lao de lao nian no lao do nome Lao Tzu, autor do outro importante clássico taoísta, o Tao Te Ching. Se é que os vários Chuang Tzus apresentados aqui partilham alguma coisa — do Chuang Tzu "real", o espirituoso autor dos "Capítulos Interiores" (1-7), ao ficcional Chuang Tzu espadachim do capítulo 30 —, é precisamente o vigor de um ser humano na flor dos anos, assim como as palavras de Lao Tzu refletem nitidamente a sabedoria da idade. O nome pessoal de Chuang Tzu, Chou, é também o nome da dinastia em que viveu. Chuang Tzu é certamente representativo da flor dos anos da cultura de Chou, quer o jogo de palavras funcione quer não.* Eram comuns os pseudônimos entre os autores chineses, e se Chuang Tzu era um pseudônimo intencional, ajudaria a explicar a falta de informações históricas reais sobre o autor. A propósito, embora Lao Tzu seja mencionado no Chuang Tzu, e vários trechos que aparecem no Tao Te Ching também apareçam aqui, alguns estudiosos acham provável que o Chuang Tzu de fato já existia como texto completo antes do Tao Te Ching.

* O trocadilho só aparece nos ideogramas chineses: se Chuang Tzu resolveu chamar-se Chou, então talvez esteja jogando com o fato de que o seu nome pessoal (que também pode ser um pseudônimo) ostenta a forma do ideograma que significa "robusto" ou "no auge da força" oculta por debaixo da ramagem. (N.T.)

CH'UI Às vezes citado como artesão Ch'ui, é o mítico inventor do compasso e do esquadro do carpinteiro, que simbolizam o dano causado à natureza mesmo pelos avanços tecnológicos mais fundamentais.

CONFÚCIO Natural do estado de Lu, o mestre K'ung, K'ung Ch'iu (551-479 a.C), foi um dos grandes mestres da humanidade. A sua importância é confirmada pelo fato de Chuang Tzu fazer dele o alvo central de muitos dos seus gracejos mais espirituosos. É importante notar que Chuang Tzu apresenta quase sempre uma versão satírica de Confúcio, e o mais das vezes totalmente fictícia. Na história do bandoleiro Chih, esse se refere ao mestre pelo seu nome pessoal, Ch'iu, algo que seria impensável mesmo no próprio tempo de Confúcio, e algo quase, se não bastante, sacrílego no tempo em que o capítulo do bandoleiro Chih foi escrito. Por outro lado, deve-se notar que o Confúcio dos "Capítulos Interiores" (os primeiros sete) é tratado com bastante gentileza, e mesmo nos capítulos posteriores ganha algumas linhas favoráveis. Os seus seguidores, porém, são invariavelmente tratados com dureza.

CÓRREGO DO ESCRAVO São diversos os córregos com esse nome nas Chinas atual e histórica, mas muito provavelmente o nome foi escolhido pelo autor pela sua sugestividade temática. (Ver Rio do Guerreiro.)

DEUS DO MAR DO NORTE O mar do Norte é o mar Amarelo, a nordeste da China, no qual deságua o rio Amarelo. No original chinês há um trocadilho no qual o nome do deus é repetido como elemento da frase seguinte, gracejando com o esnobismo dos relativamente iluminados. Chuang Tzu parece partilhar da infame disposição shakespeariana de arriscar o mundo por um bom trocadilho.

DUQUE HUAN Governante do estado feudal de Ch'i (entre 685 e 643 a.C), foi o primeiro dos cinco "soberanos" que dominaram a China, sem formalmente derrubar a dinastia Chou, durante a era conhecida como período da Primavera e do Outono (722-481 a.C). Kuan Chung era o seu primeiro-ministro.

DUQUE WEI Talvez seja o filho histórico do duque Huan.

FU HSI Primeiro dos cinco governantes míticos, herói civilizador, inventou — entre muitas outras coisas — a caça, a pesca, o pastoreio, os instrumentos musicais e os oito trigramas originais a partir dos quais se compôs posteriormente o / Ching, ou Clássico das Mutações.

HANTAN Capital do estado feudal de Chão; o seu povo tinha como característica um andar afetado.

HAO Pequeno estado no centro-leste da China.

CORAÇÃO E MENTE O ideograma que traduzimos como "coração e mente" é hsin, que em formas primitivas é o reconhecível desenho de um coração humano. A compreensão do significado da palavra é complicada pelo fato de que, em alguns períodos da primitiva história chinesa, supunha-se que o coração era a sede da atividade mental. As pessoas de cultura européia geralmente consideram a mente como sede da atividade intelectual, situando-a no cérebro. Cremos que Chuang Tzu concebe que a atividade mental abrange, apropriadamente, tanto a razão quanto a emoção, a lógica como a intuição. A palavra hsin, "coração", é também freqüentemente interpretada pelos filósofos chineses como estenograma de hsing, "natureza". Chuang Tzu parece acreditar que faz parte da nossa natureza apreender a realidade simultaneamente com o coração e com a mente.

HSI SHIH Mulher de beleza lendária.

HUAN TOU Ministro do lendário primeiro imperador sábio, Yao, ele aparece várias vezes no confucionista Shu Ching, o "Clássico da História". Foi exilado durante o período em que o segundo imperador sábio, Shun, governou ao lado de Yao.

HUI TZU HUI SHIH, ou mestre Hui, foi personagem histórico e contemporâneo do Chuang Tzu histórico. Foi a figura mais importante da escola dos lógicos ou sofistas. O tratamento sarcástico dispensado por Chuang Tzu a Hui Tzu, retratado como homem enredado na teia das palavras, é matizado pelo reconhecimento do seu intelecto e da sua perspicácia. Uma verdadeira amizade humana, e não mera competição intelectual, parece estar na base da descrição de Chuang Tzu.

IMPERADOR AMARELO Huang Ti, o imperador Amarelo, mítico fundador da organização política chinesa, foi um demiurgo a quem se atribuem muitas invenções essenciais à vida civilizada. As duas escolas do taoísmo posteriores a Chuang Tzu são chamadas Huang-Lao (a escola do imperador Amarelo e de Lao Tzu) e Lao-Chuang (a escola de Lao Tzu e de Chuang Tzu). A primeira escola foi a base das religiões mágicas populares, e a segunda, o fundamento da nata do pensamento filosófico. A atitude dos autores do Chuang Tzu em relação ao mítico imperador Amarelo é de inesistente zombaria, como seria de esperar diante das circunstâncias. Chuang Tzu se mantém alheio a coisas tão triviais como o simplesmente sobrenatural.

JAN CH'IU Também conhecido como Tzu Yu, era discípulo de Confúcio. No Livro de Mêncio, Confúcio é citado amaldiçoando Jan Ch'iu pelo tratamento duro que esse dispensou ao povo enquanto atuou como comandante de uma grande família. O personagem apresentado aqui por Chuang Tzu parece rígido e quem sabe até insincero. Considerando a carreira posterior de Jan Ch'iu, talvez Chuang Tzu esteja também satirizando o estile um tanto gnômico de ensino de Confúcio.

KUAN CHUNG Ver duque Huan. O pensamento de Kuan Chung estava associado ao desenvolvimento do Legalismo, escola de filosofia política totalitária que alcançou o apogeu só depois da morte de Chuang Tzu. Chuang Tzu teria abominado o conceito de governo dos legalistas, e o fato de retratar um Kuan Chung lugubriamente estúpido é provavelmente boa indicação dos seus pressentimentos em relação à filosofia de Kuan. O Confúcio histórico admirava Kuan Chung, mas Mêncio, o grande confucionista aproximadamente contemporâneo de Chuang Tzu, também o desprezava. É considerado o primeiro economista da China.

KUAN LUNG-FENG Virtuoso ministro de Chieh, o "último mau" governante da dinastia Hsia.

KUAN YEM (guarda da fronteira) é a ele que se atribui o feito de ter convencido Lao Tzu a escrever o Tao Te Ching (para poder seguir pela passagem). Essa lenda original ajuda a remediar o ridículo espetáculo do homem que disse "Quem sabe não fala" mas acabou escrevendo um livro sobre o Caminho.

K'UANG Mestre da música, já era lendário no tempo de Chuang Tzu.

K'UN-LUN Cadeia montanhosa e pico míticos no oeste da China, onde se acreditava habitar a deusa chamada Rainha-mãe do Ocidente. Identificados com o Himalaia.

LAO TZU Também conhecido no Chuang Tzu como Lao Tan e Lao Lai-tzu, foi o lendário autor

do Tao Te Ching. Citações de Lao Tzu que também ocorrem no Tao Te Ching se encontram nos capítulos 3, 5, 7, 11, 22 e 26.

LIANG Situado no curso médio do rio Amarelo, na planície do norte da China.

LIE TZU Terceiro dos taoístas famosos, depois de Lao Tzu e Chuang Tzu, o mestre Lie é retratado aqui de vários ângulos. Cavalga o vento, mas, como sugere Chuang Tzu, parece ter dificuldade para ir além desse tipo de mágica. Em poucas anedotas é, talvez, um sábio. Em algumas é, quem sabe, um néscio. Vários trocadilhos ao longo do livro que tratam dos perigos do discipulado culminam na história de Lie Tzu e o seu mestre Jarra-de-vinho, quando o mestre sugere que Lie Tzu siga o xamã/fisiognomonista que acabara de fugir. O livro epônimo atribuído a ele é uma compilação tardia, contendo, entre outras coisas, a maior parte das histórias de Chuang Tzu sobre Lie Tzu.

LU Situado no sudoeste da península de Shandong, esse estado feudal diminuto e culturalmente conservador foi a terra natal de Confúcio. Criado ali, onde descobriu e assumiu a sua vocação de professor e também serviu no governo (e foi exilado) pelo menos duas vezes.

MAO CH'IANG Como observa o texto, era uma beldade lendária. Na maior parte dos casos em que o texto define a função do nome, não o incluímos no glossário. Aqui lhe dedicamos destaque igual ao da sua rival, Hsi Shih.

MESTRE JARRA-DE-VINHO O mestre de Lie Tzu é uma criação ficcional de Chuang Tzu. O nome já foi traduzido como mestre Jarra, ou simplesmente transliterado como Hu Tzu, mas parece claro que Chuang Tzu quer retratar Lie Tzu como discípulo de um Jarra-de-vinho. O trecho começa com o inebriante entusiasmo de Lie Tzu diante dos poderes do xamã fisiognomonista; a palavra que exprime "bebedeira" é usada somente mais uma vez em todo o livro (talvez significativamente, no trecho em que Kuan Yin compara o alcoolismo à verdadeira iluminação). A palavra hu, que significa explicitamente "jarra de vinho", é encontrada na poesia de T'ao Ch'ien e de Li Po, e os dois famosos poetas eram ambos beberrões e taoístas. O elo potencialmente irônico entre a embriaguez química e espiritual, bebedeira e iluminação, não se desperdiçou mais em Chuang Tzu que nesses poetas.

MIN TZU MIN TZU-CH'IEN foi discípulo de Confúcio. Segundo Mêncio, rivalizava com Yen Hui, o favorito de Confúcio, como exemplo de conduta virtuosa.

MO TZU MO TI foi o fundador histórico (século IV a.C.) de uma religião baseada no amor universal, na parcimônia do ritual e na crença na vida futura. Os seus seguidores são chamados moístas. Ver Yang Chu.

NÃO-AÇÃO Não não agir, mas agir sem afã. A capacidade de realizar pela não-ação é da natureza do sábio. Para o taoísta, isso se alcança pela meditação, pelo "sentar-se esquecendo", que, possibilitando ao sábio libertar-se das palavras, o eleva à identidade com o Tao. A não-ação, assim, é a ação perfeita, agir sem esforço nem interesse, sem princípio nem fim, ao modo do próprio Tao. Vem naturalmente a todos os seres, mas precisa ser desaprendida, pelo esquecimento, por aqueles que esqueceram como não agir. E fazer o melhor que se pode num sentido paradoxal: o que está além dos fatos e do destino, isso não se pode fazer; qualquer outra coisa que se possa fazer sem exageros é o melhor, mesmo que não seja muito bom.

P'ENG Um dos píncaros da engenhosidade criativa de Chuang Tzu. O ideograma chinês

moderno consiste num elemento fonético, que dá a pronúncia, e num elemento semântico, que significa "pássaro", sendo que a interpretação convencional afirma que esse segundo elemento é o pássaro (significado) cujo nome se pronuncia p'eng, como o elemento fonético. Mas o próprio elemento fonético era originalmente usado para representar o nome do pássaro, e o ideograma formado isoladamente pelo elemento fonético é claramente o desenho de um pássaro bem grande na escrita primitiva. O seu significado alternativo e hoje dominante é também "amigo", "companheiro" ou "par". Chuang Tzu é "da mesma espécie" desse pássaro.

PENG TZU Há considerável discordância sobre a idade dessa celebrada versão chinesa de Matusalém.

PI KAN Figura histórica, Pi Kan aparece diversas vezes no Livro dos Documentos. Era leal ministro de Chou Hsin (também conhecido como Shou), o "último mau" rei da dinastia Shang. Chuang Tzu estabelece aqui o padrão da tradicional visão histórica de mundo chinesa, achando ao mesmo tempo nobreza e estupidez numa lealdade fatal.

PO LO Cavaleiro lendário, avaliador de eqüinos e treinador de corcéis excepcionais. Numa cultura em que a guerra supervalorizava cavalos e cavaleiros, o fato de Chuang Tzu ter escolhido Po Lo como emblema da brutalidade da tecnologia deve ter sido especialmente significativo.

Po YI PO YI e Shu Ch'i eram irmãos. Modelos de lealdade, depois de abrir mão do direito ao trono do pai no principado de Ku-chu, recusaram-se a transferir a sua lealdade feudal aos Chou depois que esse estado derrubou os Shang, e morreram de fome na encosta do monte Shouyang.

O PODER DA VIRTUDE Essa é a nossa tradução do termo chinês te, geralmente vertido como poder ou como virtude. É o poder que se encontra quando o sábio se identifica com o Tao, e assim é capaz de praticar a não-ação com perfeito resultado. É conduta virtuosa num sentido místico, e não convencional. É poder último, mas como a própria não-ação, condicionado pelos fatos e pelo destino. O poder último de uma queda-d'água é diferente do poder último de um ser humano, mesmo se ambos são plenamente realizados.

REI WEN O Rei Culto, às vezes chamado simplesmente Wen, foi soberano de Chou antes de esse estado suplantar a dinastia Shang. Segundo a mitologia confucionista, foi a sua civilidade (wen) que lhe rendeu o Mandato do Céu para a sua casa. O rei de Wen do capítulo 30, o adorador de espadas, era um reizete do período dos Estados Combatentes (480-222 a.C.).

REI WU O Rei Marcial, era o filho mais velho do rei Wen de Chou. Conquistou Shang e estabeleceu a dinastia Chou pela força das armas. O jogo entre wen e wu, as virtudes civil e militar, é tema importante da mitologia chinesa. shen-t'u Ti Criação ad hoc, aparentemente. Não sabemos ao certo a finalidade dos abraços a árvores e colunas no capítulo 29.

RIO DO GUERREIRO Nem os antigos comentários nem as modernas obras geográficas dão qualquer indicação de que esse nome corresponda a algum lugar real. Como no caso do córrego do Escravo (também no capítulo 17, "As Enchentes de Outono"), o nome parece ter sido pinçado pelo resultado sugestivo. Enfatiza o conflito filosófico entre Chuang Tzu e o seu amigo Hui Tzu, e possibilita que Chuang Tzu coroe os seus absurdos jogos lingüísticos com um trocadilho à custa do combativo sofista.

SHEN-TU TI Criação ad hoc, aparentemente. Não sabemos ao certo a finalidade dos abraços a árvores e colunas no capítulo 29.

SHIH SHIH YU, modelo histórico de justiça confuciana, é comparado a Tseng Shen (Tseng Tzu) para personificar as mais rígidas das virtudes confucionas.

SHOUYANG Também conhecido como montanha Cúmulo de Trovoada, situa-se a leste da grande curva ao norte do rio Amarelo, no coração de Shang e do antigo território de Chou.

SHUN Segundo dos três imperadores sábios. Yao escolheu Shun como co-regente e sucessor com base na sua piedade filial. Existem vários e maravilhosos contos míticos sobre as provações que ele suportou na juventude.

SUNG Pequeno estado no centro da China da dinastia Chou, na margem sul do curso médio do rio Amarelo. O rio Amarelo mudou o seu leito várias vezes ao longo da história documentada, provocando grandes catástrofes e de-saguando no mar ao norte ou ao sul da península de Shandong. Um dos principais cursos meridionais alternativos rumo ao mar passava pelo centro de Sung. Sung foi também a terra natal do filósofo Mo Tzu. Por alguma razão (propaganda antimoísta?), o seu povo muitas vezes dá a impressão de ter sido alvo de piadas por conta da sua idiotice.

TAO O Caminho. Diz Lao Tzu, na tradução de Ursula Le Guin:

O caminho que se pode trilhar
não é o verdadeiro caminho.
O nome que se pode falar
não é o verdadeiro nome.*

Uma importante característica identificadora do Caminho é o fato de as palavras o falsearem. Chuang Tzu evita o termo sempre que possível, por essa óbvia razão. O autor do capítulo 31 do Chuang Tzu, por meio da persona do (olo Confúcio, ao falar do velho pescador, nos dá uma definição prática:

Ora, todas as dez mil coisas são seguidoras do Tao. Todas as coisas que o alcançam vivem; todas as coisas que o perdem morrem. Afastar-se dele no seu trabalho é ser derrotado; segui-lo é perfeição.

TIEN CH'ENG-TZU Personagem histórico. O texto do Chuang Tzu está corrompido aqui no tocante à época da usurpação de T'ien Ch'eng-tzu, mas o homem existe em outros textos históricos do período.

TIGRE YANG Nome genérico de bandido. O sobrenome é o Yang do yin-yang, indicando a sua natureza feroz, que, levada ao extremo, o faz Tigre. Os trechos em que ele aparece estão entre os anticlímax irônicos mais engraçados da literatura mundial. A piada é sobre Confúcio, como é geralmente o caso no Chuang Tzu, pelo menos fora dos "Capítulos Interiores".

TEENG TZU TSENG SHEN, ou mestre Tseng, foi um dos principais discípulos de Confúcio. Modelo de piedade filial, é às vezes responsabilizado pelo enfatismo dessa virtude nas ortodoxias confucionistas da dinastia Han em diante. E comparado a Shih Yu para personificar as mais rígidas das virtudes confucionas.

TZU-CHANG Historicamente, discípulo de Confúcio. Mas repare que, como o próprio Confúcio, nestas páginas todos os discípulos estão sujeitos aos jocosos caprichos do autor.

* Lao Tzu, *Tao Te Ching: A Book About the Way and the Power of the Way* (Boston: Sliimbala Publications, 1997).

TZU-HSU Leal e sagaz ministro que auxiliou vários reis do estado sulista de Wu na sua contínua luta contra o vizinho estado de Yueh.

TZU-KUNG Outro discípulo de Confúcio, também chamado Tuan-mu Ssu, era especialmente famoso pela sua eloqüência.

TZU-LU Discípulo e ajudante-de-ordem de Confúcio. Nos Analectos, existe um elo bem claro de afeto entre esses dois homens tão diferentes. Os autores do Chuang Tzu exploram o conhecimento desse elo por parte do leitor.

TZU SANG Criação ai hoc; o nome significa "sr. Amora".

TZU YU Criação ad hoc; o nome significa "sr. Carro".

WEI, WEY, WAY Estados feudais cujos nomes são escritos com caracteres completamente diferentes, mas que são transliterados uniformemente (tradicionalmente como Wei).

WU Território semibárbaro na região que, no tempo de Chuang Tzu, era o extremo sudeste da China. Na ampliada área geográfica da China moderna, o mesmo território fica no centro-leste do país. Vivia proverbialmente em guerra contra o estado vizinho de Yueh.

YANG CHU Considera-se que o pensamento de Yang Chu, personagem histórico (século IV a.C), prefigurou o taoísmo em si. Parece ter advogado um egoísmo moderado, mas não era hedonista. A sua filosofia relativamente egocêntrica faz belo par com o idealismo altruísta de Mo Tzu.

YAO Primeiro dos três imperadores sábios, que precedeu a fundação da lendária dinastia Hsia, Yao ignorou o próprio filho, deu duas das suas filhas em casamento a Shun e lhe legou o trono. A base das atitudes dos chineses em relação à soberania legítima se encontram nos mitos que tratam de Yao, Shun e Yu o Grande. Mitos historicizados sobre o trio Wen, Wu e Chou Kung, fundadores da dinastia Chou, ajudam a explicar essas questões. Confúcio idealiza os dois trios. Chuang Tzu os traz de volta à terra.

YEN HUI Também chamado Yen Yuan, era o discípulo favorito de Confúcio. Brilhante e aluno excepcionalmente sensível e esforçado, morreu jovem.

YI YI E P'ENG MENG são lendários mestres do arco e flecha.

YU o Grande Terceiro dos três imperadores sábios, trabalhou anos a fio para drenar a "grande enchente" (drenar e controlar o delta e os estuários do rio Amarelo) e, como recompensa, recebeu de Shun o trono. Legou-o ao próprio filho, iniciando assim a dinastia Hsia, o primeiro (proto-histórico?) período de governo de homens comuns.

YUEH Antigamente, estado identificado à costa sudeste da China moderna. Vivia proverbialmente em guerra contra o seu vizinho, Wu.

—